

**OPOSIÇÕES ASPECTUAIS EM PORTUGUÊS COMO L2
O CASO DOS FALANTES DE RUSSO EM CONTEXTO DE IMERSÃO**

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	6
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – LÍNGUA SEGUNDA: CONCEITOS FUNDAMENTAIS	10
1 Aquisição	11
2 Contexto de Imersão	14
3 Língua Materna	18
4 Transferência Linguística	21
CAPÍTULO 2 – ASPECTO VERBAL	28
1 Definição	29
2 Sistema Verbal Português.....	33
2.1 Presente Real ou Presente Habitual.....	34
2.2 Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito	36
2.3 Outros Valores do Pretérito Imperfeito do Indicativo.....	37
2.4 Tempos Compostos	39
2.5 Pretérito Mais-que-Perfeito Simple e Composto.....	39
2.6 Originalidade do Pretérito Perfeito Composto português	40
2.7 Valores Aspectuais Coadjuvantes do Sistema Verbal: os Adverbiais Temporais	43
3 Sistema Verbal Russo.....	48
4 Classificação de algumas Oposições Aspectuais	51
4.1 Oposição entre Formas Perfectivas e Formas Imperfectivas	51
4.1.1 Expressão da Perfectividade	52
4.1.2 Expressão da Imperfectividade	55
4.2 Oposição Pontual/Durativo	58
4.3 Situações Télicas e Situações Atélicas.....	61
4.4 Aspecto Expresso por Perífrases	65

4.5	Hipótese de Reconhecimento da Noção Aspectual Imperfectiva	69
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DADOS		72
1	Inquérito	73
1.1	Breve Descrição e Justificação da Estrutura	73
1.2	Dados Adicionais e Condições de Recolha.....	75
1.3	Perfil dos Informantes	76
2	Reagrupamento Temático das Questões.....	78
3	Análise do Reconhecimento de Valores Aspectuais	80
3.1	Formas Imperfectivas	80
3.2	Distinção entre Formas Simples e Compostas	82
3.3	Valores do Presente.....	83
3.4	Oposição entre Pretérito Perfeito Simples e Pretérito Imperfeito (Simples ou Perifrástico)	86
3.5	Valores de Formas de Pretérito Imperfeito	87
3.6	Perfectividade do Pretérito Mais-que-Perfeito.....	89
3.7	Imperfectividade do Pretérito Perfeito Composto.....	91
3.8	Imperfeito de Delicadeza	92
4	Algumas Correlações.....	92
CONCLUSÕES FINAIS		97
BIBLIOGRAFIA		103
ANEXOS		I
Anexo 1.....		II
Anexo 2.....		VIII

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar os nossos sinceros agradecimentos a um conjunto de pessoas, sem as quais não teria sido possível levar a termo o trabalho desenvolvido:

à Senhora Professora Doutora Isabel Poço Lopes e à Senhora Professora Doutora Maria Joana Vieira Santos, que, com dedicação, empenho e amizade, me orientaram;

ao Professor Doutor Vladimir Pliassov pelo seu interesse, pela disponibilidade, e pela participação na formulação de alguns exemplos em Russo;

à Doutora Olga Solovova e à Associação *Espaço Vivo* pela disponibilidade prestada aquando da procura de informantes;

aos responsáveis pelos CLAII (Centros Locais de Apoio à Integração do Imigrante), pela sua colaboração durante o processo de recolha de dados.

aos informantes que gentilmente aceitaram responder ao inquérito.

Agradeço especialmente ao meu marido, pais, irmã, e a toda a família (em particular, à minha tia e primo) pela ajuda preciosa que me prestaram, sempre com palavras de incentivo que me animaram nesta caminhada.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação alicerça-se numa investigação que levámos a cabo sobre o reconhecimento de oposições aspectuais em Português Língua Segunda por parte de falantes de Russo em contexto de imersão. Uma área como a do Aspecto, cuja expressão formal obedece a critérios particulares de organização do sistema verbal de cada língua, levou-nos a questionar o seu reconhecimento por este tipo de falantes, interessando-nos, pois, os seus juízos de gramaticalidade acerca da expressão de valores e oposições aspectuais em Português.

A motivação que conduziu a este percurso de investigação partiu de uma possibilidade de confrontação entre a expressão do Aspecto em Russo e em Português, a propósito da qual surgiram, prontamente, interrogações sobre facilidades ou dificuldades que falantes de Russo pudessem revelar a respeito da aquisição do Aspecto em Português. Consequentemente, em virtude de este tipo de informantes possuir um conhecimento aspectual prévio, sendo o Aspecto a categoria responsável pela organização do sistema verbal da sua língua materna, procurámos averiguar se os inquiridos reconheceriam determinados valores aspectuais numa configuração linguística distinta. Assim, conduzimos a análise relacionando os juízos dos informantes sobre configurações do Aspecto em Português com condicionantes que julgámos serem pertinentes: o contexto real de comunicação e o contexto de aprendizagem.

Fundamentamo-nos num quadro teórico eclético relativamente à investigação linguística no domínio da aquisição de Língua Segunda. Como tal, foram consideradas

as linhas teóricas de autores como R. Ellis (2000), S. Gass e L. Selinker (1993; 2008) – seguindo de perto a síntese de De Bot, Lowie & Verspoor (2005) – linhas essas que se afiguraram pertinentes no âmbito da nossa investigação. Para o estudo sobre o Aspecto verbal, inspirámo-nos nas perspectivas teóricas de Comrie (1976) e de Cohen (1989).

Conduzimos a presente pesquisa linguística com dados extraídos de um inquérito em que constam algumas formas de expressão do Aspecto em Português, com o intuito de apurarmos dificuldades (ou facilidades) que este tipo de informantes declarasse, sob um ponto de vista semântico. Foram inquiridos 54 falantes adultos – um grupo heterogêneo que, na sua maioria, comunica em Português em contexto laboral/e ou relacional, sendo que alguns tiveram aprendizagem formal da língua e outros não.

A dissertação está organizada em 4 capítulos, constituindo os dois primeiros o suporte teórico da investigação: o capítulo 1 diz respeito aos conceitos fundamentais da investigação em Língua Segunda (um modelo teórico eclético, como dissemos), enquanto o capítulo 2 apresenta uma descrição da categoria verbal Aspecto e de oposições aspectuais. O primeiro explana os conceitos de Aquisição, Contexto de Imersão, Língua Materna e Transferência Linguística. O segundo apresenta a expressão do Aspecto no sistema verbal português (noções aspectuais afectas a alguns tempos verbais) e seus valores coadjuvantes (o caso de adverbiais temporais) e a expressão do Aspecto no sistema verbal russo. Ainda neste capítulo, analisa-se a classificação de algumas oposições aspectuais: oposição entre formas perfectivas e formas imperfectivas (de acordo com problemáticas adjacentes à expressão destes valores aspectuais); a oposição pontual/durativo; situações télicas e situações atélicas. Também explanamos aqui o Aspecto expresso por perífrases. Finalizamos o capítulo com a formulação de uma hipótese de reconhecimento da noção aspectual imperfectiva.

O capítulo 3 ocupa-se dos resultados da análise dos dados, recolhidos através de inquérito, e da ponderação de algumas pistas de interpretação, seguindo-se o estabelecimento de correlações entre índices de correcção e variáveis que considerámos relevantes: a aprendizagem formal da língua portuguesa, o contexto social e linguístico que envolve os falantes e a influência da sua língua materna.

Por último, em *Conclusões Finais*, condensamos algumas reflexões e correlações surgidas da investigação que empreendemos.

**CAPÍTULO 1 – LÍNGUA SEGUNDA: CONCEITOS
FUNDAMENTAIS**

1 Aquisição

O termo *aquisição*, comumente utilizado na terminologia de estudos linguísticos, está sujeito a várias interpretações devido, em parte, à natureza do objecto de estudo que a investigação sobre o processo de aquisição de uma língua envolve. Segundo R. Ellis (2000: 14), não existe consenso na definição do termo em virtude da abrangência do conceito. Abarcando significados diferentes, o alcance conceptual do termo *aquisição* pressupõe perspectivas várias.

Uma das utilizações restritas do termo é a que o distingue conceptualmente de *aprendizagem*: esta diz respeito a um processo consciente do estudo de uma língua por parte do aprendente/falante (isto é, a explicitação das regras que descrevem o sistema linguístico), enquanto *aquisição* se refere a um processo subconsciente de apreensão de uma língua (sem explicitação das regras, portanto) (cf. Ellis 2000: 14 e 356).

Repare-se que, para Krashen, “acquisition is a process similar, if not identical, to the way children develop ability in their first language” (*apud* De Bot, Lowie e Verspoor, 2005: 138). Esta delimitação do termo *aquisição* reduz o conceito a um processo inconsciente que conduz à competência linguística¹, processo similar entre adultos e crianças. Assim sendo, o conceito de aquisição de uma língua é aproximado, pelo autor, a uma gramática implícita do falante - exclusiva, em teoria, em falantes de língua materna, não necessitando de explicitação em contexto formal (isto é, aprendizagem em sala de aula) para ser usada. Dessa forma, o processo de aquisição torna-se, para linguistas como Krashen, semelhante à interiorização de uma gramática intuitiva, a qual dispensa a explicitação e a consciência metalinguísticas.

¹ Entendemos *competência linguística* como Ellis, seguindo Chomsky: representações mentais de regras linguísticas, que constituem a gramática interna do falante; ou seja, uma gramática implícita, mais do que explícita, sendo formulados por intuição do falante juízos de gramaticalidade (cf. Ellis, 2000: 12). Cf. também *infra* 3.

A alegação de que os adultos poderão aceder ao mesmo mecanismo natural de aquisição de uma língua de que as crianças fazem uso para adquirirem a sua língua materna torna a afirmação controversa, visto que aproxima o processo de aquisição de uma língua materna ao processo de aquisição de uma língua segunda por parte de adultos. Por um lado, acaba por não ter em conta as capacidades cognitivas superiores dos adultos (que incluem memória e conhecimento pragmático, entre outras), por outro, não explica o baixo sucesso que os adultos apresentam na aquisição de uma língua não materna, quando comparado com o das crianças.² Quanto à definição de *aprendizagem*, Krashen (*apud* De Bot, Lowie e Verspoor, 2005: 138) encara-a como “conscious knowledge of a second language, knowing the rules, being aware of them, and be able to talk about them”. Na linha de R. Ellis (2000: 14), de acordo com este ponto de vista, é possível os aprendentes “adquirirem” ou “aprenderem” regras independentemente e em fases separadas.

Apesar de Ellis atribuir uma certa validade à distinção *aquisição vs aprendizagem*, salienta a sua problematização, uma vez que não será fácil discernir e demonstrar com exactidão dois tipos de conhecimento com natureza diferente.³

Alguns linguistas, entre eles Ellis, utilizam os dois termos indiferenciadamente. Outros partilham a opinião de que a distinção é problemática devido à aplicação dos termos *subconsciente* e *consciente* como caracterizadores do processo de aquisição/aprendizagem de uma língua.⁴ Consideram estes últimos que a utilização do termo *subconsciente* estaria relacionada com a falta de capacidade do aprendente em explicar de forma exacta o porquê da correcção das formas que utiliza. Assim sendo, definem a própria *aquisição* como “a natural process of growth of knowledge and skills in an language without a level of metaknowledge about the language, while learning is seen as an artificial process in which the ‘rules’ of a language are focussed on” (De Bot, Lowie e Verspoor, 2005: 8).

² Ver, a este respeito, a apresentação didáctica de De Bot, Lowie e Verspoor (2005: 129).

³ Cf. R. Ellis (2000: 14). O autor sugere abordar a questão aludindo a uma distinção menos problemática do que a de *aquisição/aprendizagem*, que é a distinção entre conhecimento *implícito* e conhecimento *explícito*. Isto porque esta distinção não repousa sobre a forma como o conhecimento foi interiorizado, mas sobre a forma como o conhecimento de L2 é representado e usado pelos alunos.

⁴ Cf. novamente De Bot, Lowie & Verspoor (2005: 141).

No que toca a uma possível interacção entre aquisição e aprendizagem, Krashen não concorda com o facto de a aprendizagem conduzir à aquisição, por tal hipótese não chegar a ser demonstrada. Na verdade, Krashen não provou que a apresentação e explanação de regras não poderá facilitar a aquisição de uma segunda língua; apenas explanou o raciocínio de que a aprendizagem não precisa de preceder a aquisição (vd novamente De Bot, Lowie e Verspoor, 2005: 141).

Segundo o ponto de vista de S. Gass e L. Selinker (2008: 81), a definição do termo *aquisição* “might range from linguistic knowledge to the ability to use that knowledge in speech and the ability to process language in real time”. Trata-se de uma delimitação conceptual que abrange tanto a posse do conhecimento linguístico que um aprendente tem de uma determinada língua como a aplicação dessa mesma informação no seu discurso. Nesta definição abrangente, poder-se-ão incluir, como explanam os referidos autores, definições diversas de aquisição de uma forma/estrutura, desde que digam respeito ao uso correcto de determinadas estruturas em determinados contextos, considerados necessários.

Tendo sido referidas várias perspectivas que abrangem significações do termo *aquisição*, é de salientar a sua utilização na investigação linguística da aquisição de uma segunda língua. Antes de mais, importa diferenciar o que se entende por *aquisição de uma segunda língua* contrapondo este conceito a outro – *aquisição de uma língua estrangeira*. A diferença consiste no papel que a língua em questão desempenha institucional e socialmente na comunidade: se se trata da aquisição de uma língua oficial (apesar de não materna), referimo-nos a uma segunda língua (ou L2); se se trata de casos em que a língua (não desempenhando um papel na comunidade) é apreendida em contexto primordialmente formal, ou seja, em contexto de sala de aula, referimo-nos a uma língua estrangeira (cf. Ellis, 2000: 11-12).

Resumindo, em termos de investigação da aquisição de uma segunda língua, existe alguma discordância por parte dos linguistas no que toca ao escopo que define o termo *aquisição*. Estando este escopo relacionado com a natureza dos dados considerados para análise (sejam eles referentes à produção dos aprendentes, a intuições, ou introspecções dos mesmos), o conceito de aquisição varia segundo aquilo que o investigador considera como uma evidência do processo de aquisição – a precisão

do uso de determinadas estruturas em contextos necessários ou com uma emergência de funcionalidades, critérios predefinidos na investigação (cf. Ellis, 2000: 14).⁵

No contexto da presente dissertação, a evidência desse processo de aquisição será amplamente condicionada pela natureza dos dados recolhidos, pelo que se tornará, em muitos casos, difícil distinguir se o domínio de certas estruturas, traduzido no reconhecimento que os informantes fazem delas, significa aquisição, ou é, ao invés, resultado de um processo de aprendizagem (ver cap. 3, especialmente 3. e 4.).

Após termos referido diferentes abordagens, considerámos como adequada a interpretação do termo *aquisição* fornecida por Ellis (2000: 692), que aproveitou o uso do termo por Krashen: “spontaneous and incidental process of rule internalization that results from natural language use, where the learner’s attention is focused on meaning rather than on form”.

Por outro lado, e para terminar este ponto, devemos ainda esclarecer que o termo *aprendizagem formal* será o adoptado para denominar a *aprendizagem em contexto de aula* (correspondente à explicitação das regras do sistema linguístico português). Diferenciá-lo-emos de *domínio*, ou, melhor dizendo, *reconhecimento* de determinadas funcionalidades do Português em contexto informal/ contexto de imersão. A distinção que acabámos de fazer entre *aquisição* e *aprendizagem* é crucial, na medida em que o domínio, ou o reconhecimento das oposições aspectuais em português por parte de falantes de língua materna russa (ou ucraniana) poderá configurar-se tanto como um problema de aquisição como de aprendizagem.⁶

2 Contexto de Imersão

O contexto social e linguístico que rodeia os aprendentes desempenha um papel fundamental, senão ímpar, na aquisição de uma segunda língua (L2). Podendo influenciar o nível de proficiência numa L2, torna-se uma possível fonte de análise para

⁵ Alguns investigadores consideram que existe aquisição quando ocorre uma “emergência” de uma funcionalidade pela primeira vez, enquanto outros a consideram como “uso preciso”, ou seja, quando é apresentado um nível de precisão predeterminado (90%, por exemplo) (cf. Ellis, 2000: 14).

⁶ Não aprofundaremos este assunto, mas fica a sugestão de investigação.

a investigação do processo de aquisição, o que será, em certa medida, confirmado pelo inquérito que acompanha a presente dissertação (vd anexo 1).

À semelhança dos conceitos anteriores, sendo o termo *imersão* diversamente utilizado na investigação de aquisição de uma segunda língua, poderá assumir várias acepções. Inicialmente foi utilizado para se referir a “*Canadian French immersion programmes*”, em que elementos de um grupo maioritário (falantes nativos de Inglês) eram ensinados em Francês (a língua de um grupo minoritário) (Ellis, 2000: 226).⁷ Assim, Ellis considera “*immersion education programmes*” programas educacionais em que a L2 não é objecto de ensino como uma disciplina separada, mas sim usada como meio de instrução para ensinar o conteúdo de outras disciplinas (2000: 706).

Tendo em conta a avaliação feita de vários programas deste tipo, poder-se-á concluir que imersão total produz melhores resultados do que imersão parcial, e que a imersão precoce é melhor do que a tardia (Ellis, 2000: 226). Assim sendo, este mesmo raciocínio justifica a aquisição de uma L2 por parte de aprendentes mais novos (caso das crianças) que, integrados mais cedo na comunidade linguística, alcançam uma competência linguística não comparável à dos aprendentes adultos. Nesse sentido, o grau de imersão na comunidade linguística por parte de aprendentes adultos revelar-se-á essencial na sua aquisição da L2.⁸

Outras acepções do termo associam-no a uma distinção entre *contextos educacionais* e *contextos naturais* nos quais se processa a aquisição (R. Ellis, 2000: 24-25).

Em termos de *contextos educacionais*, deparamo-nos com variados cenários que cobrem o contexto social de aquisição, e se distinguem por envolverem, de alguma forma, segregação entre a L2 e outras línguas já conhecidas, nomeadamente a primeira (L1), pelo estatuto que estas transportam. Dentro dos contextos educacionais,

⁸ O mesmo raciocínio poderá ser transposto para a situação em que se encontram os aprendentes de uma L2 em Portugal: se estes se encontram totalmente imersos na comunidade, estarão mais bem capacitados para interagirem comunicativamente; se foram introduzidos na comunidade linguística ainda em crianças, a aquisição é mais precoce do que em adultos, resultando daí um maior conhecimento linguístico.

destacamos aquele que compreende aprendentes com uma L1 dotada de um estatuto elevado (uma língua *high*, portanto), aprendentes esses ensinados numa L2 por um professor bilingue.⁹

Contrastam os contextos acima referidos com os *contextos naturais* em que a L2 é normalmente usada para propósitos comunicativos do dia-a-dia (Ellis, 2000: 715). Assim, ao falarmos de ‘contextos naturais’ neste âmbito, referimo-nos a “cenários” onde ocorre a aquisição de uma L2 – a rua e o local de trabalho. De acordo com esta última noção estará a delimitação conceptual de *contexto de imersão* que adoptaremos nesta dissertação: o contexto social e linguístico no qual o aprendente adquire a L2 exclusivamente pela interacção comunicativa (cf. cap. 3, 1.3).

Segundo Ellis (2000: 12), com base no facto de a língua ser aprendida através da comunicação, em situações sociais e de uma forma natural, essa aquisição é caracterizável como natural (*naturalistic second language acquisition*), sendo esta diferenciada da que se processa por via de instrução formal, em salas de aula e com orientação (*instructed second language acquisition*).

Na linha de Klein, conforme explana Ellis (2000: 12), esta distinção é abordada a partir do ponto de vista psicolinguístico e diz respeito à aquisição *espontânea* e aquisição *guiada*: na primeira, relativa a uma aquisição natural, o aprendente foca-se na comunicação, aprendendo incidentalmente a língua; enquanto na segunda, por via da instrução, o aprendente foca-se em aspectos específicos do sistema da língua. Para Ellis (2000: 12), a distinção será mais bem encarada a partir do ponto de vista sociolinguístico, uma vez que poderá reflectir os contextos e as actividades em que os aprendentes participam. Considera ainda que seria erróneo assumir como subconsciente uma aquisição natural, bem como consciente uma aprendizagem formal, por via da instrução. Para o autor, continua em aberto a questão de saber se o processo de aquisição é o mesmo ou diferente em ambientes naturais ou em contexto de sala de aula.

Esta questão assume grande pertinência no âmbito da presente dissertação, uma vez que fará parte das linhas que procurámos seguir – observar possíveis diferenças

⁹ Sobre “*educational settings*” veja-se a explanação de Ellis (2000: 25). Um destes contextos educacionais é o de ‘submersão’, relativo a aprendentes de L2 ensinados em turmas em que os falantes de L1 são dominantes (os alunos de origem africana em Portugal - exemplo nosso). Outro contexto educacional é o de turmas de línguas estrangeiras, ao qual corresponde o ensino formal de uma língua estrangeira (por exemplo, o ensino da língua portuguesa na Rússia).

entre os dados de informantes com aprendizagem formal da língua portuguesa e os dados dos que apenas se encontrem em contexto natural de aquisição (ou seja, em contexto de imersão, cf. cap. 3).

Se o ensino de correcção formal tem efeitos significativos, parece ser, no entender de P. Corder, um tanto duvidoso, justificando-se antes pelo facto de que o conhecimento de uma língua se desenvolve em grande parte autónoma e independentemente do ensino específico (cf. Corder, 1993: 18).

Tendo sido a natureza da sequência do desenvolvimento da aquisição um dos escopos da investigação em aquisição de uma L2, alguns focados na influência do *input* ou na frequência da interacção comunicativa, Corder considera que “at the earlier stages, the developmental sequence of acquisition is largely autonomous and independent of outside influences and seems to be essentially the same for both adults and children whether receiving instruction or not” (cf. Corder, 1993: 20).

Reconhecemos que, no âmbito do nosso trabalho, teria sido mais fácil observar se o contexto formal de aprendizagem (instrução formal) influenciava ou não o informante para reconhecer determinadas funcionalidades do Português – no caso concreto, as aspectuais. Contudo, poderão ter sido influências externas que actuaram directamente nesse reconhecimento – entre elas, o contexto informal. Assim sendo, ao constatarmos uma não influência da instrução formal, poderíamos considerar, em relação aos que não a tiveram e que com sucesso responderam ao inquérito, a forte possibilidade de o contexto de imersão ter facilitado um eventual processo de aquisição (cf. cap. 3).

Em suma, o contexto social em que se processam as situações comunicativas constitui um factor de ordem externa, extralinguístico, que influencia a aquisição da L2 (em conjunto com outros factores externos – como a interacção e o *input*¹⁰). Tendo sido salientado o papel que o contexto de imersão desempenha na aquisição de uma L2, tornou-se evidente que uma aprendizagem incidental focada na comunicação com falantes nativos facilitará a aquisição. Assim sendo, poder-se-á relacionar o grau de

¹⁰ Repare-se que a quantidade de *input* a que o aprendente está exposto influencia o desenvolvimento da sua competência comunicativa, assim como a natureza do mesmo, ao qual o aprendente tem acesso. Note-se que numa situação de comunicação características extralinguísticas também determinam a produção de enunciados em L2, como, por exemplo, o grau de formalidade ou de intimidade entre os falantes.

imersão do aprendente no contexto social em que se insere com o nível de proficiência em L2 que este apresenta.

3 Língua Materna

O termo *língua materna* (LM) diz respeito à primeira língua que uma criança aprende, sendo esta também conhecida como L1 ou como língua nativa (Gass e Selinker, 2008: 7).

O papel que poderá desempenhar a língua materna do aprendente no processo de aquisição de uma segunda língua tem sido largamente discutido por diversas posições teóricas. Conforme paradigmas de determinadas abordagens linguísticas que estiveram em voga, o papel da influência da LM sobre a aquisição da L2 tem oscilado ao longo de perspectivas históricas da investigação linguística, algumas baseadas numa análise de erros na L2 produzidos pelo aprendente, como veremos de seguida.¹¹

Tendo em conta a tradição behaviorista, a aprendizagem de uma língua era considerada um reflexo de formação por hábito; assim sendo, “hábitos antigos” de aprendizagem da LM seriam reutilizados na aprendizagem da L2, e a aquisição de L2 processar-se-ia por repetição de “hábitos novos” (pertencentes à L2), (De Bot, Lowie e Verspoor, 2005: 34). Desde esta altura, o papel da LM tem sido reconsiderado na aquisição de L2, com base na forma como se encaram os erros na língua-alvo por parte do aprendente.

Uma posição mentalista, tomada por Chomsky, que valorizava a criatividade na aquisição de uma língua (ao invés de uma “formação por hábito”), trazia a lume o conceito de *Universal Grammar*¹², uma gramática subjacente a todas as línguas, e o de um dispositivo mental para aprender línguas (*Language Acquisition Device*), que dirige o processo de aquisição e contém informações sobre a possível forma que a gramática

¹¹ Para a breve explanação do papel da língua materna que perpassa pelas perspectivas históricas, veja-se, entre outros, a obra didáctica de De Bot, Lowie e Verspoor (2005), mas sobretudo S. Glass e L. Selinker (1993) e R. Ellis (2000).

¹² Ellis (2000: 727) define o termo UG usado por Chomsky como “the abstract knowledge of language which children bring to the task of learning their native language, and constrains the shape of the particular grammar they are trying to learn. Universal grammar consists of various principles which govern the form grammatical rules can take.” É essa a acepção que será aqui utilizada.

de qualquer língua pode assumir (Ellis, 2000: 711). Assim, estariam contidos nesse dispositivo *universais linguísticos*, um conhecimento inato que ajudaria o aprendente a descobrir as regras da língua-alvo (Ellis, 2000: 33). Segundo esta perspectiva, o papel da LM seria determinante para o processo dinâmico de substituição de regras, uma vez que a L1 constituiria uma matriz mental de uma estrutura já sistematizada que serviria de acesso a uma formulação de regras novas, ainda não processadas, da L2.¹³

De acordo com uma perspectiva fundada em uma análise contrastiva entre a L1 e a L2, na qual são observados erros que o aprendente comete na L2, não existiam dúvidas quanto ao facto de a LM influenciar a aquisição de L2. Note-se que esta abordagem deriva de uma preocupação com os erros do aprendente, que, no desempenho em situações formais, eram considerados preocupantes num ensino da língua focado na competência linguística de um nativo (cf. Corder, 1993: 18-19).

Uma nova ênfase à influência da LM sobre a língua-alvo terá sido dada quando a perspectiva de Gass e Selinker utilizou o termo *language transfer* (De Bot, Lowie e Verspoor, 2005: 34) (*vd infra*, 1.4). Contudo, de acordo com Corder (1993: 20), a existência de fenómenos não reconhecidos na teoria da transferência linguística, demonstrativos de uma determinada influência da língua materna – como o evitar traços característicos da língua-alvo que não existem na sua língua materna (os artigos, por exemplo),¹⁴ – levam-no a considerar o campo de acção da LM mais alargado do aquele que concerne apenas eventuais processos de transferência.

Assim, segundo o autor acima mencionado, a teoria da transferência terá atribuído um papel muito limitado à influência da LM no processo de aquisição de uma língua segunda, o que, de uma certa forma, tornou simplista o complexo processo, tendo sido, desde então, recorrentemente aplicadas utilizações abusivas do termo *transfer* desenquadradas da particular teoria que o havia cunhado.

¹³ De acordo com esta perspectiva, os erros eram vistos tanto como uma forma de conceber os métodos de ensino adequados ou como uma maneira de descobrir os princípios da Gramática Universal (cf. De Bot, Lowie e Verspoor, 2005: 34).

¹⁴ Note-se que este é o caso das LM do público-alvo do presente trabalho de investigação (o Russo ou o Ucrainiano), que não contêm artigos. Não cabendo estes fenómenos de ausência de elementos característicos da L2 na noção de processo de transferência, são, portanto, fenómenos indicativos de “*mother tongue influence*”, termo que Corder sugere (*vd* 4.).

O conhecimento da LM, como elemento cognitivo que faz parte do processo de aquisição de uma L2, constitui, no entender de Corder (1993: 21), um factor interno que afecta a ordem do processo de desenvolvimento da aquisição¹⁵ – posição corroborada pela relação entre a natureza da LM e a língua-alvo (uma aquisição de L2 mais fácil e rápida ou mais difícil e lenta conforme a similitude ou a distância linguísticas que existe entre ambas). Por outro lado, estudos empíricos parecem não atribuir um papel decisivo à LM em se tratando de fases anteriores do processo de desenvolvimento da aquisição. Pelo contrário, no que toca a um desenvolvimento posterior, o autor inclina-se fortemente para uma actuação da LM no processo de aquisição, dada a relação entre a velocidade de aquisição de L2 e a distância linguística com a LM, justificada, precisamente, pela facilidade que aprendentes de uma LM aproximada geneticamente da língua-alvo apresentam no processo de aprendizagem da mesma.

Repare-se que para um aprendente adulto, possuidor de uma experiência de aprendizagem de uma língua, o processo de aquisição de uma L2 é encarado com base em um conhecimento generalizado do que uma língua representa (o seu potencial gramatical e as suas funções comunicativas), ao contrário da criança, inexperiente e ainda em processo de aquisição da sua LM (cf. 1).

Tem sido referido que faz parte da competência nativa uma simplificação da gramática da LM, o que Corder (1993: 24-25) explana como o conhecimento do simples código de base criado pelos próprios aprendentes em etapas de aquisição da L1. Assim, de acordo com a sua sugestão (1993: 25), o ponto de partida para um desenvolvimento contínuo de aquisição de uma L2 seria a gramática básica, simples e possivelmente universal, no sentido chomskiano (*vd supra*). Uma LM despojada das propriedades e funcionalidades específicas que a caracterizam poderá servir de apoio a uma formulação mental de estruturas de uma nova língua, o que poderia explicar, de certa forma, uma simplificação linguística no discurso do aprendente de L2.

Em suma, sendo o conhecimento da LM uma representação mental de regras linguísticas implícita ao aprendente, poder-se-á afirmar que este conhecimento prévio será um factor interno no processo (cognitivo) de desenvolvimento da aquisição da L2,

¹⁵ Outros factores que poderão afectar o processo interno serão os factores afectivos, entre eles a motivação.

dados tratar-se, em certa medida, de um ponto de partida para o processo dinâmico e contínuo de reestruturação de formas e de sentidos (ou, pelo menos, como ponto de partida para uma interlíngua) que resulta na aquisição/aprendizagem da língua-alvo. Por essa razão, julgamos que a LM desempenha um papel utilitário no processo de aquisição de uma outra língua, não obstante a relação de distância ou de aproximação linguísticas entre ambas.

4 Transferência Linguística

O termo *transferência* é utilizado no estudo sobre a aquisição de uma L2 para caracterizar a transferência de elementos característicos de uma língua no contexto de uso de outra.

Como dissemos anteriormente (cf. *supra* 3.), a aplicação do conhecimento prévio da LM ao processo de desenvolvimento da aquisição de uma L2 poderá revelar fenômenos reconhecidos como *transferência linguística*. Dir-se-ia, aparentemente, que a relação tipológica entre a L1 e a L2 seria determinante para o fenômeno ser considerado positivo ou negativo, dependendo da semelhança ou diferença entre os dois sistemas linguísticos.¹⁶

Através de uma análise contrastiva entre a L1 e a L2, têm sido observados erros cometidos pelo aprendente na L2, que evidenciarão a aplicação de elementos da L1, o que seria contraproducente para o desenvolvimento da aquisição da língua-alvo ou L2. Por outro lado, constatou-se que também aspectos semânticos da LM poderiam influenciar positivamente o processo de aquisição da L2. O termo *language transfer*, utilizado por Gass e Selinker, dá conta de ambos os fenômenos: possíveis vantagens na compreensão (e produção) da L2 se se estabelecerem relações de sentido (e/ou de estrutura) entre a língua nativa e a língua-alvo (*transfer positivo*) e desvantagens – efeitos negativos na aquisição da L2 pela transferência de elementos da L1 (*transfer negativo*). Haverá assim influência da L1 na aquisição de L2, embora não se encare a LM como ponto de partida para a análise de erros em L2, e sim a *interlíngua* do aprendente, que seria comparada com a língua-alvo. De acordo com Corder (1993: 22-

¹⁶ No entanto, mesmo no caso de duas línguas geneticamente próximas poderão ocorrer transferências negativas de itens lexicais, os chamados ‘falsos amigos’.

23), o termo *interlanguage*, cunhado por Selinker, refere-se a um sistema intermédio entre a LM e a L2, ou seja, um sistema que, derivado de um processo de reestruturação da língua materna (um processo de substituição de regras), se vai aproximando progressivamente da língua-alvo.

Gass e Selinker (1993: 6) reconhecem formas da interlíngua como resultantes de um conhecimento prévio linguístico que interage com a língua-alvo, podendo então este processo ser apelidado de positivo, negativo ou neutro (ao invés da atribuição de processos separados – transferências positiva, negativa e neutra).

Segundo estes autores (1993: 7-8), E. Kellerman, na busca de princípios envolvidos naquilo que considera *transferability of linguistic elements*, salienta restrições ao fenómeno *transferência* que ultrapassam a semelhança (ou dissemelhança) entre as línguas em questão – entre elas, a escolha consciente do aprendente para transferir ou não elementos linguísticos. Como factores intervenientes no processo de transferência, são referidos a percepção do aprendente sobre a natureza da L2 e o grau de marcação de uma estrutura da L1.

Ainda para Gass e Selinker (1993: 7-8), são abordadas por Kellerman, na busca de princípios envolvidos naquilo que considera *transferability of linguistic elements*, restrições ao fenómeno *transferência* que ultrapassam a semelhança (ou dissemelhança) entre as línguas em questão – entre elas, a escolha consciente do aprendente para transferir ou não elementos linguísticos. Como factores intervenientes no processo de transferência, são referidos, pelos autores, a percepção do aprendente sobre a natureza da L2 e o grau de marcação de uma estrutura da L1.

À medida que os aprendentes vão adquirindo a língua-alvo, a percepção que têm sobre a distância entre a L1 e a L2 muda, tornando o conceito de *transferability* relativo. Assim, o conhecimento prévio do aprendente, sendo variável, não inclui só informação da L1, mas também o conhecimento de outras línguas e o que tem vindo a ser adquirido da língua-alvo (ou seja, inclui o desenvolvimento de conhecimento de uma L2), (Gass e Selinker, 1993: 8-9).

Quanto à marcação linguística de algumas estruturas da L1, segundo Ellis (2000: 335), os aprendentes tendem a transferir formas não marcadas da L1, por um lado; por outro, resistem à transferência de formas marcadas de L1 (Ellis admite, todavia, que nem todas as pesquisas seguem a mesma direcção). De facto, a percepção

metalinguística de que determinadas características de estruturas da L1 são traços específicos, singulares na generalidade das línguas, poderá levar os aprendentes a evitarem a reprodução desses traços na L2.

Como havíamos referido (cf. *supra* 3.), Corder alertou para o facto de fenómenos não incluídos no conceito (definido até então) de *transferência* – nomeadamente a omissão intencional de determinados traços particulares da L2, inexistentes na L1 (os artigos ou as preposições, por exemplo) – serem resultantes de uma *influência da língua materna*.¹⁷ O autor sugere este termo mais abrangente e neutro para suprir lacunas afectas ao termo *transfer*, cuja delimitação conceptual restringia o fenómeno.

Partindo de uma escolha do aprendente, o cuidado que este terá na aplicação do conhecimento da L1 na produção de L2 poderá reflectir expectativas sobre diferenças que aquele espera que existam entre os sistemas linguísticos de L1 e de L2. Assim, em casos de proximidade linguística entre línguas, o aprendente poderá não explorar semelhanças entre ambas, precisamente pelo receio de transferir erradamente informações de uma L1 que é próxima de uma L2 (Kellerman, *apud* De Bot, Lowie e Verspoor, 2005: 130 e 136).

Um outro fenómeno revelador da influência da LM que não se encaixa no recorte conceptual de *transferência*, designado por Ellis de *over-use*, diz respeito a um uso excessivo de determinadas estruturas da L2, potencializado pela sua aplicação num grande número de contextos (não sendo o mesmo uso verificado em produções de falantes nativos)¹⁸. Repare-se que *over-use* tanto poderá significar uma preferência por uma forma da língua-alvo em detrimento de outras formas, ou uma generalização contraproducente (aquilo a que vulgarmente chamamos erros) (cf. Ellis, 2000: 305-306 e 717).

¹⁷ No âmbito da presente dissertação convém notar (cf. novamente *supra*, nota 14) que os informantes poderão eventualmente apresentar estes fenómenos na língua-alvo – o Português – precisamente porque a sua LM (o Russo ou o Ucraniano) não contém artigos; da mesma forma, a omissão de possessivos em fases iniciais do desenvolvimento da aquisição do Português poderá indiciar uma influência da língua materna.

¹⁸ Ellis (2000: 305) considera que: “(...) learners may demonstrate a preference for words which can be generalized to a large number of contexts”. Refere ainda que: “Over-use can also result from transfer – often as a consequence of avoidance or underproduction of some ‘difficult’ structure”.

Resumindo, Ellis (2000: 341) aborda a questão: “Transfer is to be seen as a general cover term for a number of different kinds of influence from languages other than the L2. The study of transfer involves the study of errors (negative transfer), facilitation (positive transfer), avoidance of target languages forms, and their over-use.” Ainda no entender deste autor (Ellis, 2000: 315-336), alguns factores restringem a transferência: a marcação linguística; a distância entre as línguas; o nível linguístico no qual ocorre o fenómeno; os estágios de desenvolvimento da aquisição; factores sociolinguísticos.¹⁹ Como foi dito, a percepção que o aprendente tem da distância entre as línguas poderá ser mais importante para a restrição do fenómeno do que a distância real (2000: 335).²⁰

Também o nível linguístico em que a transferência se verifica limita a transferência de elementos linguísticos, sendo os níveis fonológico, lexical e do discurso mais permeáveis à ocorrência de influências. Por isso, o fenómeno é mais evidente do que no nível gramatical, devido, segundo Ellis (2000: 334), a uma consciência metalinguística do aprendente. De facto, por se tratar de um sistema que obedece a regras estabelecidas, a gramática de uma língua parece ao aprendente, em certa medida, inalterável.

Quanto a factores sociolinguísticos que poderão restringir o fenómeno em causa, é destacado o contexto social – em contexto de salas de aula a transferência negativa é menos habitual do que em ambientes naturais. De facto, torna-se menos provável a sua ocorrência em contextos comunicacionais focados na preocupação em manter a correcção das produções dos falantes.

Independentemente de a transferência assumir um papel directo ou indirecto na aquisição da L2, pela aprendizagem ou pela comunicação, para o aprendente o importante é cumprir com sucesso os seus propósitos comunicativos, algo conseguido, na sua óptica, se obtiver um *feedback* positivo dos interlocutores nativos.

¹⁹ Para Ellis (2000: 317), outros factores que designa de *não-estruturais* – diferenças individuais entre aprendentes (como a personalidade e a idade) e a natureza das tarefas comunicativas (aspectos pragmáticos) – também poderão coarctar a transferência.

²⁰ Ellis (2000: 327) partilha a opinião de que a distância entre línguas poderá afectar a aprendizagem de L2 através da transferência positiva ou da transferência negativa, embora assuma que um aprendente tem mais facilidade em adquirir uma L2 linguisticamente semelhante à sua L1.

A compreensão por parte de falantes nativos das intenções comunicativas do aprendente, quando produzidas determinadas estruturas em L2 (sejam elas, ou não, resultado de transferências), poderá, no entanto, significar condescendência da parte dos falantes nativos. A ausência de um *feedback* adequado a formas erradamente produzidas pelo aprendente será um dos factores que impossibilitam a progressão da aprendizagem da L2, juntamente com uma necessidade de comunicar antes mesmo de terem sido adquiridos meios linguísticos suficientes (Schachter, 1993: 34).

Esta estagnação de estruturas na produção de L2, que poderá ser reveladora de um estágio de paralisação do desenvolvimento da competência linguística em L2, chama-se *fossilização*. Selinker (*apud* De Bot, Lowie e Verspoor, 2005: 17-18) considerou que: “fossilizable linguistic phenomena are linguistic items, rules and subsystems which speakers of a particular NL [native language] will tend to keep in their IL [interlanguage] relative to a particular TL [target language], no matter what the age of the learner or amount of explanation and instruction he receives in the TL”.

O facto de os aprendentes de L2 adultos e imigrantes – caso dos informantes da presente dissertação – repetirem, com persistência, certas estruturas linguísticas que estão aquém das pretendidas numa competência nativa (não chegando a atingir estruturas da língua-alvo, independentemente de apresentarem uma fluência elevada em L2) conduziu a uma ligação entre os conceitos de *transferência* e *fossilização*, estabelecida por uma relação de causa-efeito (Selinker e Lakshmanan, 1993: 197-214). Na proposta – *The Multiple Effects Principle*²¹ – constituída por princípios que possam prever a ocorrência da fossilização, os autores defendem que a transferência é quase sempre um dos factores relevantes.

Como dissemos, a transferência poderá ser limitada pela ocorrência de factores baseados em diferenças individuais que também poderão ser a causa para a fossilização, entre eles, a idade, a atitude e a motivação do aprendente.

De acordo com a opinião generalizada no âmbito da investigação linguística sobre a aquisição de uma segunda língua, a idade dos imigrantes adultos não será uma condição facilitadora para a aquisição de uma L2, e, de certa forma, poderá promover a

²¹ *The Multiple Effects Principle* é definido da seguinte forma: “when two or more SLA factors work in tandem, there is a greater chance of stabilization of interlanguage forms leading to possible fossilization” (Selinker e Lakshmanan, 1993: 198).

fossilização. Ainda assim, se as estruturas da sua interlíngua (resultantes, ou não, de transferências), ainda distantes das estruturas da língua-alvo, funcionarem na comunicação, comodamente serão repetidas, podendo os falantes não sentir necessidade de uma aprendizagem formal da língua-alvo, nem se sentirem motivados para isso,²² uma vez que a gramática elementar de L2 que possuem se revela operacional como estratégia comunicativa.

Mais uma vez, estamos em crer que a condescendência da comunidade nativa para com a performance linguística dos falantes, aliada à falta de uma resposta correctora, os priva de progredir linguística e comunicativamente na L2. Por essa razão, supomos que o contexto seja mais determinante do que a transferência linguística para uma fossilização da gramática do imigrante, ainda que ambas as condicionantes possam contribuir cooperativamente para essa estagnação de estruturas.

Para rematar, após a discussão sobre o conceito de transferência e as contingências que o rodeiam, justifica-se que utilizemos na presente dissertação, em vez de transferência, um termo mais amplo e neutro – *influência* (Corder, 1993: 9) – para caracterizar supostas aplicações de recursos da L1 ou de outras línguas sobre a L2. Deste modo, a conjectura de ocorrência dessa influência (positiva ou negativa) do conhecimento prévio do aprendente, que formularemos na análise dos dados, partirá da suposição de existência de características estruturais e de relações de sentido que poderão ser a explicação para determinados fenómenos de correcção ou de incorrecção, quando as outras variáveis em causa – a *aprendizagem formal* e o *contexto de imersão* – não demonstrarem ser tão relevantes quanto a influência de outras línguas.

Com efeito, reconhecendo a transferência linguística como um factor de ordem interna²³, isto é, não dependente do contexto, imputável ao falante, e admitindo que o mesmo não será de fácil análise num primeiro nível, pela sua natureza irregular, acidental e idiossincrática, apenas podemos inferir, pelos dados extraídos nesta dissertação, uma possível influência da língua materna (no nosso caso, o Russo ou o

²² Seguindo Ellis, De Bot, Lowie e Verspoor (2005: 18) referem que a falta de desejo de aculturação numa nova sociedade poderá contribuir para uma carência de motivação. Na maior parte dos casos, uma atitude positiva para com a L2 e a sua comunidade fortalecerá a motivação (cf. De Bot, Lowie e Verspoor, 2005: 72).

²³ Outros factores de ordem interna, como os aspectos cognitivos e universais linguísticos, ambos relevantes na aquisição de uma L2, não são considerados no âmbito deste trabalho.

Ucraniano). Em se tratando de uma das variáveis possíveis e consideradas no trabalho de análise dos dados, sublinhamos que a utilização desta expressão resulta de um ponderar sobre possíveis manifestações de restrições que o conhecimento da língua nativa impõe à língua alvo, e sobre uma possível transferência de características de estruturas da língua materna (LM) que poderão explicar a actuação linguística positiva do inquirido.

Resumindo, tendo verificado que outros fenómenos, para além dos denominados por *transferência*, advêm igualmente do conhecimento prévio da LM e que não poderão ser desprezados, pelas razões expostas neste ponto, julgámos pertinente utilizar na análise de dados a expressão *influência da língua materna*, como uma das variáveis a considerar. Em todo o caso, não será desvalorizado no conhecimento prévio que o informante, imigrante adulto, possui, o conhecimento de outras línguas estrangeiras. Admitindo que o fenómeno não é de fácil análise, pelas restrições que o circundam (a marcação linguística; a distância entre as línguas; o nível linguístico; o desenvolvimento da aquisição de L2; factores sociolinguísticos e diferenças individuais), reconhecemos todavia que o seu estudo é da maior utilidade na investigação da aquisição de uma segunda língua, revelando-se particularmente pertinente na presente dissertação.

Por fim, observámos que, operando em conjunto com um contexto social e natural não corrector, a transferência poderá provocar a fossilização das estruturas linguísticas do aprendente de L2 adulto. Todavia, se for devidamente conduzida num contexto de aprendizagem, a transferência poderá ser aproveitada como uma vantagem para a compreensão da L2, servindo, então, como instrumento para o processo de aprendizagem. Assim sendo, consideramos o fenómeno fortemente condicionado pelo contexto que envolve o aprendente de L2.

CAPÍTULO 2 – ASPECTO VERBAL

1 Definição

Poderemos definir genericamente o Aspecto como uma categoria verbal que nos apresenta o modo como perspectivamos a estrutura temporal interna de uma *situação* (Cohen, 1989: 13). A observação na expressão verbal de uma situação a partir da sua circunscrição temporal interna revela-nos particularidades semânticas não expressas por outras categorias verbais, como o Tempo – que a situará num eixo cronológico – e o Modo – que informará sobre a atitude do locutor / enunciador face ao grau de certeza, por exemplo.²⁴

Em se tratando de uma abordagem à semântica de uma situação e seu desenrolar da acção do ponto de vista interno, surgirão diferentes informações que circunscrevem a situação em termos temporais, informações essas relativas à duração da situação, à repetição da situação, e às diferentes fases da situação. Tratar-se-á de um “tempo interno” da situação expressa pelo verbo, de uma “noção temporal interna” que não se relaciona com um momento externo à situação – o momento da enunciação (como acontece na categoria verbal Tempo²⁵).

Por se tratar de uma categoria verbal que atende ao funcionamento interno da situação, a observação de determinados limites temporais internos impostos pela situação caracterizará o tipo de Aspecto expresso verbalmente. É por via do Aspecto verbal que são expostas as diferenças semânticas entre formas de expressão verbal que nos permitem diferenciar sentidos aspectuais opostos – o sentido de uma situação terminada, concluída, do sentido situação não terminada, não concluída, entre outros.

²⁴ Este é um motivo que dá origem a uma das definições de Aspecto em que se reconhece como aspectual “tout ce qui dans le verbe ne relève pas du temps situé (non plus, bien entendu, que des catégories reconnues du mode, de la voix et de la personne)” (Cohen, 1989: 16).

²⁵ Cf. Comrie (1976: 1-2) sobre uma confusão terminológica e conceptual entre Tempo e Aspecto: “Tense relates the time of the situation referred to some other time, usually to the moment of speaking.”; “ Since tense locates the time of a situation relative to the situation of the utterance, we may describe tense as deictic”.

Este caso ilustra a oposição perfectivo / imperfectivo, que corresponde à perspectivização de um estado de coisas no seu desenrolar, isto é, sem limites definidos (embora possa tê-los na realidade), distinta da perspectivização do mesmo estado de coisas de forma global, isto é, com os limites marcados (*vd* 4.1.2).

Será a partir da diferenciação aspectual expressa morfologicamente que se observa o aspecto em determinadas línguas. Repare-se que a configuração de determinadas oposições aspectuais (como a oposição aspectual perfectivo/imperfectivo) obedece a critérios de organização do sistema verbal de cada língua. Sendo, pois, o Aspecto verbal configurado de forma diferente em variadas línguas, veremos de que forma se apresenta esta categoria no Português e no Russo e que tipos de organização verbal definem determinadas oposições aspectuais.

Enquanto o verbo português está configurado em volta da categoria semântica Tempo, no Russo é o Aspecto que define o sistema verbal, pela correlação de uma oposição aspectual interna. Em se tratando de sistemas díspares de organização verbal em que o Aspecto é expresso formalmente de maneira diferente, é evidente que o termo não se definirá de igual modo. Se a língua configurar a referência temporal gramaticalizando-a através das formas verbais, como acontece no Português (e em outras línguas românicas), atribui-se-lhe, tradicionalmente, o Aspecto *gramatical*. No caso do Russo, por conter um sistema verbal organizado segundo a correlação de uma oposição aspectual interna – perfectivo/imperfectivo –, considera-se que existe o Aspecto *lexical*. Estas designações respeitantes à configuração do aspecto nas duas línguas referidas serão exploradas mais adiante, sendo no caso do português questionada a atribuição do termo *aspecto gramatical*.

Como vimos, não poderá haver uniformidade na definição do termo *aspecto* no que respeita à sua expressão formal em sistemas verbais de línguas geneticamente afastadas, como o Português e o Russo, contrariamente à definição semântica que, em geral, é dada ao conceito, a saber: a maneira como perspectivamos a estrutura temporal interna de uma situação.

Quanto ao facto de existir dificuldade em definir universalmente o aspecto em termos da sua expressão formal ao comparar as línguas em questão, alguns linguistas consideram que não existe aspecto senão em línguas eslavas, ao passo que outros caracterizam como aspectuais determinadas particularidades semânticas não

introduzidas pelas outras categorias verbais.²⁶ Não existe, portanto, uniformidade terminológica no uso do termo: é utilizado presentemente para definir oposições semânticas gerais, assim como, em seu sentido restrito, para exprimir particulares oposições gramaticais baseadas em determinadas distinções semânticas presentes em línguas como o Português (Comrie, 1976: 6).

A ideia da atribuição de denominações diferentes a dois tipos de aspecto diferentes presentes em Português e em Russo, deve-se, ao facto de, na primeira língua, o sistema verbal permitir a gramaticalização de referência temporal da estrutura interna da situação, em que a distinção aspectual – perfectivo/imperfectivo – respeitante a uma situação acabada/inacabada, ou com limites definidos / não definidos, é expressa por via de tempos verbais (Pretérito Perfeito/ Pretérito Imperfeito). Na segunda língua, por seu turno, a referência temporal da estrutura interna é lexicalizada, por via de processos de formação de palavras como a afixação, sendo a distinção aspectual perfectivo/imperfectivo a base definitória do sistema verbal, como já foi dito.

No Russo, a expressão formal do aspecto através da lexicalização de informações semânticas referentes à oposição aspectual em causa contidas em partículas lexicais reporta-se a processos morfológicos derivacionais que obedecem aos dois critérios de organização verbal definidos pela correlação aspectual perfectivo/imperfectivo. Veremos noutro ponto (3) de que forma se organiza o sistema verbal aspectual russo no que toca à formação de verbos perfectivos e verbos imperfectivos.

Ainda em relação à natureza lexical da expressão do aspecto em Russo, cabe-nos referir o uso por parte de alguns linguistas de uma terminologia utilizada para classificar o aspecto lexical como *Aktionsart*²⁷ – ou modos de acção. Esta abordagem consignava

²⁶ Segundo Cohen (1989: 7) a definição de aspecto, tendo em conta o seu campo de actuação em diferentes línguas, não é consensual: “Pour certains, tout ce qui n’est pas identique au fonctionnement du verbe slave, qui a suscité le terme même d’aspect, n’est pas aspect. De ce fait, étant donné les particularités que présente le système du slave, il n’y aurait d’aspect qu’en slave. Pour d’autres, à l’extrémité opposée, toute valeur apparemment introduite par le verbe, si elle ne relève pas du «temps» ou du «mode», est à caractériser comme aspective”.

²⁷ Termo introduzido pelos neogramáticos alemães no século XIX “ para dar conta da diferença entre o (...) tipo de situação e (...) certos efeitos produzidos por afixos (em particular, prefixos) nas línguas eslavas. (...) certas informações como *concluído, terminado, em curso*, (...) são obtidas através de afixos ou de outros morfemas distintos dos morfemas que veiculam o tempo” (F. Oliveira, 2003:133).

o termo Aspecto como conceito de gramaticalização de uma distinção semântica, e diferenciava-o do termo *Aktionsart*, cujo conceito representa a lexicalização da distinção aspectual.²⁸

A distinção entre aspecto gramatical e aspecto lexical (*Aktionsart* – “arte da acção” – ou modo de acção) não é consensual, uma vez que existem alguns problemas em traçar uma fronteira entre o que se entende por aspecto e modos de acção.²⁹ Repare-se que, em Russo, um verbo é caracterizado pelo seu aspecto perfectivo ou imperfectivo e definido por um modo de acção (incoativo, durativo, terminativo, etc.), consoante as possibilidades combinatórias dos afixos.

Para a problematização na definição de conceitos terá contribuído o papel relevante que o estudo deste sistema aspectual singular assumiu na identificação e teorização da categoria aspecto, assim como a consequente impossibilidade de transpor o modelo aspectual eslavo para uma análise aspectual em outras línguas.³⁰

Sobre a atribuição de aspecto gramatical ao aspecto verbal português, questionamos em parte esta designação.³¹ Por um lado, existe uma gramaticalização da distinção semântica de uma situação acabada/inacabada expressa por morfemas flexionais quando se conjugam os tempos verbais PP e PI Além deste processo gramatical relativo a formas verbais, é observável a expressão do aspecto relativamente

²⁸ Comrie (1976: 6-7, nota 4) explana duas formas de ver a questão da distinção entre aspecto e *Aktionsart* relevando os meios como a lexicalização se processa: “aspect as grammaticalisation of the relevant semantic distinctions, while *Aktionsart* represents lexicalisation of the distinctions, irrespective of how these distinctions are lexicalized; this use of *Aktionsart* is similar to the notion of inherent meaning (...). The second distinction, which is that used by Slavists (...) is between aspect as grammaticalisation of the semantic distinction, and *aktionsart* as lexicalisation of the distinction provided that the lexicalisation is by means of derivational morphology”.

²⁹ Cohen (1989: 31) invoca razões de ordem lexical como forma de distinguir estes dois conceitos, que, segundo o autor, deverão ser considerados em dois planos diferentes: “(...) modes d’action et aspects se manifestent sur deux plans différents: l’un qui lie de façon plus ou moins lâche des unités lexicales distinctes, l’autre où se manifeste paradigmatiquement le fonctionnement essentiel qui fait du lexème un verbe. Cette distinction des plans aboutit à affranchir l’aspect des valeurs qui relèvent d’autres catégories”.

³⁰ Segundo Cohen (1989: 30): “Le système slave présente cette originalité d’opposer, pour l’expression de l’aspect, des verbes complets différents et non pas des conjugaisons complémentaires dans un même verbe. Cette originalité a constitué dans l’histoire de la linguistique une condition favorable pour l’identification de la catégorie de l’aspect. Mais elle s’est révélée négative pour analyse du trait aspectif lui-même. (...) elle lui interdit de se poser en modèle pour l’analyse des faits dans les autres langues”.

³¹ Oliveira (2003: 133) considera que “(...) tal distinção não é completamente adequada, pois pode veicular-se informação aspectual muito semelhante recorrendo a diferentes processos linguísticos”.

a outros processos gramaticais, nomeadamente em verbos aspectuais³² e em adverbiais, como exploraremos mais adiante.³³ Por outro lado, não podemos menosprezar a existência, na língua portuguesa, de afixos na estrutura interna dos verbos que não transmitem informação temporal ou modal e sim informação aspectual. Poderemos dizer também que a lexicalização de determinados valores aspectuais de incoatividade, iteratividade, e frequentatividade fazem parte da estrutura lexical. Tomemos como exemplo o verbo *saltitar*, cujo interfixo (-it-) tem o valor aspectual iterativo; ou o verbo *ensurdecer*, que contém afixos com valor incoativo (*en-...-ec*).

Resumindo, em nosso entender, a atribuição de aspecto gramatical ao Português é parcialmente adequada, uma vez que não podemos considerar apenas o aspecto presente em processos gramaticais, quando são observáveis processos lexicais relativos à expressão do aspecto, como a classe aspectual e a formação de palavras.

2 Sistema Verbal Português

Neste ponto da fundamentação teórica, procuraremos abordar de uma forma abreviada alguns valores aspectuais presentes no sistema verbal português, em concreto, em alguns tempos do modo Indicativo: Presente (PR), a oposição PP/PI e valor modal do Imperfeito, o Pretérito Mais-que-Perfeito (MQP), os tempos compostos, o Pretérito Perfeito Composto (PPC); e valores aspectuais coadjuvantes – os adverbiais temporais.

Como ponto introdutório, poder-se-á dizer que o sistema verbal do Português se subdivide, na organização do tempo, em dois agrupamentos paralelos: um subsistema de formas simples (PR, PI, PP simples, MQP simples, Futuro) e um subsistema de formas compostas (PPC; MQP Composto; Futuro Composto e o Condicional Composto).

³² Fazem parte de processos gramaticais, além de adverbiais e de formas verbais (do Pretérito Perfeito, P. Imperfeito e Pretérito Perfeito Composto do Indicativo), os verbos de operação aspectual como *começar a*, *continuar a*, *acabar de*, *estar a*, *andar a*, entre outros.

³³ Dada a importância da expressão do aspecto em adverbiais, será este tópico explorado com a merecida atenção em 2.7.

2.1 Presente Real ou Presente Habitual

Empregamos o Presente do Indicativo (PR) em outros contextos, além daquele em que o valor temporal se relaciona com o momento real da enunciação, ou seja, empregamo-lo para expressar situações que não se localizam no presente enunciativo e também outras à margem do âmbito temporal.

Observa-se um uso mais frequente do PR simples para referenciar uma situação que ocorre habitualmente do que para referenciar uma situação que coincide com o momento da enunciação. Assim, constata-se uma leitura aspectual do PR simples mais rentável do que a leitura temporal, sendo que, para uma leitura temporal de actualidade da situação com a enunciação, o PR perifrástico é mais usado do que o PR simples.

Tendo em conta que a função dos tempos gramaticais assenta nas coordenadas do contexto de enunciação, no exemplo *Ele janta em casa*, o PR simples pode situar a situação no momento em que é enunciada – o que nos permite uma leitura de “presente real”. Por outro lado, no mesmo enunciado, a forma de PR perde a sua função deíctica quando não situa temporalmente a situação como coincidente com o momento em que é descrita, mas explicita a sua estrutura interna – terá assim uma leitura aspectual, de habitualidade. Esta leitura poderá ser reforçada com expressões adverbiais temporais (*Ele janta todos os dias em casa*³⁴), que tornam clara a explicitação das fases que constituem a situação. Neste caso, a situação é repetida na sua estrutura interna (vd 4.1.2). Seguem-se outros exemplos que ilustram uma situação habitual expressa pelo PR simples: *A Maria fuma, O Paulo dá aulas*.

Uma leitura temporal de sobreposição da situação descrita com o momento da fala utilizando o PR simples é, inequivocamente, obtida quando se descrevem situações estáticas (estados) – *Ele está doente*. Repare-se, ainda, que é sobretudo através da auxiliaridade de um verbo estativo, concretamente pela perífrase <estar+infinitivo>, que essa leitura de “presente real” é fornecida noutro caso: *Ele está a jantar em casa (neste momento)*.³⁵

De facto, é usada habitualmente a construção perifrástica para designar temporalmente o que não fazemos pelo PR simples (à excepção de situações estáticas,

³⁴ Estes dois exemplos são retirados das questões do inquérito (vd anexo 1).

³⁵ Exemplo também pertencente à questão 1 do referido inquérito.

como vimos). Além desse valor temporal, está associado ao PR perifrástico um valor aspectual de cursividade, cúmplice de um valor de estaticidade que especifica uma incompletude da acção (vd 4.4) – veja-se como este significado aspectual se refere justamente à semântica que temos de um intervalo de tempo que pertence à actualidade da enunciação.

O PR simples é também usado para localizar uma situação posterior ao momento da enunciação *Amanhã, ele janta em casa* – uma leitura de futuro próximo, portanto.³⁶ Ainda com valor temporal de futuro, o PR é usado não deicticamente em exemplos como *Em 2010, a minha avó faz 100 anos*, uma vez que este não se relaciona com o momento da enunciação mas com um ponto de referência específico (*em 2010*), obtendo-se, desta feita, uma leitura de futuro não próximo.³⁷

Por outro lado, uma relação de anterioridade com uma referência, que diga respeito a um tempo passado, pode ser estabelecida por uma forma de PR, denominado histórico (ou narrativo): *Em 1791, com 35 anos, Mozart morre em Viena*. Note-se que, ao invés, para tornar o relato mais vivo, exprimimos um tempo posterior ao da enunciação usando o PR simples *Ontem à noite, volto para casa e vejo que a porta não está trancada*.

Para rematar, referimos um valor modal deontico empregado pelo PR simples, um uso para dar instruções (Oliveira, 2003: 155): *Viras à direita, depois à esquerda, segues em frente e vês logo a estação de comboios*.

Em suma, poder-se-ão utilizar formas de PR simples para exprimir diversas relações temporais com o momento da enunciação – de anterioridade, de posterioridade e de simultaneidade, sendo esta última relação expressa usualmente pelo PR perifrástico. Para o tema da presente dissertação, interessa que, sem função deictica, o PR simples é frequentemente usado para descrever uma situação habitual, apresentando, por isso, um valor aspectual. Contudo, não é de excluir que os outros valores possam estar presentes ou influenciar a leitura dos informantes (vd cap. 3).

³⁶ Oliveira (2003: 154-155) nota que a expressão de estados faseáveis com o valor de futuro do PR com verbos estativos na descrição de uma situação estática é, em alguns casos, agramatical: **Amanhã a Maria vive em Lisboa* (exemplo adaptado por nós).

³⁷ Cf. Duarte (2000: 318). A propósito da interpretação de futuro não próximo, este último exemplo foi inspirado num outro de I. Duarte.

2.2 Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito

Escolhemos abordar estes dois tempos gramaticais do passado em conjunto porque se opõem aspectualmente, como dissemos, pela manifestação gramaticalizada dos valores perfectivo e imperfectivo que caracterizam determinadas situações. A correlação entre ambos os tempos reflecte uma distinção temporal e, sobretudo, uma distinção aspectual, gramaticalizada na flexão verbal do sistema verbal português.

Com efeito, *Eu trabalhei na Ucrânia* e *Eu trabalhava na Ucrânia*³⁸ apresentam uma diferenciação ao nível da constituição da situação: a primeira é vista como concluída num determinado intervalo de tempo; a segunda é percebida no seu desenrolar como durativa, e, em certa medida, apresenta a característica de não completude. Nesse sentido, são atribuídos os valores perfectivo e imperfectivo a situações descritas pelas conjugações do PP e PI, respectivamente.³⁹

Sobre a informação temporal veiculada por ambos, poder-se-á dizer que o PP localiza um determinado intervalo de tempo, no qual a situação descrita se insere, anteriormente ao momento da enunciação, enquanto o PI localiza a situação num intervalo de tempo alargado, que poderá ser sobreposto parcial ou totalmente a um outro intervalo de tempo, sendo também anterior ao momento da enunciação (Oliveira 2003: 156 – 157).

Por outro lado, são expressas morfologicamente, na flexão dos dois tempos, informações léxico-semânticas sobre a constituição interna de uma situação, a sua localização no passado, e a sua relação com o momento da enunciação, o que nos revela um cruzamento das categorias verbais Tempo e Aspecto.

A utilização do PP e o PI em frases complexas – *O Vladimir bebia um café quando o telefone tocou* – ilustra o contraste temporal e aspectual entre as duas situações descritas. Apesar da simultaneidade no eixo do tempo das duas acções (*beber café* e *o telefone tocar*), provocada por *quando*, existe uma diferenciação temporal quanto ao limite inicial de cada situação em relação ao momento da enunciação – a

³⁸ Este dois exemplos pertencem à questão 1 do inquérito.

³⁹ Oliveira (2003: 138-156) não reconhece no PP um valor perfectivo, apenas o seu valor *terminativo* como traço aspectual comum a todas as situações expressas por este tempo. A linguista encara como condição essencial uma alteração aspectual para pertencer à noção de perfectividade e refere “o Perfectivo tem em conta um estado consequente do Núcleo aspectual, não incluindo a culminação” (Oliveira, 2003: 139).

primeira desenrola-se primeiramente em relação à segunda. Ambas as situações ocorrem em intervalos de tempo anteriores ao momento da enunciação e distintos – um durativo e outro pontual. O facto de a situação *o telefone tocou* ocorrer num intervalo de tempo incluído no intervalo de tempo mais prolongado de *O Vladimir bebia um café* espelha uma duração inerente a esta forma de PI e uma pontualidade pertencente à forma de PP. Assim sendo, a diferenciação aspectual diz respeito à progressão da primeira situação, e seu prolongamento num intervalo de tempo (uma forma imperfectiva), por contraste com a pontualidade, e conclusão, da segunda (uma forma perfectiva).

Em suma, utilizamos o PI para localizar uma situação prolongada num tempo passado, que se poderá estender até ao momento da enunciação, ao passo que utilizamos o PP para localizar uma situação pontual, momentânea, e concluída que ocorreu num determinado ponto do passado. Como observámos aqui, é difícil desagregar as categorias verbais do Tempo e o Aspecto na análise do Pretérito Perfeito ou do Pretérito Imperfeito.

Pelo facto de não se conseguirem destringir os valores temporais dos valores aspectuais em cada um dos tempos verbais aqui tratados, para aprendentes de Português L2 cuja LM configura a categoria Aspecto diferentemente do Português (o caso dos informantes da dissertação), acreditamos ser vantajoso para a aprendizagem destes tempos uma contraposição entre ambos com vista a uma comparação temporal e aspectual que proporcionam.

2.3 Outros Valores do Pretérito Imperfeito do Indicativo

Sendo um “tempo alargado” do passado (Oliveira, 2003: 156), o PI desempenha, entre outras, a função aspectual de descrever uma situação habitual, ou seja, uma situação que se repete num determinado intervalo de tempo.

Para explicitar uma estrutura de uma situação que envolve uma sequência de fases (correspondentes à repetição da situação), usamos o PI: *Enquanto a Maria trabalhava, o Vladimir dormia*⁴⁰. Não se tratando propriamente de um valor habitual, o

⁴⁰ Exemplo retirado da questão 5d do inquérito.

que está aqui em causa é que ambas as situações se repetem na sua estrutura interna em intervalos de tempo sobrepostos no eixo do tempo.

A descrição de uma situação habitual torna-se, todavia, mais evidente quando expressa pela perífrase <costumar + infinitivo> flexionada no PI (*A Maria costumava trabalhar quando o Vladimir dormia*⁴¹). Note-se que já no significado lexical do verbo *costumar* está patenteado o valor aspectual de costume, ou o hábito.

Além da interpretação temporal e das interpretações aspectuais até ao momento observadas, verifica-se um outro uso do PI que espelha um valor modal, no chamado *Imperfeito de Delicadeza*. Utilizado como fórmula, este uso é, na verdade, um mecanismo pragmático: *Queria um café, por favor*⁴². Com efeito, na comunicação subvertemos a leitura temporal (e aspectual) que o tempo gramatical fornece para exprimirmos um comportamento extra-linguístico de acordo com um princípio de delicadeza, ao qual aderimos. Assim, mitigamos um pedido expresso pelo PR (*Quero um café, por favor*⁴³), que poderia ser um tanto invasivo da face do interlocutor.

Repare-se que os aprendentes de Português L2 poderão não conhecer a razão por detrás deste uso (assim como alguns falantes nativos), contudo, usam esta fórmula como muitas outras expressões de cortesia, sem noções metalinguísticas. Por esse motivo, e por se tratar de um dos valores expressos pelo PI, incluímos o exemplo acima mencionado numa das questões do inquérito para averiguar se os informantes o reconhecem, pelo menos, com o mesmo sentido que o mesmo enunciado teria no PR (*vd* anexo 1).

Resumindo, empregamos as formas imperfectivas do PI para descrever uma situação ou durativa, ou habitual, e ainda uma situação que se repete na sua estrutura interna. Com um valor modal, o PI é utilizado como fórmula de delicadeza.

⁴¹ Exemplo contraposto ao anterior, presente na questão 5d.

⁴² Exemplo pertencente à questão 2 do referido inquérito.

⁴³ Exemplo contraposto ao citado na nota anterior, também pertencente à questão 2.

2.4 Tempos Compostos

Os tempos compostos têm sido tradicionalmente correlacionados com as construções simples análogas, no entanto, alguns apresentam características diversas e específicas no que toca à expressão de valores aspectuais, a par dos temporais. Constituem-se com o verbo *ter* como auxiliar (característica que nos tempos compostos do passado é singular no quadro das línguas românicas) e particípio passado do verbo principal. Serão abordados no âmbito da dissertação os tempos compostos do MPQ e do PPC.

Repare-se que o paralelismo entre os dois conjuntos de formas temporais mencionado no início deste ponto poderá não significar uma equivalência temporal entre ambas, nem uma comutação de formas em qualquer contexto, apesar de se denominarem ‘compostas’ das correlatas.

De facto, devido à heterogeneidade deste agrupamento, é difícil congregar nele funções temporais e aspectuais que sejam aplicáveis ao comportamento de todas as formas designadas ‘compostas’. Se, por um lado, todas as formas compostas garantem uma relação temporal de anterioridade em relação à enunciação, por outro, poderão não manifestar um valor aspectual de perfectividade, como é o caso do PPC (*vd* 2.6), contrariamente ao valor aspectual perfectivo manifestado pelo MQP, cujas formas compostas têm a mesma função temporal do que as simples (*vd* 2.5).

2.5 Pretérito Mais-que-Perfeito Simples e Composto

No seguimento do ponto anterior, as formas compostas do MQP poder-se-ão comutar com as simples correspondentes devido a um valor temporal em comum – a expressão da anterioridade de uma situação relativamente a um ponto de referência no passado, além de manifestarem igualmente um valor aspectual perfectivo.

Por outras palavras, quer pela forma simples, quer pela forma composta, o MQP agrega duas funções, uma temporal e outra aspectual, que localiza uma situação concluída num momento anterior ao de uma outra situação que já é anterior ao momento de enunciação. Com efeito, no exemplo *Quando eu cheguei a casa, o meu filho tinha ido para a escola*, a forma de MQP localiza a situação *o meu filho ir para a*

escola num intervalo de tempo anterior ao de uma outra situação que lhe serve de referência no passado (*chegar a casa*). Tratando-se de uma descrição de uma situação situada num momento pretérito em relação a outro momento já situado no passado, evidentemente que, aspectualmente, essa descrição só poderá apresentar perfectividade. Nesse sentido, adequa-se a denominação de Pretérito Mais-que-Perfeito aos valores manifestados pelo tempo verbal.⁴⁴

No âmbito geral da dissertação é de particular interesse o facto de serem as formas compostas do MQP as mais usadas em situações comunicativas do dia-a-dia, e, por conseguinte, as formas usadas em contexto de imersão para aprendentes de Português L2.

Sendo a forma composta a produzida no contexto que envolve os informantes da dissertação (imigrantes adultos russos ou ucranianos), importa-nos, no campo de investigação, a recepção do valor de perfectividade por ela transmitido. Convém notar que os informantes não têm na sua LM este tempo verbal, por isso não configuram da mesma forma que o Português a respectiva referência temporal (a de uma localização de uma situação anterior a outra também situada no passado), contrariamente ao valor aspectual perfectivo, que é estruturante (no pleno sentido do termo) à organização do sistema verbal da LM, ou seja, o Russo e o Ucraniano.

Em suma, o tempo composto do Mais-que-Perfeito não se distingue aspectualmente da sua forma simples, sendo o uso de ambas as formas ditado por razões de ordem estilística. Dado que é a forma composta do MQP a usada no contexto de imersão dos informantes, interessa-nos particularmente, na presente dissertação, o seu valor de perfectividade.

2.6 Originalidade do Pretérito Perfeito Composto Português

O Pretérito Perfeito composto português apresenta uma particularidade aspectual que não só o distingue de outras formas compostas da língua portuguesa como de construções semelhantes das línguas românicas.

⁴⁴ Acrescente-se que o reforço desses valores é feito com um adverbial temporal – *já*: *Às 13.00 horas, o Viktor já tinha comido* (exemplo pertencente à questão 8 do inquérito).

A correspondência (semântica) entre os tempos PP simples e PPC fundamentada na forma (simples ou composta), sendo excluído o sentido implicado, revela-se incongruente, já que o critério formal é inadequado e insuficiente para referenciar a natureza semântica discrepante dos dois tempos verbais.

Apesar de, tradicionalmente, se atribuir a designação de ‘composta’ a uma forma que supostamente corresponderá à forma chamada ‘simples’ do PP, a função de ambas é, na verdade, divergente quanto aos valores específicos que transportam. Contudo, encontra-se um paralelismo, não de comutação de formas, mas de oposição de valores aspectuais significativos, com base numa distinção semântica de dois significantes e não numa variação morfológica de um mesmo significante.

Morais Barbosa (1989: 226-227) desenvolve a questão da desacertada interpretação semântica relativamente à terminologia convencionalizada “Se o tipo *tenho feito* se opõe ao tipo *fiz* por um valor significativo (...), é evidente que não devem definir-se como «pretéritos perfeitos» e distingui-los por serem um «composto» e o outro «simples»: de facto, «pretérito» e «perfeito» seriam dois valores funcionalmente distintos, embora associados aqui um ao outro (...)”. Para o linguista, esta associação desajustada de termos, que negligencia valores distintos, necessita de ser clarificada: “o chamado perfeito composto é funcionalmente um «perfeito» ou «passado presente» e o perfeito simples um «pretérito»”.

Nesse sentido, o PPC opõe-se semanticamente ao PPS, dado que apresenta um valor específico – aspectual – de uma duração que se inicia no passado e se mantém no presente. Assim, o enunciado *Eu tenho encontrado a Maria esta semana* opõe-se a *Eu encontrei a Maria esta semana* por conter um aspecto durativo que se estende até ao presente. Só com o reforço da presença de um adverbial temporal a forma de PPS poderá oferecer uma leitura aspectual semelhante à do PPC, desde que num contexto apropriado: *Eu encontrei muitas vezes a Maria esta semana*.⁴⁵ Com efeito, advém inerentemente do PPC uma leitura de iteratividade (de repetição da situação), inversamente à leitura provinda do PPS (de situação pontual, também manifestada pelo significado lexical contido no verbo *encontrar*) (vd 4.2.).

⁴⁵ Os três exemplos foram retirados da questão 10 do inquérito distribuído aos informantes.

Não se referindo a forma *tenho encontrado* a uma situação que ocorreu uma única vez, muito pelo contrário, sendo assegurada por ela a ocorrência de uma situação que se repetiu, com duração, e que se poderá prolongar no presente (veja-se que nada impede o enunciador de ainda voltar a encontrar a Maria), é patente a ausência da marca da perfectividade, ao invés do que acontece na forma perfectiva *encontrou* (vd 4.1.1).

Assim, a designação de ‘forma composta’ de PP posta em causa por Barbosa ganha agora força, para nós, uma vez que, de facto, não se trata de uma variante morfológica, constituída por duas unidades, de um significante marcadamente perfectivo como o é o PPS. Por outro lado, a terminologia escolhida pelo linguista para qualificar a função do PPC – “perfeito” ou “passado recente” – não parece estar de acordo com o valor aspectual de imperfectividade implicado pela forma PPC (*tenho encontrado*), nem com a noção temporal de passado, uma vez que a acção continua no presente, sendo esta uma peculiaridade do referido tempo.

Esta última consideração vai ao encontro de F. Fonseca (1994: 19-20) que sublinha a “inclusão do presente” no PPC, já que este “localiza o processo num período de tempo que do passado se estende até ao presente, incluindo obrigatoriamente o momento da enunciação”. Por oposição, as formas de PPS (em relação ao momento da enunciação) posicionam a acção exclusivamente no passado, expressando um valor temporal de pretérito, portanto. Precisamente devido a esta discrepância na interpretação temporal dos dois tempos, considera Fonseca (1994: 18-20) que a atribuição da significação de “passado” ao PPC (inclusive a de “passado recente”, como designa Barbosa) é, em certa medida, problemática. Da mesma forma, a designação de “perfeito” torna-se incongruente pela distinção aspectual – oposição perfectivo/imperfectivo – estabelecida entre os dois tempos verbais.

No caso de situações expressas por verbos estativos (detentores de características temporais inerentes), como ilustra o exemplo *Eu tenho estado desempregado*⁴⁶, a forma de PPC apresenta um valor durativo, sem considerar, no entanto, uma repetição da situação. O mesmo não se verifica em formas de PPC expressas por verbos não estativos *Eu tenho encontrado a Maria esta semana*, que

⁴⁶ Exemplo pertencente à questão 7 do inquérito da dissertação.

(como havíamos mencionado a propósito do exemplo anteriormente referido) implicam um valor iterativo.

Resumindo, contrariamente a construções análogas nas línguas românicas, o PPC português destaca-se pelas seguintes características: utiliza o auxiliar *ter* e distingue-se semanticamente do PPS pelo seu valor aspectual imperfectivo.⁴⁷ Em parte por possuir valores aspectuais singulares (comparativamente com o panorama românico), o valor aspectual inerente ao PPC parece ser de difícil compreensão para um aprendente de Português língua não materna. Para falantes nativos de Português, este tipo de valores está implícito na sua gramática de LM, e, como tal, são dispensados na comunicação outros recursos “auxiliares” – os adverbiais temporais – que reforcem a expressão de valores exclusivos da sua língua, nos quais a temporalidade da situação está codificada. Pelo contrário, para um falante de Português como Língua não Materna (PLNM), essas expressões adverbiais são necessárias para destringer semanticamente as situações descritas, e, por isso mesmo, são muito relevantes para um reconhecimento de valores aspectuais.

2.7 Valores Aspectuais Coadjuvantes do Sistema Verbal: os Adverbiais Temporais

Pela combinação de tempos gramaticais com adverbiais temporais poder-se-á expressar sentidos mais complexos de uma situação, podendo os adverbiais reforçar uma interpretação temporal fornecida pela forma verbal ou acrescentá-la, ou até mesmo modificá-la, colaborando, dessa forma, para a expressão de valores temporais e aspectuais de um dado enunciado. Assim, os adverbiais cooperam juntamente com o sistema verbal para uma manifestação da temporalidade da situação, reporte-se ela a um “tempo interno” – aspectual, ou a um “tempo externo” – deíctico (expresso pelos tempos gramaticais).

O termo *adverbiais temporais* compreende os seguintes elementos: advérbios de tempo e expressões adverbiais de tempo, que incluem sintagmas preposicionais, as

⁴⁷ Cf. Fonseca (1992: 38) sobre a originalidade do PPC português.

expressões deícticas e as anafóricas. As orações subordinadas temporais também expressam a temporalidade entre duas situações descritas (cf. Oliveira, 2003: 166).

Segundo Klein (1995: 25), os *adverbiais temporais* “are in a way more basic to the expression of temporality”, em parte por serem elementos linguísticos cuja função parece ser universal a todas as línguas (ao invés das expressões do tempo e do aspecto que obedecem a critérios particulares), e porque codificam propriedades temporais – internas e/ou externas. As primeiras dizem respeito a propriedades do conteúdo lexical como a duração de uma situação ou os limites que a circunscrevem; as segundas situam um determinado intervalo de tempo – o da situação – em relação a outro – o da enunciação (1995: 27).

Por outras palavras, os adverbiais temporais cooperam com os tempos verbais para a informação temporal do enunciado: uns possuem propriedades inerentes ao seu conteúdo lexical (o caso de alguns adverbiais de duração), outros localizam uma situação num intervalo de tempo em relação ao momento da enunciação (intervalo de tempo no qual se produz o enunciado), sendo esta uma característica deíctica, típica da função dos tempos gramaticais.

Passemos a enumerá-los, seguindo a tipologia terminológica de Klein (1995: 25). Denominam-se *adverbiais de posição* aqueles que especificam a posição de um intervalo de tempo (onde está localizada a situação) no eixo do tempo em relação a outro intervalo de tempo (o do momento da enunciação). Seriam, em Português: *agora, hoje, neste momento, esta semana, ontem, amanhã, na próxima semana, há duas horas atrás*⁴⁸. São classificados de *adverbiais de duração* os que especificam a duração de uma situação ou até mesmo os limites do intervalo de tempo que a circunscreve: *durante a semana*⁴⁹, *das 3 às 5, em 10 minutos*. Seguem-se os *adverbiais de quantidade* que especificam a frequência de intervalos de tempos: *muitas vezes, todos os dias, uma vez*.⁵⁰

⁴⁸ Os quatro primeiros adverbiais escolhidos como exemplos fazem parte das questões 2 e 7 do inquérito: *Hoje, ele janta em casa; Ele está a jantar em casa neste momento; Até agora eu tenho estado desempregado; Eu encontrei a Maria esta semana*. Este tipo de adverbiais são chamados *adverbiais de localização temporal* por Oliveira (2003: 168).

⁴⁹ O sintagma preposicional *durante a semana* está incluído no exemplo *A Natasha tem trabalhado muito durante a semana*, presente na questão 9 do inquérito da dissertação.

⁵⁰ Os dois primeiros exemplos de *adverbiais de frequência* estão presentes nas questões 1 e 10 do inquérito: *Ele janta todos os dias em casa; Eu encontrei muitas vezes a Maria esta semana*.

A existência destes três tipos de adverbiais parece ser relativamente consensual quanto à sua função. Klein aponta um quarto tipo, cuja categoria considera heterogénea – os *adverbiais de contraste*: *ainda, já, até agora, novamente*.⁵¹ Estes últimos destacam um determinado intervalo de tempo pela marcação de um contraste com um outro (Klein, 1995: 25). Para o linguista, este tipo de expressões adverbiais aparece raramente em fases de desenvolvimento dos sistemas linguísticos de L2 dos aprendentes (1995: 32).

Quanto aos outros tipos de adverbiais (de *posição*, de *duração* e de *quantidade*), poderão surgir em fases de desenvolvimento da aquisição de uma L2, podendo estar incluídas no repertório linguístico do aprendente, que Klein (1995: 36-37) entende por *basic variety* – um conjunto elementar de formas linguísticas (sujeitas a variação) que o aprendente usa para comunicar. Por expressarem relações temporais, os *adverbiais de posição* são, de acordo com o linguista, os mais importantes em fases iniciais de aquisição, combinando-se com processos de organização do discurso para referenciar um intervalo de tempo em relação a outro (1995: 25-26).

Note-se que a divisão entre os três primeiros tipos não é estanque. Por essa razão, alguns adverbiais temporais de posição afiguram-se como expressões adverbiais deícticas (*esta semana*, por exemplo⁵²), justamente por apontarem para as coordenadas da enunciação. Também adverbiais de duração que são sintagmas preposicionais (*das 3 às 5*) podem afiguram-se como adverbiais de posição (cf. Oliveira, 2003: 171). Existem algumas incertezas quanto a uma classificação rígida de adverbiais temporais, já que a sua interpretação semântica, em alguns casos, mostra um entrelaçar de funções que veiculam noções temporais e noções aspectuais.

Por vezes, um adverbial temporal poderá modificar a leitura temporal de um tempo verbal, como é o caso de *Agora eu era o médico e tu o doente*⁵³, em que o adverbial temporal *agora* (de natureza deíctica), aparentemente incompatível com o tempo PI, modifica a leitura temporal do tempo verbal, sobrepondo-se a ele, impondo,

⁵¹ Os três primeiros exemplos de adverbiais de contraste estão presentes nas questões 5c, 7 e 8 do inquérito: *No momento em que o telefone tocou, eu já tinha feito o jantar*; *Eu ainda estou desempregado*; *Até agora eu tenho estado desempregado*; *Às 13.00 horas, o Viktor já tinha comido/ já comeu*.

⁵² Note-se que os determinantes demonstrativos são, por natureza, deícticos.

⁵³ Este exemplo, forjado por nós, foi inspirado num exemplo de I. Duarte (2000: 318).

assim, uma leitura não temporal mas ficcional do Imperfeito. Uma outra circunstância em que se verifica a coacção de expressões adverbiais e de orações subordinadas adverbiais para a obtenção de uma leitura habitual da situação com o PR é a ilustrada pelas seguintes frases: *Ele janta todos os dias em casa; Quando janta em casa, ele arruma a cozinha.*⁵⁴

Como vimos, expressões adverbiais temporais e subordinadas temporais (combinadas com a inflexão verbal) contribuem para a expressão de alguns valores aspectuais, que emergem de leituras temporais respeitantes à estrutura interna da situação – a da repetição da situação; a da duração da situação e a explicitação dos limites que a circunscrevem.

Em casos que abrangem mais do que uma situação – as frases complexas –, a especificação da posição de um intervalo de tempo em relação a outro envolve processos deícticos e anafóricos, que organizam a informação temporal fornecida pelo contexto frásico. Para esta finalidade são utilizadas expressões deícticas (*agora, hoje, amanhã, ontem, na próxima semana*, por exemplo) e anafóricas (*antes de, depois de*)⁵⁵. Assim, através da organização temporal do contexto frásico, referenciam-se as situações em relação ao momento da enunciação (processo deíctico), ou retoma-se a referência de uma situação em relação a outra, ou a um intervalo de tempo (processo anafórico).⁵⁶

Repare-se que, em orações subordinadas temporais, relações temporais de anterioridade, de sobreposição e de posterioridade poderão ser estabelecidas através de processos deícticos e/ou processos anafóricos. No exemplo *Enquanto a Maria trabalhava, o Vladimir dormia* observa-se a sobreposição temporal de situações em relação ao contexto enunciativo; no exemplo *Quando o telefone tocou, eu lia o jornal*⁵⁷, a sobreposição temporal de situações mostra que a situação da subordinada (iniciada por *quando*) é tomada como referência para situar a situação descrita pela subordinante. No exemplo *Quando o telefone tocou, eu tinha lido o jornal*, a situação da subordinada

⁵⁴ O primeiro exemplo pertence ao inquérito, como já foi referido; o segundo foi inspirado noutra de I. Duarte (2000: 319).

⁵⁵ As expressões anafóricas pertencem a alguns exemplos do inquérito, entre eles, os da questão 5a), 5b) e 5c): *O Viktor bebia café depois de almoço; Eu li o jornal antes de o telefone tocar*; etc.

⁵⁶ Em alguns casos a distinção entre estes adverbiais torna-se um tanto duvidosa (cf. Oliveira, 2003: 172).

⁵⁷ Exemplos pertencentes às questões 5d) e 5b) do referido inquérito, respectivamente.

serve de referência para a situar no eixo do tempo como anterior à situação da subordinante (Duarte, 2000: 319).

Para aprendentes de uma L2 em fases iniciais do desenvolvimento da aquisição/aprendizagem, a percepção da temporalidade de situações que se relacionam entre si ou com o momento da enunciação é problemática, uma vez que não possuem conhecimento suficiente para discernir a expressão de distinções temporais e distinções aspectuais.⁵⁸ Contudo, a organização do discurso pela sucessão linear de situações poderá, de alguma forma, facilitar o entendimento da temporalidade das situações descritas, a par da informação fornecida contextualmente.

Na perspectiva de linguistas como Dietrich, Klein, e Noyau (1995: 262-268), que levaram a cabo estudos empíricos sobre a forma como falantes adultos compreendem a temporalidade de uma L2 e a expressam, pode concluir-se que, através da *basic variety*, os falantes possuem meios eficazes para expressar a temporalidade, em concreto: conseguem localizar um intervalo no eixo do tempo e especificar a sua duração e sua frequência (utilizando para isso adverbiais de posição, alguns adverbiais anafóricos e deícticos, poucos adverbiais de quantidade e de duração; além de surgirem, ocasionalmente, subordinadas começadas por *quando*). Contudo, esse repertório básico ainda não lhes permitirá marcar, gramaticalmente, o tempo nem o aspecto, na perspectiva dos autores (Dietrich *et alii* 1995: 265-268). No que toca a possíveis fenómenos de transferência da LM, os referidos linguistas encaram como improvável a aplicação de palavras da língua nativa que expressam a temporalidade a produções na língua-alvo.⁵⁹ Discutiremos este assunto na análise de dados a propósito do adverbial de contraste *já*, também utilizado na língua russa.

Resumindo, os adverbiais temporais, articulados com os tempos gramaticais e processos de organização frásica, facilitam a expressão da localização temporal de determinada situação por parte dos falantes, sendo os adverbiais de posição os mais

⁵⁸ Esta afirmação parte de informações fornecidas informalmente pelos inquiridos da dissertação, que reconheceram sentir extrema dificuldade, aquando do preenchimento do inquérito, na resolução de questões em que se distinguem temporal e aspectualmente duas situações (principalmente a questão 5).

⁵⁹ No epílogo da investigação que empreenderam, Dietrich *et alii* (1995: 278) concluíram, com alguma surpresa, que a influência da LM dos aprendentes não se mostrou de todo relevante onde esperaríamos que fosse, e que, nos dados investigados por eles, não se observaram processos de transferência. Por conseguinte, afirmam que não existe uma influência expressiva da LM na aquisição da temporalidade.

utilizados em fases iniciais de aquisição. Se o falante de L2 ainda não dominar mecanismos de inflexão verbal, o uso de alguns adverbiais temporais poder-lhe-á permitir descrever a localização de uma situação no tempo (ou em relação a outra situação). Em contexto comunicativo com falantes nativos, a combinação de formas verbais com adverbiais temporais no discurso revela-se, para o falante de L2, um recurso indispensável para efectuar as distinções temporal e aspectual. Por essa razão, colocámos no inquérito da presente dissertação expressões adverbiais temporais que permitissem ao aprendente guiar-se no contexto frásico e atingir semanticamente a temporalidade expressa nos enunciados.

3 Sistema Verbal Russo

Como referimos anteriormente (cf. 2), nas línguas eslavas é a categoria Aspecto que organiza o sistema verbal e define como estrutural a correlação da oposição aspectual entre perfectivo/ imperfectivo. Dada a natureza lexical do aspecto em Russo, podemos falar de características lexicais inerentes que se reportam a qualquer parte do conteúdo lexical do verbo ou estão contidas em adverbiais temporais – por exemplo, os adverbiais de duração (cf. Dietrich *et alii*, 1995: 22).

Tratamos aqui unicamente o sistema verbal da língua russa por se tratar da L1 de grande parte dos inquiridos (independentemente da sua nacionalidade, seja ela russa, ucraniana, bielorrussa ou lituana) e por se considerar a raiz linguística de outra LM de uma parte dos informantes – o Ucraniano.

Atentemos, então, na forma como o aspecto se expressa morfologicamente neste sistema verbal. A categoria gramatical de aspecto verbal em Russo aparece ao nível dos infinitivos de dois verbos independentes. A maior parte dos verbos russos tem um par aspectual, ou seja, para cada verbo de aspecto dito imperfeito corresponde um de aspecto dito perfeito. Os pares – imperfeito/perfeito – podem ter raízes diferentes ou ser formados a partir da mesma raiz. Com o mesmo tema verbal, um verbo de aspecto perfeito pode derivar de um verbo de aspecto imperfeito, bem como o inverso.

Assim, mediante processos derivacionais, são formados, geralmente, verbos de aspecto perfeito através da prefixação de verbos de aspecto imperfeito,⁶⁰ enquanto são formados, comumente, verbos de aspecto imperfeito através da sufixação de verbos de aspecto perfeito.⁶¹ A partir do verbo de aspecto imperfeito *rabotat'* (*trabalhar*) é formado o seu par de aspecto perfeito *porabotat'* (*ter trabalhado um pouco, um momento*). Note-se que o prefixo *po-* (*по-*, em cirílico) acrescenta mais uma informação léxico-semântica, em particular, a de duração da ação (limitada no tempo). Recorde-se que, no Russo, a informação aspectual é-nos fornecida através de meios lexicais, referindo-se, este último caso, em particular, a fases da estrutura interna da situação, apesar de se tratar de uma forma perfectiva (*vd* 3.1).

Os verbos de aspecto imperfeito poderão designar: uma ação continuada, durativa, não concluída; uma ação repetida e habitual; ou uma simultaneidade de situações. Por sua vez, os verbos de aspecto perfeito designam: uma ação concluída, limitada no tempo; uma ação momentânea (ou pontual); ou uma sucessão de ações.

É de notar que alguns verbos só têm um aspecto, entre eles, os verbos que exprimem um processo ou um estado – que são sempre de aspecto imperfeito (*rabotat'*, por exemplo), (Stepánova, 1988: 24).

Configurado em volta da categoria Aspecto, o sistema verbal russo só contém três tempos. No entanto, são muitas as modalidades pelo emprego de afixos e pela intervenção de aspecto. Os verbos de aspecto imperfeito têm três tempos: Presente, Pretérito e Futuro. Os verbos de aspecto perfeito têm dois tempos: Pretérito e Futuro.

Um verbo de aspecto perfeito não se poderá expressar no Presente por incongruência semântica, dada a oposição aspectual apenas existir no Pretérito. No aspecto perfeito existe apenas uma forma perfectiva não pretérita que tem referência a um tempo futuro, tradicionalmente chamado Futuro Perfeito. No que toca ao aspecto imperfeito, relativamente ao que não é pretérito, existe uma distinção entre Presente e Futuro. Este último é uma construção perifrástica constituída por *budu* ('*ser*') + infinitivo (Comrie, 1976: 125).

⁶⁰ Poder-se-ão formar verbos de aspecto perfeito com *prefixos* neutros (que não alteram o sentido dos verbos), *prefixos* construtivos (que alteram o sentido do verbo) e *alternâncias*.

⁶¹ Poder-se-ão formar verbos de aspecto imperfeito com *sufixos*, *alternâncias* e *mudança de acentuação*.

O infinitivo dos verbos de aspecto imperfeito corresponde ao infinitivo simples dos verbos portugueses, enquanto o infinitivo dos verbos de aspecto perfeito corresponde ao infinitivo composto do Português: *rabotat'* – *trabalhar*; *porabotat'* – *ter trabalhado*.⁶² O verbo *rabotat'* é um verbo de aspecto imperfeito e de primeira conjugação, cujo modo de acção se caracteriza por estar em progresso, não tendo ainda a acção um resultado, ao invés do seu par de aspecto perfeito *porabotat'* (formado por prefixação da base imperfectiva, como vimos), que apresenta resultatividade.

De forma a explicitar melhor que noções temporais podem ser expressas morfologicamente pela conjugação do sistema verbal russo, estabeleceremos as correspondências temporais tradicionalmente atribuídas entre as estruturas do Russo e as do Português. Para o efeito, observe-se o esquema que se segue.

<i>Aspecto Imperfeito</i>			<i>Aspecto Perfeito</i>		
Infinitivo	<i>rabotat'</i>	trabalhar	Infinitivo	<i>porabotat'</i>	ter trabalhado
Presente	<i>Já</i> <i>rabotaju</i>	eu trabalho	-	-	-
Pretérito	<i>Já rabotal</i>	eu trabalhava	Pretérito	<i>Já</i> <i>porabotal</i>	eu trabalhei
Futuro	<i>Já budu</i> <i>rabotat'</i>	eu trabalharei	Futuro	<i>Já</i> <i>porabotaju</i>	eu terei trabalhado

Na língua russa, o verbo de aspecto imperfeito é a forma não marcada,⁶³ enquanto o verbo de aspecto perfeito apresenta um carácter marcado, precisamente pelo facto de este consignar uma acção acabada, terminada com resultatividade, e, por conseguinte, não se poder substituir pelo outro membro aspectual imperfectivo, cujo significado será progressivo ou habitual.⁶⁴

⁶² A maior parte dos infinitivos termina em *-ть* (-t'), alguns terminam em *-ти* (-ti) ou em *-чь* (-ch'). Os verbos da língua russa agrupam-se em duas conjugações, conforme a terminação do infinitivo. Na 2ª conjugação os verbos podem terminar em *-ить*, *-еть*, *-ать*, *-ять*; pertencem à 1ª conjugação todos os outros verbos.

⁶³ O Futuro do aspecto imperfeito, por sua vez, parece ter sido uma forma marcada, em tempos anteriores, notando-se uma maior quantidade de informação morfológica.

⁶⁴ Sobre a expressão da perfectividade e da imperfectividade, veja-se 4.1.

Como podemos observar, o Pretérito de aspecto imperfeito refere-se a uma acção inacabada, sendo equivalente ao PI português. Colocada esta aproximação semântica e aspectual, poder-se-ia conjecturar um possível reconhecimento, por parte do público inquirido, da distinção aspectual de acção acabada/inacabada expressa em Português na categoria linguística Tempo, visto tratar-se de uma oposição aspectual interna ao sistema verbal russo.

No que toca a outras aproximações semânticas possíveis entre as duas línguas, debruçar-nos-emos sobre algumas afinidades temporais e aspectuais entre o Presente russo e o Presente português. Ambos são empregados para exprimir: uma acção referente ao momento da enunciação (*V dannyi moment on uzhinaet doma* ‘Neste momento ele janta em casa’⁶⁵); para exprimir uma acção habitual ou constante, sem se referir a um tempo determinado (*Krest’janin rabotaet v polé* ‘O camponês trabalha no campo’); o passado, tornando o relato mais vivo (*Vchera vecherom ja vozbrashhajus’ domoj i vizhu, chto dver’ ne zaperta* ‘Ontem à noite, volto para casa e vejo que a porta não está trancada’); uma acção futura (*Zavtra (ja) rabotaju* ‘Amanhã trabalho’).

Como vimos, as duas línguas partilham algumas funções aspectuais que são desempenhadas pelo tempo Presente (russo e português), e por outros tempos verbais (o Pretérito de aspecto Imperfeito e o PI português; o Pretérito de aspecto Perfeito e o PPS), o que poderá, de certa forma, facilitar o reconhecimento numa L2 (o Português) de valores aspectuais presentes na sua LM, ainda que estejam configurados diferentemente.

4 Classificação de algumas Oposições Aspectuais

4.1 Oposição entre Formas Perfectivas e Formas Imperfectivas

Segundo Comrie (1976: 16), “perfectivity indicates the view of a situation as a single whole, without distinction of the various separate phases that make up the

⁶⁵ Refira-se que em Português para expressar um tempo presente sobreposto ao momento da enunciação usa-se preferencialmente o Presente Progressivo: *Ele está a jantar em casa neste momento* [exemplo pertencente à questão 1 do inquérito].

situation; while the imperfective pays essential attention to the internal structure of the situation”. Esta acepção do termo *perfectividade* como uma característica que se reporta a uma perspectivação de uma situação do ponto de vista exterior sem que se distingam necessariamente as fases da estrutura interna da situação é oposta à acepção de *imperfectividade*, que dá conta da situação encarada de um ponto de vista interior, e que concerne, por isso, a estrutura interna da situação.

Como nota o autor, a diferenciação entre estes dois conceitos não implica necessariamente uma diferença objectiva entre situações, sendo possível a referência a uma determinada situação utilizando tanto uma forma perfectiva como uma forma imperfectiva, sem entrar em contradição (Comrie, 1976: 4).

Tendo em conta a oposição dicotómica entre a noção aspectual de perfectividade e a noção aspectual imperfectividade, o linguista circunscreveu os referidos conceitos às seguintes acepções: perfectividade envolve a falta de referência explícita à constituição temporal interna de uma situação, enquanto imperfectividade caracterizar-se-á, aparentemente, por uma referência explícita à estrutura interna temporal de uma situação, e por uma compatibilidade com a noção de perfectividade (Comrie, 1976: 21-24).

4.1.1 Expressão da Perfectividade

De acordo com esta delimitação conceptual de perfectividade, o conceito da não explicitação da referência interna da situação não impossibilita a inclusão da caracterização de situações internamente complexas expressas por formas perfectivas. Assim sendo, formas perfectivas poderão expressar situações que dizem respeito à duração de um intervalo de tempo ou a uma sucessão de fases internas distintas, partindo do pressuposto de que essas situações internamente complexas são perspectivadas, mas como um todo (um único conjunto que poderá incluir determinadas fases). Embora a escolha de formas perfectivas não se prenda de forma alguma com a explicitação da estrutura interna de tais situações, a assumpção da caracterização da perfectividade tendo em conta a perspectivação da situação como um todo não invalida

que a situação seja explicitamente referenciada por outros meios – o significado lexical do verbo ou outras oposições aspectuais.

Com efeito, no Russo, é-nos fornecida informação aspectual relativa a fases da estrutura interna da situação que é distribuída por meios lexicais, mesmo quando se aborda a situação como um único conjunto, como é o caso de formas pertencentes ao aspecto perfeito. Este facto poderá, aliás, ajudar a explicar algumas produções ou juízos de gramaticalidade feitos por falantes de Russo a respeito de formas verbais em PLNM (vd cap. 3).

A aceção de perfectividade dada acima esclarece, segundo Comrie, algumas ambiguidades generalizadas por parte da comunidade linguística relativamente a caracterizações inadequadas do conceito de perfectividade que conduzem a incorrectas avaliações do papel do aspecto (Comrie, 1976: 16). O autor alega que o critério da curta duração da situação atribuído a formas perfectivas e o da longa duração atribuído a formas imperfectivas não só não é adequado como é contraditório quando se observam determinadas línguas em particular. Uma delas é o Russo, em que tanto formas perfectivas como formas imperfectivas poderão referir um mesmo intervalo de tempo sem implicações de curta ou longa duração. Visto que a utilização do termo perfectivo não poderá definir genericamente uma situação como limitada, o mesmo conceito não se poderá opor a uma situação ilimitada, com duração, uma vez que, em algumas línguas como o Russo, formas perfectivas também descrevem a duração de uma situação.⁶⁶

Sendo, portanto, frequentemente, associada ao conceito de perfectividade, a vertente semântica de uma situação *pontual*, momentânea, relativamente à caracterização de uma situação de uma curta duração, como vimos, essa associação semântica poderá não ser verdadeiramente adequada quando se observam exemplos em línguas como o Russo, em que formas perfectivas expressam situações não pontuais. Como vimos, numa forma perfectiva, a referência não explícita sobre a constituição

⁶⁶ Repare-se na forma perfectiva de Futuro de aspecto perfeito – *ja porabotaju* ‘eu terei trabalhado’ – em que o prefixo perfectivo *po-* (но, em cirílico) além de caracterizar a acção como concluída, terminada com resultatividade, também atribui ao verbo o sentido de “um pouco” (trabalhar um pouco, um momento). Assim sendo, a informação semântico-lexical deste prefixo perfectivo apresenta determinados limites temporais internos da situação, mais concretamente limites que circunscrevem uma duração da situação.

interna da situação não invalida que a distribuição lexical do significado referencie explicitamente uma duração ou uma sucessão de fases de um intervalo de tempo, apesar de a situação ser encarada como um único conjunto e de se tratar de uma situação momentânea. O termo pontual não se aplica, pois, em todas as formas perfectivas, já que reduz conceptualmente a situação a um único ponto excluindo a complexidade interna da situação.⁶⁷

Em relação à frequente combinação de propriedades aspectuais com a função da perfectividade para caracterizar a situação, além da propriedade de pontual, encontra-se uma outra noção – a de situação *completa*.⁶⁸

Como argumenta mais uma vez Comrie, pelo facto de o uso do perfectivo encarar a situação como um todo sem referência explícita a fases internas distintas, a informação aspectual relativa ao *terminus* de uma situação contradiz a própria definição de perfectividade, que por si só não dá conta da explicitação dos limites temporais internos da situação. Assim sendo, a designação de *completa* atribuída a uma forma perfectiva não é adequada, não podendo ser considerada quando se analisa a língua russa.

Contudo, uma forma perfectiva não deixa de indicar uma situação em certa medida completa, ou, pelo menos, vista como acabada, apesar de não tornar explícito o limite final da situação, em contraste com uma forma imperfectiva que dá conta da situação em curso. No caso do Russo, outro critério utilizado para caracterizar este tipo de situação expresso por formas perfectivas é o da resultatividade. Uma situação concluída poderá apresentar resultatividade, indicando então a forma perfectiva, desta forma, uma situação que foi realizada com resultado (*on richíl jinítsa* ‘ele decidiu casar’).

⁶⁷ Comrie (1976: 18) propõe um ajuste conceptual e terminológico alternativo a “ponto” – partícula: “Since the notion of a point seems to preclude internal complexity, a more helpful metaphor would perhaps be to say that the perfective reduces a situation to a blob, rather than to a point: a blob is a three dimensional object, and can therefore have internal complexity, although it is nonetheless a single object with clearly circumscribed limits”.

⁶⁸ Para o referido autor (1976: 18-19), o termo que mais bem se adequa à caracterização da situação seria *completada*, e não *completa*, justificando este recorte conceptual e terminológico pelo facto de se ajustar melhor ao âmbito do aspecto e de definir com mais precisão a questão.

Resumindo, apesar de o conceito de perfectividade perspectivar a situação como um todo, sem explicitar a estrutura interna da situação, poderá incluir a expressão de duração da situação. Assim sendo, a perspectivação global da situação fornecida pela perfectividade não implica que não seja possível usar formas perfectivas para referir situações que tenham estrutura interna. Outros termos que frequentemente se associam à função de perfectividade – pontual e completa – não são totalmente adequados a todas as expressões de perfectividade, no sentido em que essas vertentes semânticas colidem de alguma forma com a própria delimitação do conceito.

4.1.2 Expressão da Imperfectividade

Retomando a noção de imperfectividade dada inicialmente – uma perspectivação da estrutura temporal interna da situação, que referencia explicitamente a situação no seu desenrolar, fornecendo informação semântica sobre o tipo de situação e sobre a forma como se processa a acção em curso, poderemos, portanto, dar conta de variadas propriedades temporais internas da situação.

Tradicionalmente, estão subordinados à imperfectividade dois conceitos: o de habitualidade e o de continuidade (ou duração). Em línguas com uma única categoria para a expressão da imperfectividade e na qual ocorre uma subdivisão nos dois conceitos referidos, é possível a distinção em formas imperfectivas do tipo aspectual da situação presente. Não obstante esta subdivisão especificar determinados valores aspectuais – habitual ou durativo –, a verdade é que estas propriedades temporais internas confluem numa única esfera – a da expressão da imperfectividade, que torna explícita a constituição interna da situação.

Note-se, contudo, que o valor aspectual de habitual, ao caracterizar a repetição de uma situação, isto é, “uma sucessiva ocorrência de uma série de instantes de uma dada situação”(Comrie, 1976: 26),⁶⁹ poder-se-á confundir com o conceito de iteratividade. Por outro lado, uma série de instantes, referentes à repetição de uma situação, não se expressa exclusivamente por via de formas habituais, ou de formas imperfectivas. Repare-se que essa série de instantes não deixa de se poder incluir numa

⁶⁹ Tradução nossa.

única e simples situação, sendo assim permitido usar, em alguns casos, formas perfectivas que expressem a repetição da situação, sem referência explícita a cada instante. Assim, o conceito de habitualidade (independentemente de incluir uma repetição da situação) poderá não envolver iteratividade, se encararmos a situação, repetida na sua estrutura interna por fases, como um único período de tempo.

Quanto à expressão da habitualidade em Russo, além da utilização da oposição perfectivo/imperfectivo, são observados outros mecanismos, morfológicos e pragmáticos, que caracterizam a situação habitual.⁷⁰ Na língua portuguesa, uma situação habitual é frequentemente expressa por uma forma imperfectiva – *O Viktor costumava beber café depois de almoço.*⁷¹

Oposta à noção de habitualidade, encontra-se a noção de continuidade, como referimos acima. De facto, formas que descrevam uma situação com uma continuidade no desenrolar da acção (uma certa duração) explicitam uma estrutura interna de uma situação em curso, não estática, portanto.

Encontra-se outra dimensão aspectual associada à noção de continuidade – a da progressividade, que se poderá definir como um subtipo aspectual do aspecto contínuo (ou durativo). O significado de formas progressivas prende-se com a “descrição de uma situação em progresso”.⁷² Contudo, esta definição tradicional não dá conta da especificação aspectual deste subtipo relativamente à generalidade das formas imperfectivas. Seria necessário observar diferenças entre o que se entende por progressivo e outras formas imperfectivas, nomeadamente as formas habituais. Repare-se que o significado aspectual progressivo aproxima-se da noção de continuidade, enquanto se afasta da noção de habitualidade, já que a perspectivação da situação em progresso não implica, necessariamente, a explicitação de uma série de instantes de uma dada situação (quanto mais a repetição da mesma situação). Por possuírem propriedades temporais internas relacionadas com a cursividade, a continuidade e o não completamento da situação, as formas progressivas contrastam com a descrição de uma

⁷⁰ Retirando exemplos de Comrie (1976: 31), a expressão adverbial *každyj raz* (“de cada vez”) e a expressão *byvalo* (“era costume/ costumava ser”) dão conta da descrição de cada ocorrência individual da situação iterativa. Mecanismos pragmáticos como implicaturas inerentes ao contexto também são considerados pelo autor como expressão da habitualidade de uma situação. (Cf. Comrie, 1976: 28-29).

⁷¹ Exemplo pertencente à questão 5a do inquérito da dissertação.

⁷² É uma definição encontrada em algumas gramáticas tradicionais, referida por Comrie (1976: 33).

situação habitual. Exemplificando na língua portuguesa, note-se que a situação expressa pela forma não progressiva (de PI) *O João bebia café* poderá ser substituída pela forma progressiva *O João estava a beber café* ou pela forma aspectual habitual *O João costumava beber café*, consoante o contexto, evidentemente. Como vimos, as formas progressiva e habitual não são comutáveis; pelo contrário, contrastam uma com a outra, pelo seu significado aspectual dissemelhante.

Poder-se-á distinguir, se a língua tiver meios formais para tal, entre formas progressivas e formas não progressivas. Sendo em algumas línguas necessário o uso obrigatório de formas que distingam o significado progressivo do significado não progressivo, a marcação destes valores aspectuais origina uma não comutação de formas.⁷³

Inversamente, em outras línguas, são comutáveis as formas progressivas com as não progressivas. Veja-se um caso do Português, em que *O João está a ler o jornal* poderá ser substituído por *O João lê o jornal*, sem que o significado do progressivo implique, necessariamente, a exclusão do significado não progressivo. Porém, esta possibilidade está dependente da escolha do verbo, por causa das suas propriedades semântico-lexicais.

É apresentada pelo referido autor uma definição geral de progressividade: “the combination of progressive meaning and nonstativity meaning” (Comrie, 1976: 35).⁷⁴ Segundo esta abordagem, o significado aspectual progressivo está de alguma forma relacionado com propriedades aspectuais inerentes ao verbo utilizado. O verbo poderá ser expresso por formas progressivas se as suas características temporais, inerentes ao significado lexical, permitirem o tratamento de uma situação não estática. Assim sendo, o facto de um verbo ser estático impede a sua expressão em uma forma progressiva, uma vez que a progressividade contradiz a noção de estaticidade.

Esta definição não inclui de todo o caso da construção progressiva em Português Europeu <estar a + infinitivo>. Este operador aspectual progressivo é uma forma progressiva singular, no âmbito de formas progressivas de outras línguas. Tomemos

⁷³ Como é o caso do Inglês (cf. Comrie: 1976: 33).

⁷⁴ Para o autor “stative verbs do not have progressive forms, since this would involve an internal contradiction between the stativity of the verb and the nonstativity essential to the progressive” (Comrie, 1976: 35).

como exemplo: *A Maria está a regar as plantas*. Veja-se que <estar a + infinitivo> apresenta características de duração e de incompletude, que nos fornece, contrariamente à definição dada acima de progressividade, um significado de estaticidade.⁷⁵

Contudo, o caso da construção progressiva em Português Europeu insere-se na definição de progressividade de Comrie apenas no sentido em que verbos estáticos não poderão ser expressos pelo operador aspectual progressivo.

A utilização de formas progressivas e não progressivas varia segundo a língua e obedece a critérios particulares da organização do cada sistema verbal, além de incluir classificações arbitrárias de situações (estáticas ou dinâmicas), percebidas diferentemente em cada língua (Comrie, 1976: 35).

Resumindo, a expressão da imperfectividade e de subtipos aspectuais adjacentes (habitual vs contínuo; progressivo vs não progressivo) varia consoante a língua em questão, estando a sua utilização relacionada com propriedades do conteúdo lexical, cujas características temporais internas caracterizam uma situação que envolverá uma certa duração ou uma sequência de fases. A imperfectividade, em se tratando de um campo de expressão que explicita especificidades internas da constituição da situação, sustentado, naturalmente, pelo significado inerente de itens lexicais, obedece a critérios de organização de cada língua, sendo, pois, de difícil generalização.

4.2 Oposição Pontual/Durativo

Tendo sido referidos os termos *pontual* e *durativo* aquando da explanação das expressões de perfectividade e de imperfectividade, cumpre-nos abordar, com mais pormenor, a oposição aspectual entre os conceitos de pontualidade e de duração.

Semanticamente, estes dois conceitos opõem-se, no sentido em que o termo *pontual* se aplica a uma situação sem duração (uma situação que não tem estrutura interna), enquanto o termo *durativo* é aplicado a situações cuja estrutura interna abranja um período de tempo. Desta forma, são associados os termos *pontual* e *durativo* a

⁷⁵ Cf. Oliveira (2003: 146-148). Segundo a autora, à construção progressiva são associadas as características da duração e de incompletude pelo facto de a situação ser perspectivada como estando a decorrer. Acrescenta, ainda, que a utilização do Presente Progressivo provoca uma alteração aspectual em alguns predicados, isto é, processos culminados perderem a culminação.

formas perfectivas e a formas imperfectivas, respectivamente (*vd supra*). No entanto, situações pontuais como as expressas nos verbos *tossir* ou *espirrar* poderão ser encaradas como uma série de actos repetidos, que se concretizam num certo intervalo de tempo – *A Maria está a espirrar*. Apesar de o verbo utilizado se caracterizar como pontual, uma vez que trata a acção como um acto isolado, não repetido, enunciados como o exemplo acima mostram que podemos ter uma leitura iterativa da situação. Na verdade, pelo facto de se usar o operador aspectual progressivo, temos a percepção de que não se trata apenas de um acto isolado e de que a situação dura um período de tempo. Assim, o uso do progressivo, que, como vimos em Português, apresenta características de duração e/ou de incompletude (em suma, as mesmas de uma forma imperfectiva), poderá combinar-se com características temporais inerentes ao verbo, como a pontualidade (propriedade geralmente associada a formas perfectivas).

Outra circunstância em que se observa um verbo pontual caracterizando uma situação iterativa é a seguinte: *Eu tenho encontrado a Maria esta semana*⁷⁶. Repare-se que a forma do PPC, apesar de utilizar um verbo com características pontuais (*encontrar*), enuncia uma situação que se repetiu e ainda se poderá repetir no presente, justamente o que faz a originalidade desta forma verbal no quadro das línguas românicas e lhe confere valores aspectuais muito próprios (*vd 2.6*).

Em relação à associação entre o termo *durativo* e formas imperfectivas, cumpre-nos distinguir semanticamente os conceitos de duração e de imperfectividade. Para Comrie, duração não implica necessariamente imperfectividade. Este último conceito diz respeito à perspectivação de uma situação com a atenção na sua estrutura interna, enquanto o primeiro se reporta ao simples facto de uma dada situação durar um certo período de tempo (cf. Comrie, 1976: 41). Essa distinção é justificada pelo autor com a existência de verbos com sentido durativo em Russo que não são de aspecto imperfectivo (ou imperfeito, para usar a terminologia própria do sistema russo).

Embora tenhamos referido que o termo *durativo* é aplicado a situações cuja estrutura interna abranja um período de tempo, na verdade, e como já vimos, em algumas línguas, também formas perfectivas, que não especificam a estrutura interna, não são incompatíveis com a duração. Assim sendo, a duração poderá não ser somente

⁷⁶ Exemplo pertencente à questão 10 do inquérito.

explícita por uma estrutura interna, nem ser exclusiva da expressão da imperfectividade. Por isso, a utilização do termo não será generalizável para a caracterização de um subtipo aspectual de imperfectividade.

Quanto à delimitação conceptual de *duração*, Cohen (1989: 74-75) expõe alguns problemas em relação à aplicação desta noção, chegando a invocar uma outra noção não generalizável – a de processo. Para este autor, a questão torna-se ainda mais complexa pela ausência de uma distinção rigorosa de planos sobre os quais se apreende a duração: se se trata de um plano lexical (em que se considera como traço semântico a oposição durativo/não durativo); ou se se trata de um plano semântico (em que a oposição é configurada por semantemas que se caracterizam por durativos ou não durativos).

Relativamente à pontualidade, traço semântico característico de situações que não têm estrutura interna, poder-se-á concluir, como Comrie, que este traço não será compatível com a expressão da imperfectividade.

Como expusemos anteriormente, a caracterização de uma situação pontual como “espírrar”, poderá caracterizar-se como uma situação *semelfactiva* se se fizer referência a um único acto de espírrar (isto é, um espírra que ocorre uma única vez), enquanto que uma série de espírras será caracterizável como uma situação iterativa, apesar do traço de pontualidade inerente ao verbo.

Note-se que, em algumas línguas como o Russo, existem verbos perfectivos do tipo de *tossir* com marcação léxico-semântica (sufixos) que dão conta somente de situações que não poderão ser percebidas como tendo qualquer espécie de duração (cf. Comrie, 1976: 43).⁷⁷ Para a expressão do *semelfactivo* em Russo é utilizado o sufixo *-nu-* em verbos de aspecto perfeito. Contrastando com o verbo *tossir*, o verbo *espírrar* também faz uso deste sufixo, no aspecto perfeito: *aná tchikhanúla* ‘ela espírrou [uma vez]’, mas opõe-se ao verbo de aspecto imperfeito *aná tchikhala* ‘ela espírrava [uma série de vezes]’. Neste caso particular, o verbo russo que significa *espírrar* tem par aspectual imperfectivo.

⁷⁷ Segundo Comrie (1976: 43), esta classe de verbos não tem um par aspectual imperfectivo. O autor refere ainda que: “in Slavonic linguistics, the term ‘semelfactive’ or ‘momentary’ is given to such verbs, qua lexical items, irrespective of whether they are used iteratively or not.” (*ibidem*, p. 43, nota 2).

O facto de grande parte das línguas consignarem situações pontuais que, em determinadas circunstâncias, poderão incluir uma série de actos pontuais, indicia, segundo Comrie, que a noção de pontualidade é uma categoria linguística válida.

4.3 Situações Télicas e Situações Atélicas

A natureza télica de uma situação prende-se com o facto de a situação poder ter um fim, ou seja, um limite terminal. Desta forma, a propriedade aspectual de telicidade, presente na descrição de uma situação com alguma duração tenha ela duração curta ou longa, indica-nos o limite terminal da constituição da situação.

Repare-se que esta propriedade poderá estar presente em situações percebidas perfectivamente ou imperfectivamente. Com efeito, tendo em conta a duração da situação (e até mesmo a sua completude, em particular para a descrição de situações em formas perfectivas), um ponto terminal de um estado de coisas poderá ser referido de uma maneira explícita ou implícita, seja por via de formas imperfectivas ou de formas perfectivas, respectivamente.

Embora não referencie explicitamente os limites temporais internos da situação (função exclusiva da imperfectividade), uma forma perfectiva tem, no entanto, implícito um ponto terminal da duração da situação (vista com um todo), uma vez que a própria situação é percebida em certa medida como completa.⁷⁸

Apesar de as formas imperfectivas poderem ter implícito que uma determinada situação ainda não tenha terminado ou não esteja completa, não impede que situações télicas possam ser expressas por uma forma imperfectiva, desde que esteja implicado no intervalo de tempo em questão o facto de o ponto terminal ainda não ter sido alcançado (*A roupa estava a secar, quando choveu*) (cf. Comrie, 1976: 47). Efectivamente, *secar a roupa* é uma situação télica, pois apenas existe quando a roupa estiver seca, isto é, quando a situação estiver completa.

Observa-se, ainda, que os tempos gramaticais que fazem referência ao passado apresentam condições semânticas mais adequadas à expressão de situações com

⁷⁸ A propósito da relação entre perfectividade e situações télicas em Russo, Comrie (1976: 46) considera o seguinte: “a perfective form referring to a telic situation implies attainment of the terminal point of that situation”.

telicidade, pelo simples facto de estar implícita uma situação em certa medida concluída. Exceptuamos o PI, dentro destes tempos do passado que referenciem um ponto terminal, por se tratar de um tempo gramatical que, ao dar conta de uma situação com uma duração longa, apresenta, como já referimos (vd 2.2), características aspectuais de estaticidade, e no qual está ausente, de uma forma assumida, um limite terminal. Segundo Oliveira (2003: 140), o PI “ por ser um tempo alargado, torna simultaneamente possível transformar eventos télicos em predicados atélicos, não delimitados, havendo a possibilidade de os transformar em estados (habituais ou outros)”, como confirma o exemplo *Enquanto a Maria trabalhava, o Vladimir dormia*⁷⁹.

Uma situação atélica será aquela expressa por uma forma progressiva do Português (*O Vladimir estava a beber um café*)⁸⁰, pelo facto de apresentar um significado aspectual aproximado da noção de continuidade com características de estaticidade e de incompletude, sendo, como tal, evidente a ausência de um limite terminal.

Quanto ao facto de autores como Van Valin e La Polla (1997: 93), entre outros, considerarem que estados (situações estáticas) e actividades (situações dinâmicas caracterizadas por um processo com fases sucessivas) são atélicos por não conterem delimitação, Comrie (1976: 50-1) expõe um parecer contrário: estados poderão fazer referência ao começo e ao fim da situação se forem expressos por formas perfectivas, embora essa interpretação apenas seja possível em algumas línguas, como o Russo, que permitem, em alguns casos, a combinação de perfectividade e estaticidade.⁸¹

De facto, nos exemplos *Eu estive doente* e *Eu estive desempregado*⁸² verificamos que a expressão de um estado em uma forma perfectiva faz referência,

⁷⁹ Exemplo por nós fabricado e que consta do inquérito dado aos informantes, presente na questão 5d.

⁸⁰ Excerto de um exemplo incluído no inquérito desta dissertação (questão 4).

⁸¹ Esta perspectiva inclui-se numa abordagem em que se confrontam estados com situações dinâmicas, baseada na possibilidade de implicação de mudança. Por isso, o autor considera como dinâmico o começo ou o fim de um estado.

Como exemplo de um estado expresso por uma forma perfectiva em Russo, utilizaremos um fornecido pelo referido autor (Comrie, 1976: 50): “*já postojal (Pfv) tam čas* ‘I stood there for an hour’ ”.

⁸² Este último exemplo encontra-se incluído na questão 7 do inquérito da presente dissertação.

implícita, a um começo e, principalmente, ao fim da situação – em concreto, no presente momento, o indivíduo já não está doente, nem desempregado.

Em relação à questão de o limite terminal ser inerente à situação, verifica-se que a sua implicação é fundamental para a expressão de situações télicas. Deste modo, poder-se-á distinguir em situações télicas, tendo em conta a inclusão de um ponto terminal, dois subtipos de situação: uma situação cuja sucessão de fases incluirá um ponto terminal (*accomplishments*); e uma situação pontual, que não tem duração (*achievements*) – a situação em si mesma corresponde precisamente ao ponto terminal da situação.⁸³ Assim sendo, a característica aspectual de pontualidade servir-nos-á para distinguir eventos télicos com duração interna, ou seja, distinguir em situações dinâmicas que incluem um ponto terminal as que têm uma estrutura interna (uma sucessão de fases) das que não a têm (situações pontuais).

É de notar que existe alguma dificuldade em perceber situações que sejam consideradas como télicas ou atélicas sem cair na ambiguidade. A interpretação télica ou atélica de uma situação depende fortemente do contexto frásico. Não obstante a importância que a escolha de um verbo télico ou de um verbo atélico tem para caracterizar situações⁸⁴, tal escolha não se revela, no entanto, sempre determinante. Assim, a interpretação, télica ou atélica, da situação não se resume às propriedades temporais inerentes ao significado lexical do verbo (ou seja, ao *Aksionsart*), uma vez que o mesmo se poderá alterar quando combinado com argumentos semânticos veiculados por complementos dos verbos, expressões adverbiais e formas verbais, etc. (Van Valin e La Polla, 1997: 91 – 100).

Analisemos a propriedade aspectual de telicidade presente em algumas situações num outro plano de análise – o do contexto da situação. Em contextos de uso, reparamos que nem sempre são essenciais para a classificação de uma natureza télica ou atélica da situação factores de ordem sintáctica e/ou semântica – a transitividade de um

⁸³ Por terem como característica aspectual a pontualidade, os *achievements* não poderão ser expressos por formas imperfectivas, por razões de incompatibilidade, como vimos na secção sobre a expressão da imperfectividade.

⁸⁴ Como exemplos de verbos télicos, que contêm um limite terminal, referimos os seguintes: *morrer*, *chegar*, *secar*; como exemplos de verbos atélicos, que são independentes de um limite terminal, encontramos: *amar*, *viver*, *criar*, *aprender*, *dormir*. Note-se que em algumas línguas, como o Alemão, através de mecanismos derivacionais, é possível obter morfologicamente verbos, à partida não télicos, para uma expressão específica de situações télicas (*vd* Comrie, 1976: 46).

verbo ou a selecção argumental pedida pelo mesmo, por exemplo. Na verdade, em se tratando de necessidades comunicativas, verifica-se uma considerável liberdade do locutor para descrever determinadas situações que obedecem mais a parâmetros semânticos do que a sintáticos. Dentro dessas escolhas, encontra-se a preferência por verbos cujo significado lexical revele propriedades aspectuais inerentes adequadas às intenções comunicativas do falante. O papel semântico de determinados verbos no contexto da frase, sejam eles considerados à partida como télicos ou atélicos, varia segundo a escolha dos seus complementos. Note-se que, por vezes, são associados, de formas sintáctica e semanticamente não canónicas, complementos a verbos intransitivos. São, pois, aceitáveis frases do tipo *Ela dormiu a sesta* ou *Ela chorou as suas mágoas*. Observa-se, então, uma liberdade do falante em combinar complementos com verbos classificados tradicionalmente por intransitivos. Essa selecção argumental (sendo da responsabilidade do locutor) põe em evidência a situação e sua descrição. Repare-se, sobretudo, que, à primeira vista, poder-se-ia caracterizar uma situação atélica pela escolha do verbo (*dormir, chorar*). No entanto, ao seleccionarmos um argumento (objecto directo) verificamos uma graduação crescente da propriedade de telicidade, que resulta numa caracterização télica da situação.

Uma vez que os exemplos dados acima ilustram uma situação télica, independentemente de os verbos serem classificados, tradicionalmente, por atélicos (e intransitivos), são salientadas possibilidades combinatórias que, na linha de Thompson e Hopper (1982), poderemos considerar como graduáveis, em termos de telicidade, sendo atribuída esta propriedade aspectual ao contexto da situação, e não tanto à natureza léxico-semântica do verbo.⁸⁵

Por outras palavras, a atribuição de uma natureza télica ou atélica a determinados verbos tendo por base o seu significado lexical inerente não se revela tão determinante quando associamos a estes mesmos verbos complementos (não exigidos sintacticamente), o que nos evidencia uma maior importância da descrição da situação, em detrimento da escolha do significado aspectual do item lexical verbal.

Desta forma, poder-se-ia observar uma relação entre transitividade e telicidade (sendo esta variável por uma graduação) posicionada num plano semântico, cuja

⁸⁵ P. Hopper e S. Thompson exploram esta ideia no âmbito da transitividade (cf. *Studies in transitivity*: New York/London, 1982).

relevância se deve mais às utilizações do verbo, e não tanto ao significado aspectual do verbo.

4.4 Aspecto Expresso por Perífrases

Quando falamos da expressão do aspecto português em formas verbais, sabemos que a sua manifestação não se resume somente ao significado lexical do verbo nem à flexão verbal, e que variadas possibilidades concretizadoras de dimensões aspectuais estão presentes em construções perifrásticas.⁸⁶

A expressão de aspecto em perífrases verbais processa-se gramaticalmente, envolvendo a construção perifrástica um verbo auxiliar combinado com um verbo principal/auxiliado. Em relação à manifestação aspectual perifrástica, Barroso (1994: 80) considera-a “mais rentável e altamente funcional (...) pelo uso de instrumentos gramaticais próprios, os valores aspectuais tornam-se mais claros e, por isso, mais facilmente detectáveis”. É certo que a expressão do aspecto em perífrases o torna mais explícito do que em outros processos gramaticais (entre eles, a flexão verbal) e, como tal, mais funcional, resultando daí a sua maior frequência de uso como forma de expressão aspectual.

O facto de o aspecto perifrástico se apresentar em construções que evidenciam o fenómeno linguístico da auxiliaridade (no qual, segundo o referido autor, é estabelecido um elo de ligação/subordinação entre verbo auxiliar e verbo auxiliado) permite observar a função instrumental que o verbo auxiliar desempenha na expressão perifrástica. Com efeito, o verbo auxiliar, ao veicular valores aspectuais combinados com a cumulação de funções gramaticais (tempo, modo, voz, pessoa e número), protagoniza um paradigma verbal, graças ao qual a acção se prende com a modificação da acção do verbo

⁸⁶ Quanto à expressão da categoria *Aspecto*, Barroso (1994: 55) salienta a tendência analítica da flexão verbal como característica das línguas românicas, facto que, em seu entender, fez com que a conjugação perifrástica (pela função instrumental que o verbo auxiliar desempenha) assumisse um papel essencial no suprimento de uma deficiência das formas verbais simples do verbo português em expressarem o aspecto, entre outras modalidades.

auxiliado. É essa função aspectual modificadora⁸⁷ que acaba por mostrar com clareza a auxiliaridade como um recurso rentável e funcional de expressão aspectual gramatical.⁸⁸

Concretiza-se, então, o aspecto perifrástico pelas construções resultantes da combinação de verbos auxiliares, que comportam valores aspectuais, com formas nominais do verbo principal – infinitivo, gerúndio e particípio. No entender de Barroso (1994: 53), estas formas nominais distinguem-se de outras formas verbais flexionadas (em tempos, modos, pessoas e números) por possuírem um ‘carácter aspectual’: “o particípio indica o termo de uma acção (...); o gerúndio expressa uma acção em desenvolvimento (...); o infinitivo evoca a possibilidade do desenvolvimento ou, então, acção verbal em completa tensão”.

Funcionando a forma nominal do verbo principal como instrumento gramatical que veicula um valor aspectual, combinada essa com um auxiliar, também “aspectual”, obtém-se uma estrutura gramatical que forma uma única unidade semântica e sintáctica – e funcional, para o referido linguista.

A atribuição de um significado instrumental (e não lexical) ao verbo auxiliar, cuja função consiste em modificar ou especificar o significado do verbo principal (por sua vez, lexical), reflecte um processo de gramaticalização gradual, que poderá ser convertido em objecto de observação pela relação entre os elementos que constituem o complexo verbal perifrástico.⁸⁹

Tendo em conta as potencialidades de expressão do aspecto evidenciadas pela unidade sintáctica, semântica e funcional que é a estrutura perifrástica aspectual, debruçar-nos-emos em particular sobre perífrases de uso frequente que nos interessa abordar, no contexto desta dissertação.

Começaremos pela perífrase <estar a + infinitivo> que nos exprime um valor aspectual ‘cursivo’, à qual aludimos no ponto 4.1.2., apelidando-a de construção progressiva. Como vimos anteriormente, esta perífrase aspectual progressiva revela um

⁸⁷ Função que, segundo Barroso, “tem que ver com a transposição de uma significação léxica para uma significação gramatical” (1994: 56).

⁸⁸ Por essa razão, o referido linguista considera como propriedade associada às construções perifrásticas a sistematicidade (Barroso, 1994: 55-56).

⁸⁹ Barroso (1994: 66) definiu 5 fases (ou graus) no processo de gramaticalização das perífrases verbais, tendo em conta a relação de coordenação e /ou subordinação entre os elementos que as constituem, fornecendo exemplos e critérios de sistematização.

significado de estaticidade, associado a valores aspectuais de duração e de incompletude da acção. Assim, sendo manifestado um valor aspectual especificamente cursivo (incluído este no valor durativo), esta construção perifrástica servir-nos-á para expressar uma situação em curso, como nos mostra o exemplo *Ele está a jantar em casa neste momento*⁹⁰. Repare-se que é por via desta construção perifrástica que se concretiza a expressão aspectual de estados faseáveis,⁹¹ e da qual obtemos uma leitura de actualidade.

Embora não seja tratada a variante do Português do Brasil na presente dissertação, cumpre-nos referir o uso da construção progressiva <estar + gerúndio> com valor aspectual equivalente a <estar + infinitivo>, até porque também é usada num dialecto meridional (localizado na região alentejana).⁹²

Observe-se, ainda, a manifestação de um comportamento estático, com valor cursivo, veiculado pela perífrase aspectual <estar a + infinitivo> quando combinada com o PI, exemplificada em *O Vladimir estava a beber um café quando o telefone tocou*, sendo esta estrutura aspectual comutável com a forma simples do PI *O Vladimir bebia um café quando o telefone tocou*⁹³.

Já a construção perifrástica aspectual <costumar + infinitivo>, presente no exemplo *O Viktor costumava beber café*⁹⁴, também comutável com a forma simples do PI (*bebia*) em determinados contextos, assume um valor aspectual ‘habitual’ (incluído este no valor durativo), caracterizando a descrição de uma situação que se repete sucessivamente de forma habitual, a par de expressões como “é/era costume” e “é/era habitual”.

⁹⁰ Exemplo retirado do inquérito destinado aos informantes deste trabalho de investigação (questão 2).

⁹¹ Caracterizando esta construção no contexto de aspecto de fases, Barroso (1994: 93) refere que esta perífrase poderá indicar, secundariamente, “um sentido ‘durativo’ e também um sentido de fase ‘continuativa’, ou melhor, uma neutralização das fases ‘inceptiva’, ‘progressiva’, ‘continuativa’ e ‘pré-final’.” Ainda sobre a perífrase <estar a + infinitivo>, é de notar que o autor a define como expressão da categoria aspectual de visão angular (contrapondo-se à visão comitativa, manifestada pela perífrase aspectual <andar+a+infinitivo> (Barroso, 1994: 93).

⁹² Sobre o uso frequente destas construções progressivas atribuído às respectivas normas do Português, Barroso (1994: 93) considera que exemplos ilustrativos do contrário não nos permitem afirmar a exclusividade do uso por parte de uma ou outra norma.

⁹³ Exemplos referenciados na questão 4 do inquérito da presente dissertação.

⁹⁴ Exemplo retirado da questão 5a do inquérito.

No que toca a outra subcategorização da expressão do valor durativo, encontra-se o valor aspectual ‘permansivo’, patente na construção perifrástica <continuar + infinitivo>, a qual utilizamos para descrever uma situação contínua, ininterrupta: *Eu continuo a estar desempregado*⁹⁵.

A propósito das perífrases aspectuais até agora abordadas, é conveniente realçar o papel semântico e aspectual que a preposição desempenha na unidade perifrástica. Com efeito, a interpretação da perífrase está sujeita à influência de sentido que a preposição põe em acção. Assim, <estar por + infinitivo> e <continuar por + infinitivo> expressam um sentido divergente de construções perifrásticas congêneres e revelam um valor aspectual de “não realização da acção verbal”⁹⁶. Na perífrase <estar para + infinitivo>, a preposição ajuda a construir um sentido aspectual que expressa a descrição de uma situação cuja acção verbal se encontra numa ‘fase iminencial’: *Ela está para se deitar há horas; O início do jogo está para acontecer a qualquer momento.*⁹⁷

A expressão do aspecto de fases⁹⁸ concretiza-se em outras construções perifrásticas como <começar a + infinitivo> e <acabar de + infinitivo>, as quais se opõem do ponto de vista aspectual: a primeira especifica “o momento exacto do começo efectivo de uma acção verbal” (Barroso, 1994: 115), descrevendo, por isso, uma situação com valor aspectual ‘inceptivo’, e pertencendo, assim, à ‘fase inceptiva’ (cf. Barroso, 1994: 115)⁹⁹. A segunda é respeitante à fase final da acção verbal, servindo para descrever uma situação com valor aspectual ‘conclusivo’.¹⁰⁰ Poderemos ainda

⁹⁵ Exemplo presente na questão 7 do inquérito.

⁹⁶ Cf. Barroso (1994: 162) sobre outros valores aspectuais, expressos por perífrases verbais (ponto 3).

⁹⁷ Repare-se que, nos exemplos forjados, escolhemos dois verbos cuja significação interna se opõe aspectualmente - um com características de duração (deitar) e outro com características de pontualidade (acontecer). Isto para referir, na linha de Barroso (1994: 112), que o facto de apenas os verbos durativos admitirem fases, não invalida que se verifiquem co-ocorrências entre sintagmas gramaticais de fase iminencial e verbos pontuais.

⁹⁸ Sobre a categoria aspectual da fase (ou grau), Barroso (1994: 109-135) enuncia e exemplifica 7 fases (ou graus) da acção verbal expressa por perífrases: iminencial, inceptivo, progressivo, continuativo, regressivo, conclusivo, egressivo.

⁹⁹ De acordo com o autor, esta perífrase apresenta uma grande rentabilidade funcional. Em relação à expressão do valor inceptivo nas perífrases, a par de *começar*, encontram-se os verbos: *iniciar* e *partir*.

¹⁰⁰ Segundo Barroso (1994: 131), a principal característica desta perífrase é manifestar-se paradigmaticamente na norma. O autor faz ainda alusão ao facto de a mesma se combinar em exclusivo com verbos ‘durativos’. Numa construção perifrástica similar, menos frequente, outro verbo poderá

considerar estas subcategorizações valorativas – inceptivo e conclusivo – como uma extensão do sentido do valor aspectual pontual (Duarte, 1983: 134).

É oportuno referir, na presente dissertação, que a construção perifrástica <estar + participio passado>, presente no enunciado *Eu (ainda) estou desempregado*¹⁰¹, é, segundo Barroso (1994: 71 e 160), uma perífrase de voz passiva. Embora não seja classificada como perífrase aspectual, o linguista salienta a natureza aspectual da construção, uma vez que a mesma apresenta um sentido secundário de ‘acabamento/ conclusão’ de uma acção verbal – expresso lexicalmente através do significado do participio passado, no qual o valor terminativo está intrinsecamente contido.¹⁰²

Ainda que não tenhamos explanado todas as perífrases que expressam valores aspectuais, por não constituírem objecto de análise neste trabalho de investigação, podemos, desde já, constatar as diversas potencialidades de concretização de dimensões aspectuais (entre outras) que este tipo de construções permite. Desse modo, torna-se saliente o facto de as perífrases verbais no Português constituírem um alargado repositório de especificações aspectuais que está ao serviço do falante, ao qual fornecem múltiplos e variados recursos de expressão aspectual.

4.5 Hipótese de Reconhecimento da Noção Aspectual Imperfectiva

Estamos em crer que, na didáctica da língua portuguesa a aprendentes estrangeiros (e mesmo na didáctica do Português como língua materna), é dada pouca atenção ao Aspecto verbal. Julgamos nós tratar-se de uma área menos explorada e menos privilegiada quando se ensinam formas de expressão da temporalidade, ao contrário do relevo que assume a categoria Tempo.

expressar este valor conclusivo – *terminar* (cf. Barroso, 1994: 131-132). Mencionamos um exemplo, forjado por nós: *Quando terminar de atender os últimos clientes, a funcionária vai almoçar.*

Importa, ainda, referir um outro valor, não aspectual, expresso pela construção <acabar de+ infinitivo> – o valor temporal patente num exemplo de Barroso «Viste o nosso colega João? – *Acabo de falar* com ele.» (1994: 74).

¹⁰¹ Exemplo retirado da questão 7 do inquérito, que surge como possível alternativa a uma forma de PPC presente no enunciado *Eu tenho estado desempregado.*

¹⁰² Barroso (1994: 72 e 162) classifica esta construção de perífrase de ‘conclusão’, inserindo-a, por isso, na categoria aspectual do Cumprimento (ou Acabamento).

Entendemos por isso mesmo dever relevar a sua função na expressão verbal do Português, atendendo a particularidades do nosso sistema verbal que sejam, ou não, reconhecidas por falantes de Russo em contexto de imersão.

Tornou-se para nós fundamental abordar a temática da aquisição do aspecto verbal português por parte deste tipo de informantes, uma vez que o sistema verbal de línguas eslavas (nomeadamente do Russo e do Ucrâniano) é estruturado em torno da categoria Aspecto. Em se tratando de um sistema verbal aspectual – definido pela oposição perfectivo/imperfectivo – procurámos entender, face a esta particularidade de organização verbal destes sistemas linguísticos, se os inquiridos teriam facilidade em reconhecer esta oposição aspectual perfectivo/imperfectivo configurada em outro suporte, subordinada à categoria do *Tempo* e sustentada através da oposição entre o Pretérito Perfeito e o Pretérito Imperfeito.

Aparentemente, por se tratar de uma oposição interna dos sistemas verbais russo e ucraniano, poder-se-ia supor que a correlação aspectual interna ao sistema verbal dos informantes os levaria a adquirir mais facilmente o Pretérito Imperfeito português. Esta hipótese inclui, evidentemente, o pressuposto de que, para estes informantes, a aquisição desta oposição resultaria de uma aproximação semântica a valores aspectuais estruturantes do sistema verbal da língua materna.

Por um lado, interessou-nos apurar se, de facto, este público-alvo conseguiria reconhecer formas imperfectivas do Português, quando contrastadas com formas perfectivas, e se tal reconhecimento revelaria um estabelecimento de nexos aspectuais relativos a pontos de contacto com a sua língua materna. Por outro, não menos relevante, procurámos saber se o simples facto de estarem imersos linguisticamente na comunidade os levaria a reconhecer e a adquirir o sentido imperfectivo contido em algumas formas verbais portuguesas. Esta última observação será, na presente análise dos dados, relacionada com outra observação: a influência, ou não, da aprendizagem formal, em contexto de aula, no reconhecimento deste conteúdo aspectual relativo à imperfectividade expressa no sistema verbal português.

Resumindo, colocada a interrogação acerca de uma “suposta” facilidade, por parte deste tipo de informantes, em adquirir a noção de imperfectividade, tendo em conta o facto de se tratar de uma noção estrutural na organização verbal da sua língua materna, procurámos observar se o reconhecimento poderia ser resultante apenas do

contexto de imersão, isto é, se, sem aprendizagem formal, os inquiridos utilizariam essa noção e conseqüentemente a reconheceriam no PI.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DADOS

1 Inquérito

1.1 Breve Descrição e Justificação da Estrutura

Conforme anunciámos na Introdução, foi utilizado um inquérito para a recolha de dados sobre o reconhecimento da expressão do aspecto verbal português por parte de um público-alvo específico. Interrogámos, assim, exclusivamente, informantes adultos cuja LM fosse o Russo ou o Ucraniano – neste último caso informantes que também falam Russo (*vd* 1.3). A elaboração do inquérito teve por base algumas configurações do Aspecto verbal em Português que, em combinação com a categoria verbal Tempo, se apresentam em enunciados de frases simples e de frases complexas, que descrevem situações com determinados valores (*vd* anexo 1 – Inquérito).

Procurámos organizar esses valores aspectuais característicos do sistema verbal português, com vista a uma averiguação de juízos gramaticais fornecidos pelos inquiridos.¹⁰³ Para o efeito, utilizámos questões que obedecem a critérios de ordem semântica – reconhecer o sentido de uma frase como idêntico ou dissemelhante ao de outra frase, colocando também as oposições, tal como foram tratadas no cap. 2 (*vd* 4).

Assim, sob o escopo semântico, incluímos nas questões elaboradas, como seria de esperar, a expressão da perfectividade e a expressão da imperfectividade, afinal categorias semânticas que também existem na língua materna dos informantes, ainda que configuradas em formas verbais distintas. Procurando apurar se os inquiridos reconheceriam a noção de imperfectividade em confronto com formas perfectivas,

¹⁰³ Apesar de termos inserido uma questão em que se pedia ao inquirido uma produção escrita (questão 11), resolvemos não a considerar para análise de dados, uma vez que foram poucos os informantes que a ela aderiram, sendo, portanto, insuficientes as redacções para tirarmos ilações.

opusemos, em várias questões, situações que explicitassem essa diferenciação aspectual (questões 1, 5a, 5d, 6, 7, 9 e 10, *vd* anexo 1). Outros valores coadjuvantes dos contidos no sistema verbal, expressos por adverbiais temporais, foram incluídos nos enunciados, uma vez que, de certa forma, permitiriam ao informante apreender o sentido da frase.

Noutras questões, opusemos formas imperfectivas perifrásticas a formas imperfectivas simples (questões 4 e 5b e 5d), com o propósito de aferir se o uso mais frequente das primeiras em contexto de imersão (isto é, o uso mais frequente das perifrásticas pelos falantes portugueses com quem os informantes convivem habitualmente) se reflectiria nos juízos semânticos dos inquiridos. Inserimos, ainda, outros usos de formas imperfectivas que especificassem leituras aspectuais particulares: em primeiro lugar, a de uma repetição da situação, aliada a um seu prolongamento até ao presente (o que permitiria testar o reconhecimento da originalidade do PPC – caso da questão 10); em segundo lugar, a de uma situação habitual (PI, perífrase <*costumar*+infinitivo>, presente nas questões 5a e 5d). Para aferirmos se o inquirido reconheceria, ainda, uma leitura aspectual expressa por uma forma de PR, colocámos enunciados alternativos que apresentassem ou um valor aspectual de habitualidade ou um valor unicamente temporal.

Por outro lado, contrapusemos formas compostas a formas simples (PI/ MQP) ou a outras compostas (PPC/MQP) com as quais se pudessem comparar, relacionando-as com as noções de perfectividade e imperfectividade. Assim, nas questões 6 e 8 confrontámos formas compostas com formas simples, enquanto na questão 9 foi confrontada uma forma composta com outra composta (*vd* anexo 1 – Inquérito).

Além de formas que expressem valores aspectuais, para testar o reconhecimento do sentido do PI, incluímos no inquérito uma fórmula de cortesia desprovida do seu valor imperfectivo, bastante usada em contexto de imersão.

Por fim, e para evitar um condicionamento automático das respostas, estes pontos não foram incluídos em blocos, mas sim numa organização aleatória das perguntas. Por comodidade de apresentação, a análise restituirá a unidade de cada ponto (cf. 2)

1.2 Dados Adicionais e Condições de Recolha

Para além das questões mencionadas em 1, optámos por recolher também outras informações. Assim, principiámos o inquérito com a solicitação de dados pessoais dos informantes que considerámos relevantes – idade; nacionalidade; a língua materna; as línguas estrangeiras que conhecem; o tempo de permanência em Portugal; se vivem com a família em Portugal; se têm filhos a estudar em escolas portuguesas; se comunicam em Português e onde (no trabalho, em casa, na rua) e com quem (com familiares, com amigos/conhecidos, com colegas de trabalho); se tiveram aprendizagem formal da língua portuguesa (em que escola ou país e qual a duração do curso de aprendizagem).¹⁰⁴ Tais dados, embora pudessem, noutros trabalhos, ser aproveitados de uma perspectiva sociológica, apenas servirão para conduzir a análise e não têm um valor estatístico significativo, ainda que possam indiciar pistas de interpretação das respostas à segunda parte.

Recolhemos inquéritos que foram distribuídos pelos seguintes locais: duas lojas de venda de artigos russos em Coimbra; Centros Locais de Apoio à Integração do Imigrante (CLAII), da Mealhada e da Figueira da Foz, que os reencaminharam para iniciativas promovidas pelos centros – cursos de iniciação à língua portuguesa para imigrantes, um leccionado numa escola de ensino público e outro num âmbito mais particular; Centro de Formação Profissional de Coimbra (que promoveu um curso de iniciação à língua portuguesa para imigrantes). Utilizámos também outras instituições, como a Universidade de Coimbra (Faculdade de Letras); a Associação *Espaço Vivo* (associação de imigrantes russófonos, em Coimbra); uma barbearia, um gabinete de estética e um café (locais de trabalho de imigrantes abordados individualmente). A diversidade dos locais de recolha garante, assim, que algumas tendências dominantes encontradas não resultarão de características apenas verificadas num grupo específico de informantes.

¹⁰⁴ Elaborámos um inquérito que protegesse ao máximo uma possível identificação dos inquiridos. Ainda assim, constatámos uma considerável apreensão de grande parte dos imigrantes abordados, julgamos nós, por desconfiança e receio perante uma exposição de dados que pudesse interferir com as suas condições de migração.

1.3 Perfil dos Informantes

Conforme já dissemos, aceitámos como informantes da dissertação apenas adultos, cuja língua materna fosse o Russo ou o Ucrâniano, independentemente da sua nacionalidade. Assim, estão registados com o Russo como LM: 24 inquiridos russos, 9 ucranianos, 3 bielorrussos e 1 lituano. Com o Ucrâniano como LM, registámos 17 inquiridos ucranianos. Note-se que grande parte dos cidadãos ucranianos também terão conhecimento de Russo como L2, em parte, a julgar pela sua idade, por o seu país ter pertencido à União Soviética. Em relação aos que têm conhecimento de outras línguas estrangeiras, exceptuando o Português, o Russo ou o Ucrâniano, o número mais expressivo diz respeito ao Inglês: 17 informantes.

Constituímos um elenco de informantes diversificado, com imigrantes imersos em diferentes contextos, a maior parte deles envolvida linguística e socialmente por um contexto laboral. No âmbito da dissertação não se considerou pertinente conhecer as habilitações académicas de cada um. Interessou-nos sobretudo comparar os resultados dos que tiveram alguma instrução formal de Português com os que nunca tomaram contacto com a explicitação de regras linguísticas do Português, sendo, pois, o conhecimento que possuem da L2 originado, incidentalmente, por situações comunicativas num contexto social e linguístico. Embora não fique claro o que se considera *aprendizagem formal* (cf. cap. 1), optámos por incluir aqui até uma aprendizagem mínima (por exemplo, aulas esporádicas facultadas por associações de apoio a imigrantes).

Assim, reunimos o total de 54 informantes, dos quais 26 tiveram aprendizagem formal da língua enquanto os outros 28 não. Quanto à média de idades dos que tiveram aprendizagem formal, esta encontra-se entre os 33 anos, enquanto a média dos que não a tiveram é de 39 anos. Ainda que estejam as duas médias na faixa etária dos 30, depreendemos, sem surpresa, uma maior adesão à instrução formal por parte de indivíduos mais novos do que os que a ela não recorreram.¹⁰⁵

¹⁰⁵ Esta última observação poderia ser útil para inferir, se a margem entre as duas médias não fosse tão curta, uma possível fossilização da gramática dos que não tiveram aprendizagem formal, caso tal surgisse na análise dos dados.

Apenas um informante reside em Portugal há 20 anos, tendo a maior parte dos inquiridos entre 1 a 10 anos de permanência em Portugal. Verificou-se, contudo, um número significativo de informantes com 7 anos de permanência no país – o que poderia coincidir com uma possível vaga de imigração.

A vivência com a família no país (45 informantes) e a inserção de filhos no ensino regular português (23 informantes) revelaram-se critérios pouco precisos para estabelecermos relações no que toca a uma imersão linguística total ou parcial. Por isso, resolvemos não as ter em conta durante a análise de dados, já que, pela natureza do inquérito, não conseguiríamos averiguar uma possível escassez de comunicação com falantes nativos ou o inverso. Por outro lado, o contexto predominante no qual comunicam em Português continua a ser o contexto laboral: 42 inquiridos comunicam com colegas de trabalho e 38 responderam que comunicam com amigos/conhecidos. Como vimos, este último critério já se apresenta claramente como necessário para uma suposição da influência do contexto de imersão. Um grande número dos inquiridos respondeu que comunica em português no trabalho (44 informantes) e na rua (36 informantes).¹⁰⁶ Assim sendo, os contextos sociais e linguísticos mais relevantes são o contexto laboral seguido do contexto informal – a rua (cf. cap. 1.2).

Como vimos, poderemos concluir que a maioria dos informantes está inserida social e linguisticamente na comunidade portuguesa (em sentido lato), e, ao que leva a crer, a amostra de que dispomos, tendo em conta os informantes considerados para pesquisa linguística, tanto poderão ter tido uma aprendizagem formal como uma aprendizagem incidental da língua. Admitimos um elenco heterogéneo para a investigação que levámos a cabo, precisamente para testar supostos efeitos (eficazes ou não) da aprendizagem formal, no que respeita a um reconhecimento da expressão aspectual do Português, ou, por outro lado, para avaliar até que ponto terá sido relevante o contexto de imersão para esse reconhecimento.

¹⁰⁶ Apenas 7 informantes responderam que comunicam em casa, ou seja, em contexto privado. Neste grupo poder-se-ão incluir informantes que têm familiares cuja LM é o Português e aqueles que partilham casa com falantes nativos.

2 Reagrupamento Temático das Questões

Conforme dissemos, considerámos pertinente, por uma razão organizacional, agrupar as questões em função de congruências semânticas que o inquirido, porventura, terá também adquirido.

Assim, reordenar-se-ão as questões do inquérito segundo um reconhecimento de:

- (i) formas imperfectivas – caso das questões 1,4, 5a e 6;
- (ii) distinção entre formas simples e compostas – questões 6 e 8;
- (iii) valores aspectuais contidos numa forma de PR – questões 2, 7 e 9;
- (iv) oposição entre PI (simples e perifrástico) e PPS – questões 5a e 5d;
- (v) relações entre diferentes construções com a forma de PI, envolvendo tempo e aspecto – questões 5a, 5b, 5d;
- (vi) noção aspectual de perfectividade contida numa forma de MQP – questão 5c;
- (vii) noção aspectual de imperfectividade contida numa forma de PPC – questões 10 e 7;
- (viii) valor do PI simples quando usado como fórmula de cortesia (este último para contraste) – questão 3.

O primeiro ponto diz respeito a um reconhecimento de formas imperfectivas, em concreto, uma forma de PI e sua distinção de uma forma perfectiva de PPS (questões 1 e 5a). Analisamos também uma forma de PI perifrástico e seu valor progressivo (questão 4) e uma forma de PI simples, por contraste com uma forma perfectiva de MQP (questão 6).

No segundo ponto, pretendíamos que os inquiridos reconhecessem a distinção aspectual entre tempos simples e tempos compostos com um ponto de referência – no caso das frases do inquérito, uma subordinada temporal para a oposição perfectivo/imperfectivo (novamente questão 6), ou um ponto de referência cronológico, em que ambos os enunciados expressassem a noção de perfectividade (questão 8).

Quanto ao terceiro ponto, tencionávamos aferir se valores aspectuais contidos numa forma de PR seriam reconhecidos, primeiramente, em formas de PR simples – uma com um valor habitual e outra forma com um valor temporal (actualidade com o

momento da enunciação) (questão 2). Sendo o PPC constituído por uma forma de PR como auxiliar, procurámos também apurar se eram reconhecidas as relações aspectuais entre esta forma composta e a construção perifrástica conjugada no PR <continuar a + infinitivo>, o adverbial temporal de contraste *ainda* e o circunstante *até agora* (questão 7). Também colocámos frases contendo a distinção aspectual entre uma forma composta de PPC e uma forma composta de MQP, estando ambas as formas acompanhadas pelo adverbial de duração *durante a semana* (questão 9).

O quarto ponto referia-se ao reconhecimento da oposição aspectual entre PI simples e perifrástico e o PPS, patenteando a anterioridade de um processo relativamente ao momento da enunciação e seu prolongamento (com valores de continuidade e de habitualidade), e ainda diferenciando o valor pontual do valor durativo (questões 5a e 5d).

No ponto quinto, procurávamos conferir se eram reconhecidas as relações de tempo e aspecto entre formas de PI simples e o PI perifrástico <costumar + infinitivo> (valor de habitualidade) (novamente questões 5a e 5d). De igual modo, queríamos testar o reconhecimento da relação entre PI simples e a perífrase <estar + infinitivo>, com adverbial *quando* (questão 5b). Também procurámos verificar o reconhecimento das duas construções perifrásticas acima referidas, desta feita quando acompanhadas pelas expressões anafóricas *enquanto* e *no momento em que* (questão 5d).

Já o sexto ponto implica o reconhecimento da noção aspectual de perfectividade contida numa forma de MQP e sua relação com o adverbial temporal de contraste <já> (questão 5c).

Referindo-se o sétimo ponto ao reconhecimento da noção aspectual de imperfectividade contida numa forma de PPC, tentámos perceber se a oposição aspectual entre PPC e PPS seria estabelecida e se o valor de iteratividade da forma composta seria reconhecido, estando esta mesma forma acompanhada pelo adverbial de quantidade *muitas vezes* (questão 10), tal como o valor de duração (questão 7).

Por fim, no oitavo ponto, pretendíamos que fosse reconhecido o valor de PI usado como fórmula de cortesia num pedido (cujo valor temporal é o mesmo veiculado por uma forma de PR), ao invés de um reconhecimento do valor aspectual imperfectivo (questão 3).

3 Análise do Reconhecimento de Valores Aspectuais

3.1 Formas Imperfectivas

Segundo os dados analisados sobre o reconhecimento de formas imperfectivas, particularmente no que toca ao PI *trabalhava* e sua distinção de uma forma de PPS *trabalhou* (questão 1), verificou-se que 26 informantes não distinguem as duas formas, 27 acertaram e 1 reconhece não saber a diferença (vd anexo 2 – tabela 1).

O índice de correcção aumenta nos informantes que conhecem outras línguas, nomeadamente o Inglês, sendo que, dos 27 informantes que acertaram, 16 conhecem esta língua. Parece pois confirmar-se não só o papel da LM como também o de outras línguas na facilitação da aprendizagem (vd anexo 2 – tabela 2) (cf. cap.1, 4).

Também existe um maior índice de correcção, ainda que pouco significativo, naqueles com aprendizagem formal (com aprendizagem formal) – 15 informantes – comparativamente aos que sem ela responderam correctamente (sem aprendizagem formal) – 12 informantes (vd anexo 2 – tabela 3).

Não sendo a diferença significativa entre informantes com aprendizagem formal e informantes sem aprendizagem formal no que respeita a este reconhecimento, tal poderia indiciar uma menor relevância dessa aprendizagem. Por outro lado, os dados ainda demonstram que o contexto profissional, que constitui, no fundo, o contexto de imersão (cf. cap. 1, 2) mostrou ser relevante, visto que, dos que acertaram, 25 informantes comunicam com colegas de trabalho e/ou amigos em Português (vd anexo 2 – tabela 4)

Corroborando estas observações, as respostas à questão 5a (que será tratada mais adiante) mostram que dos 28 informantes que acertaram, 15 sem aprendizagem formal e 13 com aprendizagem formal, há 25 que comunicam em contexto laboral e/ou relacional (vd anexo 2 – tabelas 27, 28 e 29).

Quanto a uma correspondência semântica entre uma forma de PI simples como *o Vladimir bebia um café* e outra de PI perifrástico como *o Vladimir estava a beber um café*, que denunciaria o reconhecimento de um valor aspectual progressivo também

presente numa forma de PI simples (questão 4), assistiu-se a uma grande percentagem de respostas correctas – 67% (36 informantes) (vd anexo 2 – tabela 5).

Novamente os informantes sem aprendizagem formal apresentam mais correcção: 20 sem aprendizagem formal, em comparação com 16 com aprendizagem formal,¹⁰⁷ sendo que todos comunicam com colegas de trabalho ou com amigos/conhecidos (vd anexo 2 – tabelas 6 e 7).

Repare-se que um dos factores que poderão ter contribuído para este índice de correcção é o da maior frequência de uso da perifrástica por falantes portugueses, justamente os que constituem o contexto de imersão dos inquiridos. Outra condicionante poderá ser a facilidade em conjugar a perifrástica, uma vez que os falantes apenas necessitam de conhecer a flexão verbal do verbo *estar* e de a conjugar com o infinitivo de qualquer verbo.¹⁰⁸

Tendo sido observado um índice maior de correcção em informantes sem aprendizagem formal, juntamente com o facto de o conjunto de informantes que acertou comunicar em contexto laboral e/ou privado, poderemos deduzir que aqui o contexto de imersão se mostrou relevante para um reconhecimento da forma imperfectiva simples, quando confrontada com a forma perifrástica.

No que respeita a um reconhecimento da forma imperfectiva PI simples *ia para a escola* em contraste com uma forma perfectiva de MQP *tinha ido para a escola*, tendo em conta uma subordinada temporal *quando cheguei a casa*, que serve de referência à situação expressa pelas duas formas (questão 6), observou-se uma alta taxa de correcção – 72% (39 informantes) (vd anexo 2 – tabela 8), (cf. 3.2).

Interrogar-nos-emos, então, sobre o que poderá ter desencadeado um possível reconhecimento aspectual entre as duas formas. Coloca-se a possibilidade de o uso da forma composta, que é bastante frequente, poder estar associado, na óptica do falante, a uma noção perfectiva. Contudo, não esqueçamos que se trata de duas formas distintas (uma composta, outra simples) o que também poderá ter levado o inquirido a

¹⁰⁷ Ainda que pouco significativa, a margem de erro é menor em informantes sem aprendizagem formal (7 informantes) do que em informantes com aprendizagem formal (9).

¹⁰⁸ Informação obtida através do Dr Vladimir Pliassov, que nos chamou a atenção, ainda, para a ocorrência de um possível erro quando este tipo de falantes incorre naquilo a que se chama de *over-use* (cf. cap.1, 4.): **estou a saber* em vez de *sei*.

reconhecer um enunciado como dissemelhante semanticamente do outro. Por ora, não aprofundaremos se, a este respeito, a língua materna dos informantes não terá contribuído para o índice de correcção.

Entre os informantes que acertaram, praticamente não existe distinção entre os com aprendizagem formal (20) e os sem aprendizagem formal (19), o que nos mostra uma menor relevância da aprendizagem formal para este reconhecimento. Por outro lado, dos que acertaram 35 deles comunicam em Português com colegas e/ou amigos, consequentemente, deduzimos que o contexto de imersão terá tido a sua influência para este reconhecimento da forma imperfectiva em contraste com uma forma de MQP, contrariamente à aprendizagem formal (*vd* anexo 2 – tabelas 9 e 10).

3.2 Distinção entre Formas Simples e Compostas

Retomando a análise desta mesma questão 6, mas já em relação a um possível reconhecimento da distinção entre tempos simples e compostos, embora haja uma alta taxa de correcção, parece-nos precipitado afirmar que estes informantes distinguem aspectualmente as noções de perfectividade e de imperfectividade opostas em tempos simples e tempos compostos pelo facto de terem atribuído sentidos diferentes a enunciados que possuem formas verbais diferentes (*vd* 4). Por outro lado, na busca de uma explicação para o elevado índice de correcção, não podemos ainda menosprezar que uma maior frequência de uso de uma forma de MQP num contexto frásico com uma subordinada temporal (iniciada por *quando* e que lhe serve de referência no passado) possa ter influenciado o inquirido. Sendo esta forma mais usada em contextos frásicos como estes, ao invés da de PI (pouco frequente, naquele contexto), mais facilmente é reconhecida pelos inquiridos.

Com um ponto de referência cronológico como *às 13.00 horas*, os resultados sobre o reconhecimento da distinção entre a forma simples *comeu* e a forma composta *tinha comido* (questão 8) confirmam as ilações acima referidas, sendo observado um índice de correcção considerável – 59% (32 informantes) e sem diferença entre informantes, quer tenham ou não aprendizagem formal (16 com aprendizagem formal/

16 sem aprendizagem formal). Contudo, acertaram na resposta 30 informantes que comunicam com colegas e /ou amigos, o que poderá indiciar uma influência do contexto de imersão (*vd* anexo 2 – tabelas 12, 13 e 14).

No que respeita a um reconhecimento da noção de perfectividade expressa pelos dois enunciados, parece-nos possível que o inquirido o possa ter sido atingido, em função de o contexto frásico apresentar um elemento lexical também usado especificamente na sua língua materna para expressar a perfectividade – *já*¹⁰⁹. Assim sendo, estaríamos perante uma influência da língua materna do inquirido, que potencia um caso de transferência positiva (*vd infra*, 4).

Acresce, ainda, que, pela informação fornecida pelo contexto frásico, o ponto de referência cronológica não coincide com o momento da enunciação (ou seja, o inquirido não tem de o reconstituir, já está presente no contexto frásico), além de que o adverbial temporal marca um contraste com esta referência precisamente para reforçar uma noção de perfectividade da situação.

3.3 Valores do Presente

Sobre o reconhecimento de valores aspectuais contidos em formas de PR Simples (questão 2), os dados mostram que 25 informantes escolheram o valor aspectual habitual, e 9 escolheram este valor juntamente com os outros valores temporais (*vd* anexo 2 – tabela 16).

Entre os que reconheceram na forma PR simples uma situação habitual, encontram-se 14 sem aprendizagem formal e 11 com aprendizagem formal - uma diferença pouco significativa, mas ainda assim reveladora de uma preferência por este valor em informantes sem aprendizagem formal. Como vemos, a aprendizagem formal não se mostrou relevante (*vd* anexo 2 – tabela 17).

Dos 14 informantes sem aprendizagem formal que acertaram, todos comunicam em Português com colegas e/ou amigos. O mesmo se passa com 10 informantes dos 11 que têm aprendizagem formal. Assim sendo, poderíamos atribuir uma influência ao

¹⁰⁹ Note-se que este adverbial é utilizado em Russo – *uzhe'* (уже) – para expressar uma acção terminada (se não for usado no mesmo contexto frásico a acção adquire outro sentido).

contexto de imersão para o reconhecimento deste valor habitual. Todavia, não nos esqueçamos que esta noção aspectual está contida também ela numa forma de PR russo (conforme mencionámos no cap. 2, 3), o que poderá indiciar uma influência da língua materna do inquirido. Note-se que 9 informantes responderam acertadamente ao reconhecer o valor habitual a par de valores temporais, sendo também esta uma circunstância comum em russo (*vd* anexo 2 – tabela 18).

Quanto a um reconhecimento de relações aspectuais entre a forma composta de PPC (cujo auxiliar é uma forma de PR) como *tenho estado desempregado* e a perífrase <continuar a + infinitivo> conjugada no PR (questão 7), o adverbial temporal *ainda* e o circunstante *até agora*, é verificado um índice de correcção considerável – 46 informantes acertaram em uma (ou mais do que uma) das três relações aspectuais (*vd* anexo 2 – tabela 19).

Novamente nos parece que a aprendizagem formal não terá influência assinalável, uma vez que 24 informantes sem aprendizagem formal acertaram e 22 sem aprendizagem formal também (*vd* anexo 2 – tabela 20). Quando muito, essa aprendizagem apenas teve importância numa residual margem de erro, já que, nos 5 que avaliaram a forma de PPS *estive desempregado* como tendo o mesmo sentido que a forma de PPC *tenho estado desempregado*, se encontram 4 sem aprendizagem formal e 1 com aprendizagem formal (*vd* anexo 2 – tabela 20). Dos que responderam afirmativamente, 43 comunicam com colegas e/ou amigos, podendo afigurar-se então uma possível influência do contexto de imersão (*vd* anexo 2 – tabela 21). Contudo, outras condicionantes poderão ter contribuído para um índice de correcção, entre elas, a repetição da forma verbal numa das respostas (já que na questão 10 temos 57% dos informantes a errarem, com maior percentagem de erro, neste caso, nos que não têm aprendizagem formal).

A resposta mais escolhida foi o enunciado com o circunstante *até agora* – 25 informantes (entre estes, encontram-se 14 sem aprendizagem formal e 11 com aprendizagem formal). Consequentemente, poderíamos supor, além da condicionante da repetição da forma em ambos os enunciados confrontados, que este elemento frásico apresenta características semelhantes às de um outro elemento da língua materna do inquirido. Com efeito, constatamos a utilização em Russo do adverbial *agora* em

variados contextos frásicos,¹¹⁰ o que poderia indiciar uma possível influência da língua materna, bem como uma situação de transferência positiva semelhante à encontrada em 3.2 a respeito do advérbio *já*.

Ao confrontar uma forma composta de PPC (constituída por uma forma de PR que auxilia o verbo principal) *tem trabalhado* com uma forma composta de MQP *tinha trabalhado*, fazendo parte do contexto frásico o adverbial de duração *durante a semana* (questão 9), verificámos uma alta percentagem de correcção: 70% (38 informantes), (vd anexo 2 – tabela 23).

Os resultados mostram que a aprendizagem formal não tem influência assinalável, dado que 20 com aprendizagem formal e 18 sem aprendizagem formal responderam correctamente (vd anexo 2 – tabela 24). Por outro lado, 35 informantes comunicam com colegas e/ou amigos, o que poderá indiciar, de novo, uma possível influência do contexto de imersão (vd anexo 2 – tabela 25). Contudo, neste caso, julgamos que o elevado índice de correcção poderá também estar relacionado com a presença do adverbial temporal de duração, que não deixa de ser um elemento contextual explícito.

Por este motivo, e ainda que os resultados apresentem uma elevada taxa de correcção, parece-nos precipitado afirmar que os informantes distinguiram aspectualmente, nas duas formas, os valores perfectivo e imperfectivo (pela mesma razão mencionada em 3.2). Todavia, permanece em aberto, ainda que, neste momento, já com elevada probabilidade, a vantagem do contexto de imersão, por um lado, e a facilitação de um contexto frásico adequado, por outro, no reconhecimento de valores aspectuais.

¹¹⁰ Em Russo, o adverbial *agora* (*sejchas*) pode acompanhar a descrição de situações com acções passadas (perfectivas e imperfectivas) e com acções consignadas num tempo futuro: **agora vimos um filme/ sejchas my posmotreli fil'm; agora víamos um filme/ sejchas my smotreli fil'm; agora veremos um filme/ sejchas my posmotrim fil'm*.

3.4 Oposição entre Pretérito Perfeito Simples e Pretérito Imperfeito (Simples ou Perifrástico)

Segundo os dados, em relação a um possível reconhecimento da oposição aspectual entre PI simples e o PPS, verificou-se, nomeadamente na questão 5a, como havíamos dito (cf. 3.1), uma percentagem de correcção considerável – 52% (28 informantes), sem influência da aprendizagem, já que acertaram 15 informantes sem aprendizagem formal e 13 com aprendizagem formal (*vd* anexo 2 – tabela 27 e 28).

Assim, os resultados parecem continuar a confirmar a tendência até ao momento observada – a aprendizagem não se mostra relevante para o reconhecimento, neste caso, de uma forma imperfectiva de PI simples quando contrastada com uma forma de PPS. Por outro lado, poder-se-á colocar a hipótese de o contexto de imersão ser mais influente do que a aprendizagem, uma vez que 25 dos 28 informantes que responderam correctamente comunicam em Português com colegas e/ou amigos (*vd* anexo 2 – tabela 29)

Repare-se que, confrontando estes resultados com os da questão 1 (*vd* 3.1), na qual não existem elementos contextuais, concluímos que a presença de adverbiais faz aumentar o índice de correcção, como é o caso. Daí nos parecer ser necessário ao falante o contexto frásico para um reconhecimento de formas imperfectivas – um caminho mais fácil (e seguro) para associar sentidos do que o fornecido apenas pela informação aspectual morfológica dos sufixos flexionais do verbo (*vd* 4).

No que toca a um confronto entre PI simples *trabalhava/ dormia* ou perifrástico *estava a trabalhar/ estava a dormir* e PPS *trabalhou/ dormiu*, na questão 5d, com os resultados obtidos, confirmamos esta última observação feita, uma vez que 35 informantes escolheram a resposta com elementos adverbiais, num contexto frásico, na companhia de uma construção perifrástica (*vd* anexo 2 – tabela 31) (cf. *infra*, 3.5).

Por outro lado, em relação aos 8 informantes que não distinguiram estas formas de PI simples e do PPS observou-se, contrariamente à tendência acima apontada para este reconhecimento, que a aprendizagem formal se mostrou relevante, todavia, apenas na margem de erro (7 sem aprendizagem formal e 1 com aprendizagem formal) (*vd* anexo 2 – tabela 32). Por sua vez, ainda para os 7 informantes que sem aprendizagem

formal não distinguiram aspectualmente as formas de PI *trabalhava* e *dormia* e PPS *trabalhou* e *dormiu*, o contexto de imersão parece ter sido irrelevante, uma vez que todos comunicam em Português (vd anexo 2 – tabela 36) Ainda que sejam dados contraditórios à tendência observada em outras questões, ressalve-se que só o são exclusivamente para os que erraram na distinção aspectual perfectivo/imperfectivo. Atentemos no ponto que se segue a uma explanação mais completa dos dados referentes à questão 5d.

3.5 Valores de Formas de Pretérito Imperfeito

No seguimento do último reparo feito a propósito da questão 5d, observou-se que 35 informantes (65%) escolheram a correspondência semântica entre o PI simples *trabalhava* e *dormia* e o PI perifrástico *estava a trabalhar* e *estava a dormir*, cujo valor progressivo é acompanhado no contexto frásico pela expressão anafórica *no momento em que* (vd anexo 2 – tabela 33).

O valor de habitualidade expresso pela perífrase <*costumar* +infinitivo> foi escolhido em exclusivo por 5 informantes, e apenas 1 informante considerou as duas vertentes semânticas possíveis (vd anexo 2 – tabela 36). Repare-se que 8 informantes não distinguiram o valor de continuidade ou de habitualidade que a forma de PI simples poderá expressar, e, sobretudo, não distinguiram aspectualmente uma forma imperfectiva de PI simples de uma forma perfectiva de PPS, estando implícita, assim, uma não diferenciação do valor durativo do valor pontual.

Sendo a forma perifrástica a mais escolhida, este dado vai ao encontro da observação feita no ponto anterior, talvez justificável por um maior uso desta construção, ao contrário do menor uso de <*costumar* +infinitivo>.¹¹¹ Não obstante, a utilização nos contextos frásicos de expressões anafóricas equivalentes (em relação à simultaneidade de situações) poderá ter conduzido o inquirido a atingir o sentido temporal expresso.

¹¹¹ Segundo informações obtidas junto do Doutor. Vladimir Pliassov, os falantes russos preferem outras formas para a expressão deste valor de habitualidade ao uso do verbo *costumar*, entre elas, o advérbio de modo *habitualmente*.

No que respeita a uma influência da aprendizagem formal, verificou-se que, entre os que escolheram o valor progressivo, encontram-se 20 com aprendizagem formal e 15 sem aprendizagem formal, o que seria um dado contraditório em relação à tendência até agora apurada, sendo então essa aprendizagem, neste caso, relevante para este reconhecimento (vd anexo 2 – tabela 34). Também em relação aos 5 informantes que escolheram exclusivamente o valor habitual, verifica-se uma possível influência da aprendizagem formal (apenas 1 com aprendizagem formal enquanto os outros 4 são informantes sem aprendizagem formal) (vd anexo 2 – tabela 35). De igual modo, nos 8 informantes que não distinguiram a oposição aspectual perfectivo/imperfectivo dos exemplos *Enquanto a Maria trabalhava, o Vladimir dormia/ A Maria trabalhou e o Vladimir dormiu*, a aprendizagem formal parece ter tido o seu papel, como havíamos dito (cf. *supra* 3.4).

Por outro lado, no que toca ao reconhecimento do valor de progressividade, o contexto de imersão parece ter sido relevante tanto para os inquiridos sem aprendizagem formal como para os que têm aprendizagem formal, uma vez que, dos 15 sem aprendizagem formal, 14 comunicam com colegas e/ou amigos, enquanto dos 20 com aprendizagem formal, 18 comunicam em contexto laboral e /ou relacional (vd anexo 2 – tabela 34). Já para os que não distinguiram aspectualmente formas de PI *trabalhava e dormia* e PPS *trabalhou e dormiu*, o contexto de imersão parece ter sido, de novo, irrelevante para os informantes sem aprendizagem formal (vd anexo 2 – tabela 36), como mencionámos em 3.4.

Apesar de os informantes terem preferido o valor progressivo para uma correspondência com uma forma de PI simples, e de apenas 5 terem escolhido o valor de habitualidade, por outro lado, na questão 5a (quando este último valor era o único correcto), 28 inquiridos reconheceram-no. Tal preferência poderá estar associada a um maior uso da perifrástica <estar+ infinitivo>, como referimos, ou à presença das expressões anafóricas, que se assemelham do ponto de vista temporal, o que nos leva a acreditar numa hipótese crescente acerca da importância destes elementos contextuais adverbiais para o reconhecimento de valores temporais ou aspectuais.

Corroborando esta suposição, os resultados da questão 5b também demonstram uma preferência pela perifrástica no contexto frásico, sendo este composto por uma

subordinada temporal iniciada por *quando* – um elemento contextual adverbial, que, ainda por cima, se repete na resposta correcta.

Na questão 5b, no que toca a um confronto entre PI simples *lia o jornal* ou perifrástico *estava a ler o jornal* (questão 5b), em que está patente a anterioridade de um processo em relação ao momento da enunciação e seu prolongamento, além da diferenciação entre o valor pontual (expresso por PPS) e o valor durativo (expresso por PI), observámos uma elevada taxa de correcção – 76% (41 informantes) (vd anexo 2 – tabela 37).

Não existe uma diferença significativa entre informantes que acertaram – 22 sem aprendizagem formal e 19 com aprendizagem formal, o que corrobora uma não influência da aprendizagem (vd anexo 2 – tabela 38). Também o contexto social e linguístico, que envolve os inquiridos, aqui, se mostra mais relevante do que essa aprendizagem, visto que, dos 41 que acertaram, 37 informantes comunicam em Português (vd anexo 2 – tabela 39).

Não obstante a relevância do contexto de imersão, existe uma outra possibilidade concomitante para este reconhecimento – o uso frequente da construção perifrástica por parte dos inquiridos (cf. 3.1.). Este reconhecimento reportar-se-á, em nosso entender, a uma expressão de um valor durativo, em contraste com um valor pontual (expresso por uma forma de PPS, numa subordinada temporal). Assim, neste caso, consideramos provável ter havido uma distinção dos valores temporais e aspectuais das formas, podendo esta distinção correcta também estar relacionada com outra hipótese já assumida – a de que os elementos contextuais adverbiais estariam a auxiliar o reconhecimento de valores aspectuais.

3.6 Perfectividade do Pretérito Mais-que-Perfeito

No que respeita ao reconhecimento do valor imperfectivo contido numa forma de PPC e sua relação com o adverbial de contraste *já*, no exemplo *No momento em que o telefone tocou, eu já tinha feito o jantar* (questão 5c), verificámos um elevado índice de correcção – 74% (40 informantes) (vd anexo 2 – tabela 41).

Neste caso, regressamos ao fenómeno já nosso conhecido do que nos parece ser uma menor relevância da aprendizagem formal, já que o índice de correcção é mais elevado em informantes sem aprendizagem formal (23) do que em informantes com aprendizagem formal (17), não sendo, porém, ainda significativa a diferença. Por outro lado, o contexto de imersão parece apresentar alguma relevância, dado que, dos 40 que acertaram, 38 contactam em Português (*vd* anexo 2 – tabelas 42 e 43).

Coloca-se, ainda, a hipótese concomitante de uma influência da língua materna, que também encontramos noutros exemplos, em concreto, do elemento adverbial *já* no contexto sintáctico, sendo este um adverbial utilizado no Russo quando se expressa uma acção terminada. Por isso, ao traduzirmos para Russo a frase que dá o mote à questão – *Quando o telefone tocou, eu tinha feito o jantar / Kogda zazvonil telefon, ja uzhe prigotovil uzhin* –, notamos a presença do adverbial temporal, que permite expressar o valor perfectivo de uma situação em relação a outra. Sendo a presença deste adverbial, em Russo, necessária para posicionar um intervalo de tempo anteriormente em relação a outro (situando-se ambos no passado em relação ao momento da enunciação), naturalmente os inquiridos reconheceriam esta função quando transposta para uma outra configuração. Acresce à semelhança da função a semelhança da estrutura no contexto sintáctico, pois o adverbial posiciona-se anteriormente à forma verbal, como em Português.¹¹²

Assim sendo, poderemos supor que o reconhecimento do valor perfectivo numa forma de MQP será facilitado pela presença deste adverbial no contexto frásico. Como vimos, este reconhecimento poderá revelar uma influência da LM, a par da influência do contexto de imersão (também necessário para a associação de sentidos).

¹¹² Quando traduzimos as outras duas frases da questão 5c com expressões anafóricas, também verificamos a presença necessária do adverbial *já* no contexto frásico, a acompanhar a forma verbal conjugada no Pretérito de aspecto Perfeito: *No momento em que o telefone tocou, eu já tinha feito o jantar / V tot moment, kogda zazvonil telefon, ja uzhe prigotovil uzhin; Antes de o telefone tocar, eu tinha feito o jantar / Do togo kak zazvonil telefon, ja uzhe prigotovil uzhin.*

3.7 Imperfectividade do Pretérito Perfeito Composto

Segundo os dados obtidos na questão 10, em que contrapusemos uma forma de PPC *tenho encontrado* a uma de PPS *encontrei*, observámos um baixo índice de correcção no que toca ao reconhecimento da diferenciação aspectual existente entre ambos – 39% (21 informantes) (vd anexo 2 – tabela 45).

Apesar de, num dos enunciados à escolha, estar explícita a repetição da situação pelo adverbial temporal de quantidade *muitas vezes* acompanhando uma forma de PPS, a maioria dos informantes não reconheceu este valor aspectual, optando pela correspondência semântica entre a forma de PPC e de PPS.

Entre os que reconheceram o valor aspectual da forma de PPC, encontram-se 13 com aprendizagem formal e 8 sem aprendizagem formal, o que poderá indiciar, por contraste com a maioria dos dados já analisados, uma relevância da aprendizagem formal, principalmente porque, também de forma distinta do que temos encontrado o contexto de imersão se mostra pouco relevante, uma vez que todos estes informantes comunicam em português com colegas e/ou amigos. Esta possível influência da aprendizagem formal é também comprovada pelo índice de erro, dado que erraram menos os informantes com aprendizagem formal (13) do que os que não a têm (18) (vd anexo 2 – tabelas 46 e 47)

Outro dado observado é que, dos 13 informantes que permanecem em Portugal há 7 anos, apenas 5 acertaram. Da mesma forma, apenas acertaram 2 de 8 informantes que residem no país há 8 anos (vd anexo 2 – tabela 48). O tempo de permanência em Portugal parece, pois, não ter sido uma vantagem para o reconhecimento do valor de iteratividade da situação contido numa forma de PPC. A singularidade aspectual desta forma verbal, mais concretamente o traço aspectual iterativo, parece ser de difícil percepção, independentemente do tempo de permanência no país.

Estes dados divergem daqueles obtidos na questão 7, cuja forma de PPC também era confrontada com uma de PPS (cf. 3.3). Não esqueçamos que os verbos utilizados são divergentes quanto às propriedades aspectuais que lhes são inerentes (pontualidade vs duração), o que poderá, em parte, ter contribuído para essa disparidade entre os dados, além das razões expostas a propósito da questão 7.

3.8 Imperfeito de Delicadeza

No que respeita a um reconhecimento de uma forma de PI Simples usado como uma fórmula de cortesia (estratégia de mitigação de um pedido), observou-se um elevado índice de correcção – 57% (31 informantes) (vd anexo 2 – tabela 49).

A aprendizagem formal não se mostrou relevante, já que acertaram 17 informantes sem aprendizagem formal e 14 com aprendizagem formal. Por outro lado, existe uma maior correcção com o aumento dos contactos comunicativos em contexto profissional e /ou relacional (27 informantes) (vd anexo 2 – tabelas 50 e 51).

Assim sendo, uma maior correcção verificada em informantes sem aprendizagem formal poderá explicar-se pela facilidade de aquisição de usos pragmáticos. Parece-nos que o que está em causa no elevado índice de correcção das respostas a esta pergunta é o facto de tal forma verbal ser usada em fórmulas, em contexto real de comunicação. São casos em que a aprendizagem no uso quotidiano é certamente mais eficaz pelo contexto de imersão, no qual funcionam melhor do que em contexto de aprendizagem formal. De alguma maneira, este exemplo corrobora as tendências marcantes que vimos assinalando, mas, ao mesmo tempo, também a noção de *aquisição espontânea* de que fala Klein (cf. cap. 1, 2), não sendo, pois, de estranhar que falantes exclusivamente focados na comunicação para aprenderem a L2 – caso dos informantes sem aprendizagem formal – se ancorem em frases de conversação formulaicas que satisfaçam as suas necessidades comunicativas sem precisarem, assim, de recorrer a raciocínios metalinguísticos.

4 Algumas Correlações

Estabelecendo agora algumas correlações muito genéricas, procuraremos, por um lado, salientar as tendências marcantes que a análise nos permite detectar, e, por outro, explicitar algumas limitações que, sem tirar validade às nossas hipóteses, indiciam a necessidade de um estudo mais aprofundado.

De acordo com os dados apurados, constatou-se uma dificuldade por parte deste tipo de falantes de Português como L2 em distinguir a oposição aspectual de perfectivo/imperfectivo configurada nos tempos verbais PI e PPS, principalmente

quando as formas imperfectivas não estão acompanhadas de adverbiais temporais, isto é, quando não têm um contexto frásico que esclareça o seu sentido.

A confirmação desta dificuldade responde à questão levantada sobre uma suposta facilidade por parte deste tipo de informantes em adquirir o valor aspectual imperfectivo português sob a configuração verbal do Pretérito Imperfeito. De facto, verifica-se que, apesar de os inquiridos terem, na sua língua materna, um sistema verbal estruturado pela oposição perfectivo/imperfectivo, e independentemente da aprendizagem formal que terão tido, têm muita dificuldade em reconhecer uma nova configuração gramatical do valor aspectual imperfectivo.

Ainda que não tenhamos dados que permitam avaliar, interrogar-nos-emos se o valor perfectivo não será mais facilmente reconhecido do que o valor imperfectivo. A calcular pelo número de contextos em que as formas de PI se verificam, acarretando diferentes especificidades aspectuais, ao contrário da forma de PPS utilizada frequentemente num contexto regular (que localiza uma situação no passado), parece-nos, pois, mais difícil aos falantes identificar uma forma que poderá ter diferentes funções do que outra que apenas tem uma função.

Pelo que aferimos, a aprendizagem formal tem pouca relevância, senão nenhuma, para o reconhecimento das formas imperfectivas apresentadas, e, pelo contrário, o contexto de imersão mostra-se mais relevante quando se contrastam estes valores opostos. Contudo, alguns índices de correcção no reconhecimento de formas imperfectivas poder-se-ão justificar pela presença de um adverbial temporal e pela frequência de uso da perifrástica e facilidade em conjugá-la. O que queremos dizer com isto é que os falantes ouvem mais vezes a perifrástica, o que deve também estimular o seu uso. A confirmar-se, este facto acaba por corroborar a relevância do contexto de imersão relacionada com um índice maior de correcção em informantes sem aprendizagem formal.

No que toca a um confronto aspectual entre tempos simples e tempos compostos, como havíamos dito a propósito da questão 6 (cf. 3.2), elevados índices de correcção poderão não significar um reconhecimento da distinção aspectual de perfectivo/imperfectivo, pelo simples facto de o inquirido estabelecer uma correspondência entre formas verbais distintas e sentidos distintos. Poderemos, além

disso, supor que o elevado índice de correcção também se deva à frequência de uso de uma das formas num determinado contexto frásico. Será a partir dos contextos frásicos que a informação da temporalidade das situações, correspondente à enunciação de momentos diferentes (ainda que sejam simultâneos), é obtida. Tendo em conta o reconhecimento de uma distinção temporal, os inquiridos seriam levados a diferenciar semanticamente momentos distintos na enunciação. Sabemos que essa diferenciação temporal foi inferida, mas seria bastante arriscado associar a esse reconhecimento uma outra diferenciação – a aspectual.¹¹³

Pelo contrário, na questão 8, parece-nos possível que tenha tido influência a noção aspectual de perfectividade, que faz parte do conhecimento linguístico que o inquirido já possui na sua LM, e que é auxiliado pela presença de um elemento lexical no contexto sintáctico, também usado na LM especificamente para expressar a perfectividade – *já*. A propósito da funcionalidade deste adverbial (em Russo *uzhe'* – уже), interrogamo-nos sobre a possibilidade de o mesmo se apresentar, na óptica do falante, como um ponto de referência explícito que auxilie o reconhecimento da anterioridade e da perfectividade de uma situação em relação a outra na L2.¹¹⁴

Se assim fosse, estaríamos perante um caso de influência da LM, nomeadamente um fenómeno de *transfer positivo*, conforme o denominaram Gass e Selinker e o compreendeu Ellis (cf. cap. 1, 4), neste caso, revelador de uma facilidade na compreensão de uma forma da L2 e da sua função através de uma transferência de elementos semânticos e estruturais característicos da L1.

Esta conjectura – *transfer positivo* em relação ao adverbial de contraste *uzhe'* – refuta, assim, um parecer da investigação levada a cabo por Dietrich *et alii* 1995 (cf. cap. 2, 2.3.) sobre uma improbabilidade de ocorrerem fenómenos de transferências de palavras que envolvessem a temporalidade.

Quanto a um reconhecimento de valores aspectuais contidos numa forma de PR, ao que tudo indica, a aprendizagem formal não tem influência assinalável, ao contrário

¹¹³ Note-se que a configuração temporal e aspectual da L1 dos informantes é mais simplificada do que a do sistema verbal da L2, mais complexa e com tempos compostos.

¹¹⁴ Sobre a utilização deste adverbial temporal para auxiliar a expressão de um valor de anterioridade em relação uma acção terminada, cf. a questão 5c.

da influência do contexto de imersão e da presença de elementos contextuais de tipo lexical. A preferência pelo valor de habitualidade contido numa forma de PR poderá ser explicável pela combinação de duas variáveis – influência da LM e do contexto de imersão. Uma tendência que se confirma é a de que a percentagem de correcção aumenta quando estão explícitos elementos temporais no contexto frásico.

Essa tendência é corroborada pelos dados auferidos através do confronto entre duas formas compostas – uma imperfectiva (PPC) e outra perfectiva (MQP) – acompanhada por um adverbial de duração explícito no contexto frásico (durante a semana). Neste caso, inclinamo-nos mais para uma explicação deste tipo do que para a afirmação precipitada de um reconhecimento da oposição perfectivo/imperfectivo, pela mesma razão acima mencionada sobre os tempos simples e tempos compostos.

De igual modo, consideramos possível que a presença de elementos contextuais de tipo lexical, próximos de outros na LM, tenha estado na origem do índice de correcção verificado no reconhecimento do valor aspectual durativo aquando de uma forma de PR integrada numa forma composta (PCC) e suas relações aspectuais com um circunstante e um adverbial temporal de contraste. Poderíamos, ainda, supor uma possível influência da LM, tendo em conta os resultados negativos da questão 10 (ainda que com outro valor aspectual, o iterativo), se, porventura, não estivesse a forma verbal em causa repetida na resposta mais escolhida.

O contexto de imersão parece ser mais relevante do que a aprendizagem formal para o reconhecimento da oposição entre PI (simples e perifrástico) e o PPS. Por outro lado, também o uso frequente da perifrástica pelos falantes portugueses do contexto de imersão poderá ter influenciado o reconhecimento da expressão do valor durativo, por oposição ao valor pontual de uma forma PPS. Trata-se de uma suposição nossa, embora admitamos que não se poderá garantir com certeza que os juízos gramaticais do inquirido tenham sido conduzidos pela diferenciação aspectual entre valores pontuais e durativos.

A aprendizagem formal apenas parece ter sido relevante na preferência pelo valor progressivo da perifrástica (acompanhada por uma expressão anafórica) ao valor habitual de outra perífrase, quando ambas são confrontadas com uma forma de PI simples. O mesmo se passa para os poucos inquiridos que reconheceram o valor

habitual e para os que não escolheram como correcto o enunciado com uma forma PPS. Aqui (questão 5d), tal aprendizagem parece ter influenciado o reconhecimento dos valores e oposições, sendo este um dado dissonante da tendência que se tem vindo a verificar até ao momento. Com apenas estes dados, por não serem tão expressivos, não podemos afirmar que a diferenciação de subtipos aspectuais em formas perfectivas será, de alguma forma, influenciada pela aprendizagem. No entanto, é uma indagação a considerar numa futura investigação, que, como dissemos, necessitará de um número maior de inquiridos e, talvez, de questões mais diversificadas.

Não obstante, a par do uso da perifrástica com valor progressivo por parte dos informantes, uma outra condicionante – expressões anafóricas temporais também existentes na LM – confirma uma preferência por elementos contextuais de tipo lexical, que poderá ser típica de informantes sem aprendizagem formal, tendo sido observado, desta feita, uma influência do contexto de imersão para este tipo de informantes. Esta observação vai também ao encontro da posição de Dietrich *et alii* (1995, *vd cap. 2, 2.7*), quando afirma que os adverbiais cooperam com as formas verbais para a expressão da temporalidade de uma situação, seja pelas propriedades temporais internas que possuem ou pelas propriedades temporais que estabelecem entre a situação e o momento da enunciação. A informação contextual que estes elementos fornecem é necessária para a percepção de noções aspectuais, como confirmam os resultados.

Em relação ao reconhecimento do valor imperfectivo numa forma de PPC, em concreto do valor iterativo da situação, auxiliado pela presença de um adverbial temporal de quantidade, verificou-se um índice negativo de correcção, tendo-se mostrado relevantes, para os informantes que acertaram, a aprendizagem formal, o contexto de imersão e a presença do adverbial. Assim, julgamos ter sido a combinação destas condicionantes a contribuir para este módico reconhecimento.

Por outro lado, dada a especificidade do valor iterativo (presente na forma de PPC), e não somente durativo (como na forma de PPC da questão 7), consideramos este discernimento aspectual pouco perceptível e de difícil compreensão para falantes de Português L2 sem o reforço de outros elementos contextuais (circunstância esta não facilitada por falantes nativos, que não têm necessidade de explicitar valores aspectuais implícitos às formas verbais).

CONCLUSÕES FINAIS

Reunimos, na presente dissertação, alguns conceitos teóricos que firmassem o trabalho de investigação desenvolvido em torno do Aspecto português e seu reconhecimento por falantes de Russo em contexto de imersão. Neste ponto conclusivo, ao reflectirmos sobre o ponto de partida da investigação – o inquérito –, não podemos deixar de referir algumas constrações que o mesmo apresenta, que, não obstante, não invalidam de todo as correlações estabelecidas, além de poderem ser corrigidas em futuras pesquisas.

Em primeiro lugar, convém referir que o reconhecimento de valores aspectuais que se aspirava conferir poderá ser condicionado por uma razão ainda não mencionada: o facto de se tratar de um inquérito na língua escrita. Com efeito, por se tratar de uma recolha de dados que exige ao inquirido algum conhecimento da língua escrita portuguesa – e tendo em conta a distância linguística entre o alfabeto da sua LM (cirílico) e o alfabeto latino, depreendemos uma possível dificuldade dos informantes na recepção (e interpretação) de texto escrito. Acresce, ainda, a essa dificuldade o facto de pouco mais de metade dos informantes não ter tido aprendizagem formal da língua. Por isso, poderemos inferir que grande parte deles não terá tido acesso a *input* escrito em quantidade equivalente à do *input* oral. Aliás, pareceu-nos que, em relação à generalidade dos informantes, as competências na oralidade superam as competências na escrita.

Por conseguinte, para que uma recolha de dados sobre o reconhecimento de expressão aspectual do PLNM pudesse ser mais exacta, ter-se-ia, possivelmente, de tornar oral o inquérito e acompanhar a sua audição com o escrito. Seria uma forma de asseverar com mais exactidão os juízos semânticos dos inquiridos, sem a condicionante da escrita. Uma recolha de um corpus oral certificaria se os inquiridos dominam as estruturas (ou seja, se as utilizam espontaneamente no seu discurso), complementando, desse modo, o trabalho de investigação até ao momento desenvolvido.

Em segundo lugar, verificámos que uma frase na pergunta 9 poderá não ser totalmente aceitável do ponto de vista gramatical, pela omissão no contexto frásico de um ponto de referência necessário a uma forma de MQP. Contudo, nenhum informante parece ter estranhado a falta de referência, o que nos leva a concluir que num futuro inquérito deste tipo (no âmbito de uma investigação mais alargada) deverão constar juízos de gramaticalidade sobre as próprias perguntas, como forma de comprovar o domínio das estruturas.

Por último, talvez o inquérito devesse conter uma última pergunta semelhante à primeira – sem elementos contextuais. Uma vez que os inquiridos correlacionam o sentido com o contexto frásico, conforme se averiguou pela margem de erro na questão¹, poder-se-ia terminar o inquérito com uma questão idêntica, com o intuito de verificar se os informantes, depois do esforço empreendido durante o inquérito, ficariam, então, preparados para distinguirem uma forma de PI simples de uma de PPS sem estarem dependentes do contexto frásico para tal diferenciação semântica.

Não obstante estas constrações do inquérito, há tendências que confirmam que a aprendizagem formal não tem mais relevância do que o contexto de imersão em relação a um reconhecimento de oposições aspectuais por parte dos falantes de Russo. Nesse sentido, o contexto no qual estão inseridos os informantes revelou-se mais determinante para esse reconhecimento, principalmente para os que não tiveram instrução formal da L2.

Por estes motivos, durante a análise dos dados, considerámos as variáveis do contexto de imersão e da influência da LM como possíveis condicionantes de uma diferenciação de oposições aspectuais que o falante terá apresentado, contrariamente ao que se passa com a aprendizagem formal. Parece confirmar-se a tendência de que a aprendizagem formal não é tão relevante para o reconhecimento de valores aspectuais do Português como a influência do contexto de imersão em que o falante está inserido. A observação de que determinados valores aspectuais do Português são mais facilmente reconhecidos do que outros em contexto real de comunicação do que em contexto de

aprendizagem poderá, aliás, demonstrar a importância do contexto de imersão para a competência comunicativa do falante.

Corroborando a relevância do contexto de imersão, encontra-se um índice de maior correção em informantes que não tiveram aprendizagem formal relativamente a fórmulas, associadas a usos pragmáticos. A frequência do *input* e, mormente, a frequência do uso de estruturas que transportam valores aspectuais mais reconhecíveis, demonstra o relevo do contexto, sobretudo profissional e/ou implicando contactos pessoais, para esse reconhecimento, ao invés da instrução formal da L2, que não se mostrou uma vantagem para alguns inquiridos.

Com efeito, verificou-se uma ausência de efeitos vantajosos da aprendizagem formal para o reconhecimento de alguns valores aspectuais por informantes que a tiveram, em comparação com aqueles que apenas estão expostos ao *input* linguístico em contexto laboral e/ou relacional. Como tal, o não reconhecimento de valores imperfectivos sem reforço de elementos contextuais patenteia uma dificuldade em reconhecer apenas na morfologia da forma verbal em L2 noções aspectuais também presentes na L1 do falante. Falamos concretamente de valores imperfectivos configurados na forma de PI Simples. Também se assinalou uma extrema dificuldade em ambos os tipos de informantes (com ou sem aprendizagem formal) em reconhecer o valor imperfectivo contido numa forma de PPC (tempo que apresenta uma singularidade aspectual e que não encontra analogia temporal e aspectual na LM dos inquiridos), especificamente o valor iterativo, ainda que esteja reforçado com a presença de um elemento contextual. Embora, neste caso, os informantes com aprendizagem formal apresentassem uma maior correção, todavia, ela não foi significativa ao ponto de resolver as dificuldades da generalidade dos informantes.

Por outro lado, independentemente da aprendizagem formal que alguns tenham tido, a observação de que determinados valores aspectuais foram reconhecidos – o progressivo e o habitual, por exemplo – poderá indiciar uma activação de recursos semânticos da L1 aplicados à L2, dada a coexistência dessas noções aspectuais no conhecimento linguístico da L1 que os informantes possuem.

Não sendo menosprezado esse conhecimento prévio na análise dos dados, trata-se de uma possibilidade, que explica, em certa medida, uma certa preferência por uma

forma ou por determinados caminhos semânticos. Por vezes, a influência da LM opera em conjunto com as outras variáveis (especialmente com o contexto de imersão); noutras, sobressai, quando existe a possibilidade de estabelecimento de correlações de forma/sentido entre os dois sistemas linguísticos – o caso de *transfer positivo* de um adverbial que facilita o reconhecimento da noção de perfectividade presente numa forma de MQP (um tempo verbal que não existe na LM do inquirido). Pelo contrário, a não existência deste tipo de correlações poderá influenciar negativamente o aprendente no reconhecimento de certos valores aspectuais da L2, apesar de o seu grau de imersão na comunidade e do tempo de permanência no país. Tal é confirmado, por exemplo, pela elevada taxa de erro observada na questão do PPC.

Ainda segundo a análise de dados mostrou-se necessária para o reconhecimento da temporalidade (interna e externa) a informação fornecida pelo contexto frásico – forma verbal e expressões adverbiais temporais, como havíamos dito. Assim, através da organização de elementos contextuais no contexto frásico, coadjuvante de uma especificação de valores aspectuais, alguns inquiridos alcançam a informação aspectual, que, de outra forma, sem elementos contextuais explícitos, nos parece que dificilmente reconheceriam.

De facto, com a complementaridade de outros elementos adverbiais contextuais, grande parte dos falantes reconheceu o valor aspectual durativo (numa forma de PPC), a oposição aspectual perfectivo/imperfectivo e a oposição pontual/durativo, não obstante o contributo de possíveis recursos semânticos da L1 aplicados à L2.

O valor aspectual imperfectivo expresso apenas morfologicamente pela flexão verbal parece, de facto, não ser suficientemente explícito para falantes adultos, ainda que faça parte de uma das noções estruturantes do sistema verbal da sua LM. Assim sendo, refuta-se a hipótese sobre uma suposta facilidade por parte deste tipo de informantes em reconhecer este valor aspectual noutra configuração – PI simples – tendo eles apenas aprendido incidentalmente a língua em contexto real de comunicação.

Em suma, o contexto de imersão parece operar mais influentemente para o reconhecimento de valores aspectuais do que a aprendizagem formal que os falantes de Russo tenham tido.

Constatou-se ainda que, independentemente da aprendizagem formal, os inquiridos demonstraram dificuldade em diferenciar noções aspectuais configuradas na L2 exclusivamente pela morfologia da forma verbal. Pelo contrário, os advérbios temporais parecem guiar o informante, afigurando-se como elementos necessários à contextualização da especificação aspectual de uma situação. Todavia, no que toca ao reconhecimento de um valor aspectual singular da L2 (expresso por uma forma de PPC), a presença do advérbio temporal mostrou-se ineficaz.

Para finalizar, tendo sido observados em alguns casos possíveis transferências positivas da LM, variável que parece ser mais decisiva do que a influência da aprendizagem formal, interrogar-nos-emos sobre qual das variáveis terá mais peso: a *transfer* da LM ou o contexto de imersão. Trata-se de uma questão que deixamos em aberto.

BIBLIOGRAFIA

- Barbosa, J. M. (1989). Contribuição para o estudo do sistema verbal português: tempos simples e tempos compostos. *Biblos*, volume LXV. pp. 221-228.
- Barroso, H. (1994). *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo. Visão funcional/ sincrónica*. Coleção Mundo de saberes, volume 5. Porto Editora. Porto.
- Cohen, D. (1989). *L'aspect verbal*. 1ª Edição. Presses Universitaires de France. Paris.
- Comrie, B. (1976). *Aspect. An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. 3ª Edição. Cambridge University Press.
- Corder, S. P. (1993) A Role for the mother tongue. Em: S. Gass e L. Selinker (eds), *Language transfer in language learning*. John Benjamins Publishing Company Amsterdam. Philadelphia. pp. 18 -30.
- De Bot, K., Lowie, W. e Verspoor, M. (2005). *Second language acquisition: an advanced resource book*. Routledge. London.
- Dietrich, R., Klein, W. e Noyau, C. (1995). *The acquisition of temporality in a second language*. Studies in Bilingualism, volume 7. John Benjamins Publishing Company Amsterdam. Philadelphia.
- Duarte, I. (1983). A categoria linguística aspecto. Mateus, M., Brito, A., Duarte, I. e Faria, I. 1ª Edição. *Gramática da língua portuguesa. Elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Almedina. Coimbra.
- Duarte, I. (2000). *Língua Portuguesa, Instrumentos de Análise*. Universidade Aberta. Lisboa.

- Ellis, R. (2000). *The study of second language acquisition*. 7ª Edição. Oxford University Press. Oxford.
- Fonseca, F. I. (1992). *Deixis, tempo e narração*. Fundação Eng. António de Almeida. Porto.
- Fonseca, F. I. (1994) Para o estudo das relações de tempo no verbo português. *Gramática e Pragmática*. Coleção Linguística. Porto Editora. Porto. pp. 15- 28.
- Gass, S. e Selinker, L. (1993). *Language transfer in language learning*. John Benjamins Publishing Company Amsterdam. Philadelphia.
- Gass, S. e Selinker, L. (2008). *Second language acquisition: an introductory course*. 3ª Edição. Taylor and Francis Group, Routledge. New York.
- Hopper, P. e Thompson, S. (1982). *Studies in transitivity*. Academic Press. New York/ London.
- Oliveira, F. (2003). Tempo e aspecto. Em: Mateus, M., Brito, A. M., Duarte, I. e Faria, I. *Gramática da língua portuguesa*. 7ª Edição. Caminho. Lisboa. pp. 129- 178.
- Schachter, J. (1993). A new account of language transfer. Em: S. Gass e L. Selinker (eds), *Language transfer in language learning*. John Benjamins Publishing Company Amsterdam. Philadelphia. pp. 32 -46.
- Selinker, L. e Lakshmanan, U. (1993). Language transfer and fossilization: The multiple effects principle. Em: S. Gass e L. Selinker (eds), *Language transfer in language learning*. John Benjamins Publishing Company Amsterdam. Philadelphia. pp. 197- 216.
- Stepánova, E.M. (1988). *O Russo para todos. Guia gramatical, vocabulário*. Redacção de Kostomarov, V. G., 7ª edição. Edições Russki Yazik. Moscovo.

Van Valin, R. e La Polla, R. (1997). Semantic representation, I: verbs and arguments. *Syntax – structure, meaning and function*. Cambridge University Press. United Kingdom. pp. 82- 102.

ANEXOS

Anexo 1

INQUÉRITO - PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS - FLUC

Idade: _____

Nacionalidade: _____ Língua materna: _____

1. Que línguas estrangeiras conhece?

2. Há quanto tempo está em Portugal?

1 ano	<input type="checkbox"/>	2	<input type="checkbox"/>
3	<input type="checkbox"/>	anos	<input type="checkbox"/>
anos	<input type="checkbox"/>	Quantos?	<input type="checkbox"/>

3. Vive com a sua família em Portugal?

Sim Não

3.1. Tem filhos a estudar em escolas portuguesas?

4. Comunica em português?Sim Não **4.1. Em que contexto comunica em português?**

no trabalho

em casa

na rua

noutros locais

4.2. Com quem comunica em português?

familiares

Amigos/conhecidos
portugueses

Colegas de trabalho

outras pessoas

5. Teve aulas de língua portuguesa?Sim Não **5.1. Se respondeu sim, onde (escola/ país)?**

5.2. Se sim, qual a duração desse curso?

Número de horas semanais _____

Número de meses _____

INQUÉRITO - PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

FLUC

05/12/2008

1. Ler estas duas frases e marcar a resposta correcta:

Eu *trabalhava* na Ucrânia.

Eu *trabalhei* na Ucrânia.

As frases têm sentido igual?

As frases têm sentido diferente?

Não sei a diferença.

2. Marcar as frases que podem ter o mesmo sentido.

Ele *janta* em casa.

Ele janta todos os dias em casa.

Ele está a jantar em casa neste momento.

Hoje, ele janta em casa.

3. Ler estas duas frases e marcar a resposta correcta:

Queria um café, por favor.

Quero um café, por favor.

As frases têm sentido igual?

As frases têm sentido diferente?

Não sei a diferença.

4. Ler estas duas frases e marcar a resposta correcta:

O Vladimir *bebia* um café quando o telefone tocou.

O Vladimir *estava a beber* um café quando o telefone tocou.

As frases têm sentido igual?

--

As frases têm sentido diferente?

Não sei a diferença.

5. Marcar as frases que podem ter o mesmo sentido.

a) O Viktor *bebia* café depois de almoço.

O Viktor tem bebido café depois de almoço.

O Viktor costumava beber café depois de almoço.

O Viktor bebeu café depois de almoço.

b) Quando o telefone tocou, eu *lia* o jornal.

Eu li o jornal e o telefone tocou.

Eu li o jornal antes de o telefone tocar.

Quando o telefone tocou eu estava a ler o jornal.

c) Quando o telefone tocou, eu *tinha feito* o jantar.

Antes de o telefone tocar, eu tinha feito o jantar.

No momento em que o telefone tocou, eu já tinha feito o jantar.

Depois de eu ter feito o jantar, o telefone tocou.

d) Enquanto a Maria *trabalhava*, o Vladimir *dormia*.

No momento em que a Maria estava a trabalhar o Vladimir estava a dormir.

A Maria costumava trabalhar quando o Vladimir dormia.

A Maria trabalhou e o Vladimir dormiu.

6. Ler estas duas frases e marcar a resposta correcta:

Quando eu cheguei a casa, o meu filho *tinha ido* para a escola.

Quando eu cheguei a casa, o meu filho *ia* para a escola.

As frases têm sentido igual?

As frases têm sentido diferente?

Não sei a diferença.

7. Marcar as frases que podem ter o mesmo sentido.

Eu *tenho estado* desempregado.

Eu ainda estou desempregado.

Eu continuo a estar desempregado.

Eu estive desempregado.

Até agora eu tenho estado desempregado.

8. Ler estas duas frases e marcar a resposta correcta:

Às 13.00 horas, o Viktor já *tinha comido*.

Às 13.00 horas, o Viktor já *comeu*.

As frases têm sentido igual?

As frases têm sentido diferente?

Não sei a diferença.

9. Ler estas duas frases e marcar a resposta correcta:

A Natacha *tem trabalhado* muito durante a semana.

A Natacha *tinha trabalhado* muito durante a semana.

As frases têm sentido igual?

As frases têm sentido diferente?

Não sei a diferença.

10. Marcar as frases que podem ter o mesmo sentido.

Eu *tenho encontrado* a Maria esta semana.

Eu encontrei a Maria esta semana.

Eu encontrei muitas vezes a Maria esta semana.

11. Contar uma história tradicional do seu país.

Autorizo a utilização desta ficha para investigação científica.

rubrica _____

Muito obrigada pela colaboração!

Catarina Pereira da Silva

catarina.pereiradasilva@gmail.com

tl: 917610703

Mestrado Português Língua Estrangeira e Língua Segunda

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Anexo 2

Tabela 1

Perg 1 - Análise	Quant	% do Total Inq
Correcta	27	50%
Incorrecta	26	48%
Não sabe a diferença	1	2%
Total Geral	54	100%

Tabela 2

Aprendizagem Formal	Perg 1 - Análise	Línguas Estrangeiras (I/I/F/A/E)	Quant	
SIM	Correcta	-	4	
		Alemão	2	
		Espanhol	1	
		Inglês	4	
		Inglês / Alemão	1	
		Inglês / Francês / Alemão	1	
		Inglês / Francês / Italiano / Alemão	1	
		Inglês / Italiano	1	
		Correcta Total		15
		Incorrecta	-	5
			Alemão	1
			Inglês	2
			Inglês / Francês / Alemão	1
			Inglês / Francês / Alemão / Espanhol	1
	Italiano		1	

	Incorrecta Total		11
NÃO	Correcta	-	3
		Alemão	1
		Inglês	8
	Correcta Total		12
	Incorrecta	-	11
		Espanhol	1
		Inglês	3
	Incorrecta Total		15
	Não sabe a diferença	-	1
Total Geral			54

Tabela 3

Aprendizagem Formal	Perg 1 – Análise	Quant
NÃO	Correcta	12
	Incorrecta	15
	Não sabe a diferença	1
SIM	Correcta	15
	Incorrecta	11
Total Geral		54

Tabela 4

Aprendizagem Formal	Perg 1 – Análise	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
NÃO	Correcta	0	1	3
		1	0	1
			1	8
	Incorrecta	0	0	2
			1	6
		1	1	7
	Não sabe a diferença	0	1	1
SIM	Correcta	0	0	2
			1	1
		1	0	4
			1	8
	Incorrecta	0	1	1

		1	0	3
			1	7
Total Geral				54

Tabela 5

Perg. 4 - Análise	Quant	% do Total Inq
Correcta	36	67%
Incorrecta	16	30%
Não sabe a diferença	1	2%
Não respondeu	1	2%
Total Geral	54	100%

Tabela 6

Aprendizagem Formal	Perg. 4 – Análise	Quant
NÃO	Correcta	20
	Incorrecta	7
	Não respondeu	1
SIM	Correcta	16
	Incorrecta	9
	Não sabe a diferença	1
Total Geral		54

Tabela 7

Aprendizagem Formal	Perg. 4 – Análise	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
NÃO	Correcta	0	1	7
		1	0	1
			1	12
	Incorrecta	0	0	2
			1	2
		1	1	3
SIM	Não respondeu	0	1	1
		Correcta	0	0
			1	1
		1	0	4
			1	10
	Incorrecta	0	0	1
			1	1
			1	3
		1	4	

	Não sabe a diferença	1	1	1
Total Geral				54

Tabela 8

Perg. 6 - Análise	Quant	% do Total Inq
Correcta	39	72%
Incorrecta	9	17%
Não sabe a diferença	5	9%
Sem Resposta	1	2%
Total Geral	54	100%

Tabela 9

Aprendizagem Formal	Perg. 6 - Análise	Quant
NÃO	Correcta	19
	Incorrecta	5
	Não sabe a diferença	3
	Sem Resposta	1
NÃO Total		28
SIM	Correcta	20
	Incorrecta	4
	Não sabe a diferença	2
SIM Total		26
Total Geral		54

Tabela 10

Perg. 6 - Análise	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
Correcta	0	0	4
		1	7
Incorrecta	1	0	5
		1	23
Correcta Total			39
Incorrecta	0	1	3
	1	0	1
		1	5

Incorrecta Total			9
Não sabe a diferença.	0	1	2
	1	0	1
		1	2
Sem Resposta	1	0	1
Total Geral			54

Tabela 11

Aprendizagem Formal	Perg. 6 – Análise	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
NÃO	Correcta	0	0	2
			1	5
		1	1	12
	Correcta Total			19
	Incorrecta	0	1	3
		1	1	2
	Incorrecta Total			5
	Não sabe a diferença	0	1	2
		1	1	1
	Não sabe a diferença Total			3
	Sem Resposta	1	0	1
	Sem Resposta Total			1
	NÃO Total			28
	SIM	Correcta	0	0
			1	2
		1	0	5
			1	11
Correcta Total				20
Incorrecta		1	0	1
			1	3
Incorrecta Total				4
Não sabe a diferença		1	0	1
			1	1
Não sabe a diferença Total			2	
SIM Total			26	
Total Geral			54	

Tabela 12

Perg. 8 - Análise	Quant	% do Total Inq
Correcta	32	59%
Incorrecta	21	39%
Não sabe a diferença	1	2%
Total Geral	54	100%

Tabela 13

Aprendizagem Formal	Perg. 8 - Análise	Quant
NÃO	Correcta	16
	Incorrecta	11
	Não sabe a diferença	1
SIM	Correcta	16
	Incorrecta	10
Total Geral		54

Tabela 14

Perg. 8 - Análise	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
Correcta	0	0	2
		1	8
	1	0	5
		1	17
Correcta Total			32
Incorrecta	0	0	2
		1	3
	1	0	3
		1	13
Incorrecta Total			21
Não sabe a diferença	0	1	1
Não sabe a diferença Total			1
Total Geral			54

Tabela 15

Perg. 8 - Análise	Correcta		
Aprendizagem Formal	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant

NÃO	0	0	1
		1	7
	1	1	8
NÃO Total			16
SIM	0	0	1
		1	1
	1	0	5
		1	9
SIM Total			16
Total Geral			32

Tabela 16

Perg 2 - Análise	Quant	% do Total Inq
Correcta 1	25	46%
Correcta 1 e Correcta 3	6	11%
Correcta 1, Correcta 2 e Correcta 3	1	2%
Correcta 2	4	7%
Correcta 2 e Correcta 3	1	2%
Correcta 3	15	28%
Correcta 1 e Correcta 2	2	4%
Total Geral	54	100%

Tabela 17

Perg 2 - Análise	Aprendizagem Formal	Quant
Correcta 1	NÃO	14
	SIM	11
Correcta 1 e Correcta 3	NÃO	2
	SIM	4
Correcta 1, Correcta 2 e Correcta 3	NÃO	1
	SIM	1
Correcta 2	NÃO	3
	SIM	1
Correcta 2 e Correcta 3	SIM	1
	NÃO	8
Correcta 3	SIM	7
	NÃO	2
Correcta 1 e Correcta 2	SIM	2
Total Geral		54

Tabela 18

Perg 2 – Análise	Aprendizagem Formal	Colegas de Trabalho	Amigos/conhecidos portugueses	Quant
Correcta 1	NÃO	0	1	1
		1	0	7
			1	6
	SIM	0	0	1
			1	2
		1	1	8
Correcta 1 e Correcta 3	NÃO	1	1	2
	SIM	0	1	1
		1	0	2
			1	1
Correcta 1, Correcta 2 e Correcta 3	NÃO	1	1	1
Correcta 2	NÃO	1	0	1
			1	2
	SIM	0	1	1
Correcta 2 e Correcta 3	SIM	1	1	1
Correcta 3	NÃO	0	0	2
		1	0	2
			1	4
	SIM	0	1	3
		1	1	4
Correcta 1 e Correcta 2	SIM	0	0	1
		1	1	1
Total Geral				54

Tabela 19

Perg. 7 – Análise	Quant	% do Total Inq
Correcta 1	4	7%
Correcta 1 / Correcta 2	4	7%
Correcta 1 / Correcta 3	8	15%
Correcta 1 / Incorrecta	1	2%
Correcta 1 /Correcta 2/ Correcta 3	2	4%
Correcta 2	2	4%
Correcta 3	25	46%
Incorrecta	5	9%
Incorrecta /Correcta 3	2	4%
Correcta 2/ Correcta 3	1	2%

Total Geral	54	100%
-------------	----	------

Tabela 20

Aprendizagem Formal	Perg. 7 - Análise	Quant	
NÃO	Correcta 1	2	
	Correcta 1 / Correcta 2	1	
	Correcta 1 / Correcta 3	4	
	Correcta 1 / Incorrecta	1	
	Correcta 1 / Correcta 2 / Correcta 3	1	
	Correcta 2	1	
	Correcta 3	14	
	Incorrecta	4	
	SIM	Correcta 1	2
		Correcta 1 / Correcta 2	3
Correcta 1 / Correcta 3		4	
Correcta 1 / Correcta 2 / Correcta 3		1	
Correcta 2		1	
Correcta 3		11	
Incorrecta		1	
Incorrecta / Correcta 3		2	
Correcta 2 / Correcta 3		1	
Total Geral			54

Tabela 21

Perg. 7 - Análise	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
Correcta 1	0	1	1
	1	0	1
		1	2

Correcta 1 Total			4
Correcta 1 / Correcta 2	1	1	4
Correcta 1 / Correcta 2 Total			4
Correcta 1 / Correcta 3	0	1	2
	1	1	6
Correcta 1 / Correcta 3 Total			8
Correcta 1 / Incorrecta	0	1	1
Correcta 1 / Incorrecta Total			1
Correcta 1 / Correcta 2 / Correcta 3	1	0	1
		1	1
Correcta 1 / Correcta 2 / Correcta 3 Total			2
Correcta 2	0	1	1
	1	0	1
Correcta 2 Total			2
Correcta 3	0	0	3
		1	5
	1	0	5
		1	12
Correcta 3 Total			25
Incorrecta	0	1	2
	1	1	3
Incorrecta Total			5
Incorrecta / Correcta 3	0	0	1
	1	1	1
Incorrecta / Correcta 3 Total			2
Correcta 2 / Correcta 3	1	1	1
Correcta 2 / Correcta 3 Total			1
Total Geral			54

Tabela 22

Perg. 7 - Análise	correctas (várias)		
	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
NÃO	0	0	2
		1	8
	1	0	1
		1	13

NÃO Total			24
SIM	0	0	1
		1	2
	1	0	7
		1	12
SIM Total			22
Total Geral			46

Tabela 23

Perg. 9 - Análise	Quant	% do Total Inq
Correcta	38	70%
Incorrecta	14	26%
Não sabe a diferença	1	2%
Sem resposta	1	2%
Total Geral	54	100%

Tabela 24

Aprendizagem Formal	Perg. 9 - Análise	Quant
NÃO	Correcta	18
	Incorrecta	9
	Sem resposta	1
SIM	Correcta	20
	Incorrecta	5
	Não sabe a diferença.	1
Total Geral		54

Tabela 25

Perg. 9 – Análise	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
Correcta	0	0	3
		1	6
	1	0	5
		1	24
Correcta Total			38
Incorrecta	0	0	1

		1	5
	1	0	2
		1	6
Incorrecta Total			14
Não sabe a diferença	1	0	1
Não sabe a diferença Total			1
Sem resposta	0	1	1
Total Geral			54

Tabela 26

Perg. 9 – Análise	Correcta		
Aprendizagem Formal	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
NÃO	0	0	1
		1	4
	1	1	13
NÃO Total			18
SIM	0	0	2
		1	2
	1	0	5
		1	11
SIM Total			20
Total Geral			38

Tabela 27

Perg. 5a) - Análise	Quant	% do Total Inq
Correcta	28	52%
Incorrecta	19	35%
2 Incorrectas	5	9%
Incorrecta/ Correcta	2	4%
Total Geral	54	100%

Tabela 28

Aprendizagem Formal	Perg. 5a) - Análise	Quant
NÃO	Correcta	15
	Incorrecta	11
	2 Incorrectas	2
SIM	Correcta	13
	Incorrecta	8
	2 Incorrectas	3
	Incorrecta/ Correcta	2
Total Geral		54

Tabela 29

Perg. 5a) - Análise	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
Correcta	0	0	3
		1	4
Incorrecta	1	0	4
		1	17
Correcta Total			28
Incorrecta	0	0	1
		1	7
Incorrecta/ Correcta	1	0	4
		1	7
Incorrecta Total			19

2 Incorrectas	0	1	1
	1	1	4
2 Incorrectas Total			5
Incorrecta/ Correcta	1	1	2
Incorrecta/ Correcta Total			2
Total Geral			54

Tabela 30

Perg. 5a) - Análise	Correcta		
Aprendizagem Formal	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
NÃO	0	0	2
		1	3
	0 Total		5
	1	1	10
	1 Total		10
NÃO Total			15
SIM	0	0	1
		1	1
	0 Total		2
	1	0	4
		1	7
	1 Total		11
SIM Total			13
Total Geral			28

Tabela 31

Perg. 5d) - Análise	Quant	% do Total Inq
Correcta 1	35	65%
Correcta 1 / Correcta 2	1	2%
Correcta 1 / Incorrecta	4	7%
Correcta 2	5	9%
Incorrecta	8	15%
Não respondeu	1	2%
Total Geral	54	100%

Tabela 32

Aprendizagem Formal	Perg. 5d) - Análise	Quant
NÃO	Correcta 1	15
	Correcta 1 / Incorrecta	1
	Correcta 2	4
	Incorrecta	7
	Não respondeu	1
SIM	Correcta 1	20
	Correcta 1 / Correcta 2	1
	Correcta 1 / Incorrecta	3
	Correcta 2	1
	Incorrecta	1
Total Geral		54

Tabela 33

Perg. 5d) - Análise	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
Correcta 1	0	0	3
		1	6
	1	0	7
		1	19

Correcta 1 Total			35
Correcta 1 / Correcta 2	1	1	1
Correcta 1 / Correcta 2 Total			1
Correcta 1 / Incorrecta	1	0	1
		1	3
Correcta 1 / Incorrecta Total			4
Correcta 2	0	0	1
		1	1
	1	1	3
Correcta 2 Total			5
Incorrecta	0	1	5
	1	1	3
Incorrecta Total			8
Não respondeu	1	1	1
Total Geral			54

Tabela 34

Perg. 5d) - Análise	Correcta 1		
Aprendizagem Formal	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
NAO	0	0	1
		1	4
	1	0	1
		1	9
NAO Total			15
SIM	0	0	2
		1	2
	1	0	6
		1	10
SIM Total			20
Total Geral			35

Tabela 35

Perg. 5d) - Análise	Correcta 2		
NÃO	0	0	1
		1	1
	1	1	2
NÃO Total			4
SIM	1	1	1
SIM Total			1
Total Geral			5

Tabela 36

Perg. 5d) - Análise	Incorrecta		
Aprendizagem Formal	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
NÃO	0	1	5
	1	1	2
NÃO Total			7
SIM	1	1	1
	1 Total		1
SIM Total			1
Total Geral			8

Tabela 37

Perg. 5b) - Análise	Quant	% do Total Inq
Correcta	41	76%
Incorrecta	7	13%
Incorrecta / Correcta	6	11%
Total Geral	54	100%

Tabela 38

Aprendizagem Formal	Perg. 5b) - Análise	Quant
NÃO	Correcta	22
	Incorrecta	4
	Incorrecta / Correcta	2
SIM	Correcta	19
	Incorrecta	3
	Incorrecta / Correcta	4
Total Geral		54

Tabela 39

Perg. 5b) - Análise	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
Correcta	0	0	4
		1	8
	1	0	6
		1	23
Correcta Total			41
Incorrecta	0	1	2
	1	0	2
		1	3
Incorrecta Total			7
Incorrecta / Correcta	0	1	2
	1	1	4
Incorrecta / Correcta Total			6
Total Geral			54

Tabela 40

Aprendizagem Formal	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
NÃO	0	0	2
		1	7

	1	1	13
NÃO Total			22
SIM	0	0	2
		1	1
	1	0	6
		1	10
SIM Total			19
Total Geral			41

Tabela 41

Perg. 5c) - Análise	Quant	% do Total Inq
Correcta	40	74%
Incorrecta	8	15%
Incorrecta/ Correcta/ Incorrecta	4	7%
Incorrecta / Correcta	2	4%
Total Geral	54	100%

Tabela 42

Aprendizagem Formal	Perg. 5c) - Análise	Quant
NÃO	Correcta	23
	Incorrecta	4
	Incorrecta/ Correcta/ Incorrecta	1
SIM	Correcta	17
	Incorrecta	4
	Incorrecta/ Correcta/ Incorrecta	3
	Incorrecta / Correcta	2
Total Geral		54

Tabela 43

Perg. 5c) – Análise	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
Correcta	0	0	2
		1	10
	1	0	7
		1	21
Correcta Total			40
Incorrecta	0	0	1
		1	2
	1	0	1
		1	4
Incorrecta Total			8
Incorrecta/ Correcta/ Incorrecta	0	0	1
	1	1	3
Incorrecta/ Correcta/ Incorrecta Total			4
Incorrecta / Correcta	1	1	2
Incorrecta / Correcta Total			2
Total Geral			54

Tabela 44

Perg. 5c) – Análise	Correcta		
Aprendizagem Formal	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
NAO	0	0	1
		1	8
	1	0	1
		1	13
NAO Total			23
SIM	0	0	1
		1	2
	1	0	6

		1	8
SIM Total			17
Total Geral			40

Tabela 45

Perg. 10 - Análise	Quant	% do Total Inq
Correcta	21	39%
Incorrecta	31	57%
Sem resposta	1	2%
Não respondeu	1	2%
Total Geral	54	100%

Tabela 46

Perg. 10 - Análise	Aprendizagem Formal	Quant
Correcta	NÃO	8
	SIM	13
Incorrecta	NÃO	18
	SIM	13
Sem resposta	NÃO	1
Não respondeu	NÃO	1
Total Geral		54

Tabela 47

Perg. 10 - Análise	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
Correcta	0	1	4
	1	0	3
		1	14
Incorrecta	0	0	4
		1	7

	1	0	5
		1	15
Sem resposta	0	1	1
Não respondeu	1	1	1
Total Geral			54

Tabela 48

Tempo em Portugal	Correcta	Incorrecta	Sem resposta	Não respondeu	Total Geral
1 ano		1			1
2 anos	3	4			7
3 anos	2	4			6
4 anos		5			5
5 anos	1	1			2
6 anos	4	2			6
7 anos	5	7		1	13
7,5 anos			1		1
8 anos	2	6			8
8,5 anos		1			1
9 anos	1				1
10 anos	2				2
20 anos	1				1
Total Geral	21	31	1	1	54

Tabela 49

Perg 3 - Análise	Quant	% do Total Inq
Correcta	31	57%
Incorrecta	21	39%
Não sabe a diferença	2	4%
Total Geral	54	100%

Tabela 50

Aprendizagem Formal	Perg 3 - Análise	Quant
NÃO	Correcta	17
	Incorrecta	11
SIM	Correcta	14
	Incorrecta	10
	Não sabe a diferença	2
Total Geral		54

Tabela 51

Aprendizagem Formal	Perg 3 – Análise	Amigos/conhecidos portugueses	Colegas de Trabalho	Quant
NÃO	Correcta	0	0	2
			1	7
		1	0	1
			1	7
	Incorrecta	0	1	3
		1	1	8
SIM	Correcta	0	0	2
			1	1
		1	0	3
			1	8
	Incorrecta	0	1	1
		1	0	3
			1	6
	Não sabe a diferença.	1	0	1
			1	1
Total Geral				54